

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 10 • 2001/2002



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2001/2002

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS
Volume 10 • 2001/2002 ISSN: 0872-6086

COORDENADOR E
RESPONSÁVEL CIENTÍFICO – João Luís Cardoso
DESENHO – Bernardo Ferreira, salvo os casos
devidamente assinalados
PRODUÇÃO – Gabinete de Comunicação / CMO
CORRESPONDÊNCIA – Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras
Fábrica da Pólvora de Barcarena
Estrada das Fontainhas
2745-615 BARCARENA

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E
REVISÃO DE PROVAS – João Luís Cardoso
MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO – Europress, Lda. – Tel. 21 938 14 50
DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

Estudos Arqueológicos de Oeiras,
10, Oeiras, Câmara Municipal, 2001/2002, pp. 249-361

A GRUTA DA CASA DA MOURA (CESAREDA, ÓBIDOS) E SUA OCUPAÇÃO PÓS-PALEOLÍTICA

Júlio Roque Carreira
João Luís Cardoso⁽²⁾

1 – LOCALIZAÇÃO, CARACTERÍSTICAS GEOLÓGICAS, GEOMORFOLÓGICAS E ESPELEOLÓGICAS

A gruta da Casa da Moura, perto do lugar de Cesareda, ou Cesaredas, do concelho de Óbidos, possui as seguintes coordenadas geográficas (Fig. 1):

Latitude – 39° 19' 36'' lat. Norte

Longitude – 9° 15' 14'' long. Oeste de Greewich

Do local onde a gruta se abre, domina-se vasta paisagem para Norte, embora a entrada daquela se encontre dissimulada pelos próprios afloramentos de calcários do Jurássico Inferior, sendo apenas visível de muito próximo. Com efeito, encontra-se voltada para o céu, correspondendo-lhe uma pequena chaminé interior.

Situa-se a cerca de 160 m de altitude, no rebordo setentrional do planalto das Cesaredas, distando apenas cerca de 25 m da escarpa limítrofe daquela vasta superfície, que constitui a linha divisória entre a bacia hidrográfica do Tejo e as bacias dos cursos de água que afluem ao Oceano, situado para Ocidente cerca de 6 km.

O planalto das Cesaredas, que é parte integrante dos contrafortes setentrionais da serra de Montejunto, corresponde a unidade geomorfológica de contorno alongado, de orientação geral Nordeste-Sudoeste, dominando o vale da Columbeira, a Norte, e o de S. Bartolomeu, a poente, os quais se encontram ligados por uma profunda depressão, que completa, daquele lado, o seu limite. Do lado oriental, a elevação das Cesaredas prolonga-se por outras, mais baixas, que formam o flanco esquerdo do vale do rio Real. A sul, liga-se ao Alto das Castelhanas, constituído por arenitos neocomianos.

⁽²⁾ *Agregado em Pré-História. Professor da Universidade Aberta (Lisboa), Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras)*

Do ponto de vista espeleológico, a estreita chaminé quase vertical, supra referida, com uma largura máxima de 3 m e uma altura de cerca de 4 m, dá acesso a uma sala, de planta irregular, separada de uma outra, mais interior, por um grande bloco, abatido do tecto (Fig. 2). Porém, ambas as salas comunicam através de dois estreitos corredores laterais, existentes ao longo do bloco tombado, bem como por uma galeria superior.

A soleira da primeira sala, onde actualmente aflora na sua totalidade o substrato geológico, inclina para o interior do maciço rochoso, acompanhando o andamento geral do tecto, baixo e irregular; ao contrário, na segunda sala, aquele forma cúpula com cerca de 6 m de altura. O tecto desta segunda sala possui uma estreita fenda vertical, que comunica com a superfície (o “ouvido da Casa da Moura”), actualmente entaipada (Fig. 2). Por seu turno, esta sala vai estreitando e inclinando, até terminal num provável poço vertical, colmatado, cuja terminação não foi reconhecida.

A gruta da Casa da Moura integra-se numa região de abundantes vestígios arqueológicos: para ocidente, avulta a já referida gruta da Furninha, cerca de 10 km para WNW; outras grutas situadas no aro da cavidade em apreço são as da Senhora da Luz, próximo do limite do concelho de Rio Maior com o das Caldas da Rainha, exploradas em 1935 por Manuel Heleno, situadas cerca de 9 km para Este. A monografia a elas dedicada (CARDOSO, FERREIRA & CARREIRA, 1996), evidenciou uma ocupação desde o Neolítico Antigo à Idade do Bronze, com peças revelando muitas semelhanças com as agora estudadas. Outra gruta, situada nas proximidades, é o Abrigo Grande das Bocas, cujos espólios abarcam uma ainda maior diacronia (CARREIRA, 1994). São ainda de mencionar as grutas situadas na ribeira dos Crastos (Caldas da Rainha), igualmente exploradas na mesma época das antecedentes, que forneceram materiais neolíticos e calcolíticos, com destaque para os campaniformes (FERREIRA, NORTH & LEITÃO, 1977), ausentes da Casa da Moura. Todas estas cavidades, com ocupações pré-históricas de carácter sepulcral, têm correspondência em diversos povoados da região, como o Outeiro da Assenta (PEREIRA, 1915), 9 km para ENE e o Outeiro de S. Mamede, 7,5 km para ESE, cujos espólios, em boa parte inéditos, revelam assinaláveis semelhanças com os da Casa da Moura.

2 – TRABALHOS REALIZADOS

A escavação da gruta deveu-se a J. F. Nery Delgado (1835-1908), na altura em que era Adjunto da Comissão Geológica de Portugal, à época da primeira exploração, sob a presidência conjunta de F. Pereira da Costa e de Carlos Ribeiro, a qual, aquando da segunda intervenção, era apenas dirigida por Carlos Ribeiro.

A primeira exploração remonta a 1865, sendo Nery Delgado então jovem Tenente; a exploração da primeira sala da gruta permitiu-lhe atingir um depósito inferior, de idade pliocénica, de coloração avermelhada, com uma potência média estimada em 2,0 m; encontrava-se mais ou menos endurecido e concrecionado pela precipitação de carbonato de cálcio, resultante da circulação das águas de infiltração na cavidade. Continha numerosos restos de aves, de carnívoros e de lagomorfos. Assentava em camada estalagmítica basal, constituindo uma espécie de soleira, regularizando a rocha viva, constituída, como se referiu, por calcários jurássicos.

Na época, este depósito pareceu isento de presença humana; porém, é a ele que deverão reportar-se diversos instrumentos do Paleolítico Superior, separados por critérios estritamente tipológicos das peças mais modernas, primeiro por H. Breuil, aquando da sua primeira deslocação a Portugal (BREUIL, 1918), depois por sucessivos especialistas que sobre os mesmos se debruçaram (ROCHE, 1951; FRANÇA, ROCHE & FERREIRA, 1961; ZILHÃO, 1987, 1997; CARDOSO & GOMES, 1994).

Em 1987, com o objectivo de se obterem novos elementos susceptíveis de uma melhor caracterização cultural da ocupação paleolítica – atribuída, segundo os autores, ao Gravettense, Solutrense e ao Magdalenense – foi efectuada sondagem limitada em local onde ainda se conservava retalho do depósito plistocénico. Os resultados obtidos (STRAUS *et al.*, 1988) permitiram não só confirmar a sequência descrita por Nery Delgado, mas também datar a ocupação basal da cavidade, correspondente essencialmente a um covil de lobos e de outros carnívoros: uma mandíbula de lobo deu o resultado de TO – 1102 – 25090±220 BP, anterior, portanto, à ocupação humana mais antiga detectada, com base na tipologia dos artefactos.

O depósito mais recente, separado do anterior por um leito estalagmítico apresentava-se, ao contrário daquele, muito pouco consolidado, possuindo coloração anegrada devido à matéria orgânica. Além dos abundantes restos humanos neolíticos, possuía muitos despojos arqueológicos, objecto deste estudo.

Os trabalhos de Nery Delgado na Casa da Moura podem considerar-se como precursores da moderna investigação arqueológica, seguindo o método científico, mesmo a nível internacional, por vários motivos. Sendo uma acção isolada, iniciada em Janeiro de 1865, integra-se, contudo, no reconhecimento geológico da região, do qual a avaliação da sua ocupação pré-histórica constituía, à época, parte integrante. Tal situação explica a exploração de outras grutas com ocupações pré-históricas do planalto das Cesaredas, como a gruta de Malgasta e a Lapa Furada, também por iniciativa de Nery Delgado, cujos espólios se mantiveram inéditos até época recente (CARREIRA & CARDOSO, 1992a). Mais tarde, em 1879/1880, Nery Delgado voltou a realizar trabalhos arqueológicos na gruta, com o propósito de aumentar as colecções da Comissão Geológica, tendo em vista a sua apresentação aos participantes na IX Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Históricas; com efeito, com a dissolução da 2ª. Comissão Geológica, em 1868, em consequência dos desentendimentos criados entre os dois membros-directores da mesma, Carlos Ribeiro e F. Pereira da Costa, as colecções até então reunidas – nas quais se integravam as peças recuperadas nas escavações de 1865 da Casa da Moura – foram transferidas para o edifício da Escola Politécnica, onde Pereira da Costa era Lente de Mineralogia e de Geologia.

Os trabalhos de escavação mais modernos, foram acompanhados por outros, na vizinha gruta da Furninha (Peniche), também dirigidos por Nery Delgado. O rigor científico com que esta última escavação foi executada, ainda hoje se evidencia pela forma como as peças se encontram individualmente etiquetadas, com a menção das respectivas camadas e profundidades de colheita. De igual modo, algumas peças da Casa da Moura ostentam marcações que indicam ter sido o espaço escavado dividido por quadrícula (letra) e registada a respectiva profundidade (ou o afastamento horizontal a qualquer linha de referência), correspondente ao número inscrito a seguir às referidas letras. O conjunto depositado no Museu do Instituto Geológico e Mineiro (e só este) possui, no verso, peça a peça, uma ou duas etiquetas, com uma letra alfabética minúscula,

seguida de uma medida em metros (variando esta entre 0,20 m e 2,0 m). A segunda etiqueta, quando existe, refere-se a uma data, que se supõe ser a da intervenção arqueológica.

A escavação de 1865 – entre as primeiras, senão a primeira escavação em uma gruta com ocupação pré-histórica na Península Ibérica – deu origem a uma notável monografia arqueológica, publicada em 1867 (DELGADO, 1867, cujo título desde logo evidencia a principal preocupação do seu Autor, aliás em sintonia com uma das questões filosóficas e científicas mais candentes da sua época: a demonstração da antiguidade da espécie humana, por critérios científicos. O título, “Da existencia do Homem no nosso solo em tempos mui remotos provada pelo estudo das cavernas. Primeiro opusculo – Noticia ácerca das grutas da Cesareda”, é bem expressivo da influência da obra de Charles Lyell, cuja primeira edição inglesa, de 1863, foi logo no ano seguinte traduzida para francês, “The geological evidences of the antiquity of Man”. Nela, o Autor explicita o cuidado em decapar as camadas arqueológicas, preocupação que, na época, poucos arqueólogos europeus possuíam, designadamente os de formação geológica, como Nery Delgado: “Levantado o entulho, uma camada após outra, fácil nos foi recolher todos estes objectos, sabendo-se sempre a altura a que tinham sido achados n’um ou n’outro ponto da gruta” (DELGADO, 1867, p. 46). Caso a publicação de Nery Delgado tivesse atingido um público mais alargado, talvez que o morfotipo humano de Cro-Magnon fosse conhecido, actualmente, por nome português, dada a descoberta de um crânio, poder efectivamente provir do depósito inferior (o Autor dá-o como recolhido “na parte mais profunda do entulho remexido”, *op. cit.*, Fig. I). Infelizmente, esta peça extraviou-se, sendo, pois, impossível avaliar a sua idade absoluta. Mas o impacto desta publicação foi, apesar de tudo, significativo. Ela mereceu a W. Boyd Dawkins, na sua célebre obra “Cave Hunting, researches on the evidence of caves respecting the early inhabitants of Europe” (DAWKINS, 1874) uma desenvolvida referência de duas páginas e meia (pp. 145-147). Importa referir algumas passagens em pormenor, dado o seu evidente interesse, não apenas histórico. A propósito do crânio supra referido, o Autor apresenta os seguintes comentários:

“A human skull with lower jaw was dug out of the deepest part, but, since the matrix had been disturbed, it had probably been interred after the accumulation of the deposit.

It is recognized by Professor Busk (*Ethnol. Journ. N. N. 7, p. 43*) as belonging to the same long type as the skulls of the caves of Gibraltar and the Basque graveyard, measuring in length 6.7 inches, in breadth 5.3, in height 5.5, and therefore possessing cephalic and latitudinal indices of .785 and .820.”

Verifica-se, pois, que já na época era atribuída a devida importância – embora com as reservas já expressas quanto à sua antiguidade – a este achado.

Boyd Dawkins faz também desenvolvidos comentários aos materiais recolhidos por Nery Delgado no depósito superior, realçando as centenas de restos humanos, todos muito fragmentados e incompletos, a ponto de não ser possível reconstituir totalmente um único esqueleto, discutindo, ainda, a questão da antropofagia, com base nas marcas conservadas nos ossos longos: referindo-se à ausência sistemática das extremidades articulares nos ossos longos, às fracturas longitudinais que ostentam e às marcas de corte e de raspagem observadas em alguns deles, sustenta aquela hipótese, a qual foi rebatida por Busk. A discussão em torno do tema referido constituiu um dos assuntos principais do Congresso de 1880, reunido em Lisboa: Nery Delgado mostrou-se, então, um seu declarado defensor, com base nos materiais exumados nas diversas

escavações por si realizadas, com destaque para os da gruta da Furninha. Como já tivemos (J.L.C.) oportunidade de referir noutro lado, os dados de observação aludidos estavam correctos: de facto, a superfície dos ossos humanos poderia ostentar marcas de raspagem, ou mesmo de corte (descontando as devidas a pequenos carnívoros ou roedores), a que se poderiam somar até marcas de fogo; contudo, a interpretação apresentada teve de ser revista à luz das práticas rituais funerárias vigentes à época, entretanto reconhecidas, mesmo em estações portuguesas, as quais passavam frequentemente pela descarnação dos cadáveres e pela deposição dos despojos em verdadeiros ossuários, por vezes acompanhada de rituais de fogo, como o observado na Lapa do Fumo por E. da Cunha Serrão e G. Marques.

Boyd Dawkins faz ainda referência a uma ponta de Palmela (Fig. 62, n.º 4) e a uma placa de xisto ornamentada com triângulos e “zig-zags”, que foram atribuídos por John Evans à Idade do Bronze, “probably to an early stage, when stone was being superseded by bronze, since many stone celts were found in the same spot” (*op. cit.*, p. 147).

A importância internacional granjeada ao tempo pelas investigações arqueológicas desenvolvidas pela Comissão Geológica de Portugal, encontra-se bem evidenciada pela correspondência trocada entre os seus membros e os mais eminentes arqueólogos europeus, a qual se estendia, frequentemente, à permuta de espécimes arqueológicos. É essa prática, então comum, que justifica o envio a John Evans de uma colecção de objectos pré-históricos portugueses (CARDOSO & MELO, 2000, carta n.º 8), entre os quais alguns da Casa da Moura. Tais materiais ainda hoje se encontram expostos, no Ashmolean Museum, de Cambridge, onde foram observados por um de nós (J.R.C.).

A grande abundância do material antropológico exumado justificou, por seu turno, uma curta nota de F. de Paula e Oliveira, publicada a título póstumo, a qual apresenta apenas a descrição e classificação de crânios e mandíbulas, mais ou menos completos, sem mais comentários (OLIVEIRA, 1888/1889). No concernente ao espólio arqueológico, não obstante a extraordinária riqueza e importância do mesmo, este jamais viria a ser objecto de estudo, tendo-se mantido inédito até à actualidade, com excepção de algumas peças consideradas mais significativas. Assim, E. Cartailhac reproduz diversos desenhos das seguintes peças da Casa da Moura (CARTAILHAC, 1886):

- calote craniana com marcas de trepanação incompleta (Fig. 81, 82); conserva-se actualmente no Museu do Instituto Geológico e Mineiro;
- duas lâminas e três pontas de seta (Fig. 83 a 87); actualmente, das lâminas apenas se conserva uma (Fig. 83) e das pontas de seta, duas (Fig. 84 e 86);
- duas grandes alabardas de sílex, uma do tipo “Casa da Moura” (Fig. 88), que se conserva, outra de base bicôncava, desaparecida (Fig. 89);
- alabarda ou punhal de folha larga, com dois chanfros de encabamento laterais basais (Fig. 90), que se conserva;
- lâmina retocada com ambas as extremidades em raspadeira (Fig. 91) e raspadeira sobre lasca (Fig. 92), a segunda desaparecida;

- goiva (Fig. 94 e 95); conserada;
- báculo (Fig. 96, 97); conservado;
- quatro placas de xisto decoradas (Fig. 100 a 104), todas ainda conservadas;
- cinco contas de diversas rochas e minerais (Fig. 109 a 111, 114 e 115), das quais se identificaram duas (Fig. 109 e 111);
- dois botões de tipo “tartaruga”, campaniformes, de osso (Fig. 112, 113), ambos conservados;
- um alfinete com cabeça espatulada a qual, dado o seu desenvolvimento, justifica a sua inclusão neste grupo (Fig. 117), ainda conservada;
- um fragmento de alfinete com cabeça postíca, lisa (Fig. 117), também ainda conservado.

O desaparecimento de algumas das peças desenhadas, desde a época em que E. Cartailhac as observou, é consequência directa das vicissitudes que a colecção de Pré-História da Comissão Geológica sofreu; com efeito, a transferência do recheio reunido para a Escola Politécnica, em consequência da sua extinção em 1868 (de onde jamais retornou, mesmo depois de novamente restaurada, no ano seguinte, soma-se o envio de algumas peças para o Museu Nacional de Arqueologia, então dirigido por J. Leite de Vasconcellos, aonde também foram parar algumas das transportadas para a Escola Politécnica. Deste modo, os materiais reunidos por Nery Delgado dispersaram-se por três instituições, não sendo de estranhar que, em tais circunstâncias, algumas das peças – não necessariamente as melhores, como se verificou – se tenham extraviado.

Em 1880, A. Bensaúde apresentou à IX Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Históricas, reunido em Lisboa, um estudo, para a época pioneiro, sobre a natureza mineralógica e petrográfica de artefactos pré-históricos conservados no Museu da Secção dos Trabalhos Geológicos. Da Casa da Moura, publicou uma conta bitroncocónica de fluorite, materiais de pedra polida de fibrolite e um fragmento de possível conta de colar de amazonite (variedade de microclina). Todas estas peças são de materiais desconhecidos no actual território português (BENSAÚDE, 1884).

Ainda no âmbito da história das investigações realizadas na gruta da Casa da Moura, importa salientar que parte significativa das peças reproduzidas numa colecção de belas litografias coloridas, executadas por ordem de F. Pereira da Costa provem da Casa da Moura. Tais gravuras, que só muito recentemente foram publicadas (CARREIRA & CARDOSO, 1996), representam diversas peças, actualmente conservadas no Museu Nacional de Arqueologia e agora estudadas. Destinavam-se à ilustração de um catálogo, a ser distribuído aquando da Exposição Universal de Paris, de 1867. A razão para o actual paradeiro foi já apresentada no citado trabalho: com efeito, em 1905, por acordo entre Jacinto Pedro Gomes, Director da Escola Politécnica e J. Leite de Vasconcellos, deram entrada no Museu então dirigido por este último, os exemplares de carácter arqueológico, correspondentes ao material exumado em 1865 por Nery Delgado, ficando apenas na Escola Politécnica o espólio de interesse estritamente paleontológico da Casa da Moura,

entretanto destruído pelo incêndio que ali deflagrou em 1978. Dentro destas premissas, é-se levado a concluir que, tanto o espólio arqueológico quanto o paleontológico, actualmente conservado no Museu do Instituto Geológico e Mineiro, resultou da segunda campanha de escavações, realizada em 1879/1880, enquanto que o espólio arqueológico existente no Museu Nacional de Arqueologia foi, como se disse, obtido na campanha de 1865, conclusão reforçada pelo facto de ser, apenas, neste conjunto, que se encontram peças reproduzidas nas litografias mandadas executar por Pereira da Costa, antes de 1867.

Impunha-se, deste modo, a preparação de um estudo que integrasse a totalidade dos materiais actualmente existentes, uns no Museu do Instituto Geológico e Mineiro, outros no Museu Nacional de Arqueologia, os quais, com excepção dos pertencentes ao Paleolítico Superior, foram remetidos a um imerecido esquecimento, mantendo-se, na sua quase totalidade, inéditos. É para dar a conhecer a totalidade do espólio arqueológico ainda existente destas pioneiras investigações – já que o espólio paleontológico foi já objecto de estudo sistemático (CARDOSO, 1993) – que se elaborou, ao longo de vários anos e sempre que as circunstâncias o permitiam – o presente contributo. Este trabalho justifica-se pela importância científica dos materiais, e ainda por resultarem da primeira escavação arqueológica conduzida em Portugal em uma gruta pré-histórica: quase cento e quarenta anos volvidos desde que foram descobertos, pelo esforço pioneiro de Nery Delgado, a sua publicação à poderá ser, também, entendida como uma homenagem àquele que foi um dos mais notáveis arqueólogos e geólogos europeus do seu tempo, cuja obra foi já devidamente realçada, tanto do ponto de vista geológico (CHOFFAT, 1908) como arqueológico (ZILHÃO, 1993; CARDOSO, 1999/2000).

5 – ESTUDO DOS MATERIAIS ARQUEOLÓGICOS

1.1 – Indústria de pedra polida

Ascende a várias dezenas de artefactos a utensilagem de pedra polida exumada por Nery Delgado na Casa da Moura. A exemplo de outras necrópoles coevas é essencialmente constituída por machados e enxós, estando ainda presentes alguns outros tipos, menos frequentes, como as goivas.

Machados (Fig. 3, nº. 1 a 8; Fig. 4, nº. 1 a 6; Fig. 5, nº. 1 a 5; Fig. 6, nº. 1, 2, 5 a 9; Fig. 7, nº. 1 a 3, 6, 7 e 9)

Nas estampas supracitadas representam-se machados de pedra polida de tipologia diversa que foram agrupados da seguinte forma:

1 – machados de secção subcircular a circular. Revelam na generalidade um polimento essencialmente reduzido à proximidade do gume conservando o corpo picotado (Fig. 3, nº. 4, 7 e 8; Fig. 6, nº. 6; Fig. 7, nº. 7);

2 – machados de tendência prismática e secção subquadrangular, ostentando nas faces maiores um polimento desenvolvido, com os topos sumariamente regularizados. Os gumes não se apresentam

significativamente desenvolvidos relativamente à largura média das peças. Trata-se do grupo mais numeroso, estando representado pelos exemplares das Fig. 3, nº. 1 a 3, 5 e 6; Fig. 4, nº. 2; Fig. 6, nº. 8);

3 – machados de tendência mais espalmada, com gumes arqueados mais desenvolvidos que os do grupo anterior, conferindo-lhes contorno subtrapezoidal; o polimento apresenta-se mais elaborado, ocupando a quase totalidade das faces maiores estendendo-se aos topos (Fig. 4, nº. 3 a 6; Fig. 5, nº. 2 a 5; Fig. 6, nº. 1, 2, 5, 7 e 9; Fig. 7, nº. 1 a 3, 6 e 9).

No critério evolutivo admitido por vários autores, o último subtipo corresponde ao mais recente, dos três considerados. No conjunto, a maioria dos machados da Casa da Moura afiguram-se arcaicos, mal polidos, de secções sub-quadrangulares mais ou menos irregulares ou sub-circulares, características compatíveis com a tipologia dos exemplares do Neolítico Antigo da gruta do Caldeirão (ZILHÃO, 1992, Fig. 7.7). Existem formas de transição como as representadas pelos exemplares das Fig. 4, nº. 1 e Fig. 5, nº. 1, os quais exibem secções elípticas, contornos subtrapezoidais e polimento deficiente. Nesta perspectiva, estes exemplares colocam-se entre o primeiro e terceiro dos grupos considerados.

Um exemplar mutilado, de secção cilíndrica, evidencia picotagem generalizada, vestígio de etapa da inicial de formatação do utensílio, sobretudo evidente nos machados de secção rectangular; tais indícios foram parcialmente eliminados por um polimento posterior, destinado à regularização da peça.

Como seria de esperar em contexto funerário, os vestígios de utilização, nomeadamente massacramento dos talões e gumes, revelam-se raros.

A existência de rede de distribuição das matérias primas, onde dominam largamente as rochas de alto grau de metamorfismo do grupo dos xistos anfibolíticos, sugere comércio estável e duradouro, a nível transregional, de características semelhantes ao já descrito para o povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras), situado cerca de 70 km para Sul (CARDOSO & CARVALHOSA, 1995; CARDOSO, 1999/2000). Tal como ali, são evidentes as relações estabelecidas com o Alto Ribatejo (Abrantes) – região de onde mais perto poderiam provir tais rochas e o Alto Alentejo. Admitindo-se que parte deste conjunto remonte ao Neolítico Antigo, é interessante verificar que o abastecimento de rochas duras poderá remontar a tal época, à semelhança do observado na gruta do Caldeirão, Tomar (ZILHÃO, 1992), embora os afloramentos de rochas anfibolíticas se encontrassem, neste caso, muito mais próximos do local da jazida arqueológica.

Directamente conectado com o comércio destas peças, importa discutir o processo de transporte da matéria-prima, a qual poderia revestir a forma de lingotes líticos, ulteriormente transformados em diversos artefactos, de acordo com as necessidades locais, sentidas em cada momento; tal realidade foi, aliás demonstrada em Leceia, ao ocorrerem lingotes sumariamente desbastados, o que não invalida, porém, que alguns possam ter sido já importados na forma final, prontos a serem utilizados. A presença de lingotes para a confecção de artefactos de pedra polida, foi, aliás, de há muito identificada por A. do Paço, no povoado de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja), e adequa-se a uma perspectiva económica que não parece de dispicienda aplicação aos tempos pré-históricos.

A segunda opção, do transporte de peças já manufacturadas implicaria, de qualquer modo, que o encabamento fosse feito apenas no local de utilização final.

Alguns exemplares revelam zonas rugosas ou sem polimento nas faces laterais; estas, mais do que uma imperfeição ou arcaísmo, podem relacionar-se com a procura de um encaixe mais adaptado ao suporte.

Enxós (Fig. 5, nº. 6 a 9; Fig. 6, nº. 3 e 4; Fig. 7, nº. 4, 5 e 8; Fig. 8, nº. 1 a 7; Fig. 9, nº. 1 a 8)

As enxós constituem um grupo tipologicamente mais monótono que o dos machados. Trata-se sempre de peças espalmadas, não encurvadas, mas apenas ligeiramente dissimétricas quando vistas em secção longitudinal, dissemetria que se acentua no gume, constituindo elemento de diagnose tradicionalmente utilizado na sua separação dos machados (CARDOSO, 1999/2000). Quanto ao contorno, verifica-se a existência de exemplares rectangulares mais ou menos alongados e de tendência subtrapezoidal e subtriangular. Esta forma e tipo de acabamento manteve-se inalterada desde o Neolítico Antigo, estando presente no povoado de Salema, Sines (SOARES & SILVA, 1979, Fig. 20) e no de Cabranosa (CARDOSO, CARVALHO & NORTON, 1998, Fig. 16), até o Neolítico Final, onde são muito frequentes, na Baixa Estremadura, em diversos tipos de necrópoles, como a Lapa do Bugio, Sesimbra (CARDOSO, 1992).

No caso da utilização de xistos siliciosos muito finos, verifica-se a presença de amplos negativos de lascagem de uma fase preliminar de regularização do lingote, antecedendo imediatamente o polimento final.

A utilização de rochas relativamente brandas na produção de enxós, nomeadamente xistos siliciosos, cuja origem é provável que se situe no Maciço Calcário Estremenho, evidencia a vantagem de materiais que, embora sem grande dureza, ou resistência, pudessem ser facilmente divisíveis em lâminas (de reduzida espessura), que possibilitavam, por sucessivos e simples reavivamento dos gumes por polimento simples, a continuidade da sua utilização.

A exemplo do sucedido noutros lugares funerários, as enxós parecem evidenciar uma maior variabilidade petrográfica relativamente aos machados. Porém, faltam estudos sistemáticos e de classificação rigorosa das rochas em apreço, com recurso à observação ao microscópio de luz polarizada, para que sejam possíveis maiores certezas.

Goivas (Fig. 10, nº. 4)

Representa-se na Fig. 10, nº. 4, o único exemplar de goiva proveniente da Casa de Moura. Trata-se uma peça de secção quase circular de anfíbolito, totalmente polida, de contorno alongado, embora sem atingir as grandes dimensões de alguns exemplares provenientes de diversos monumentos megalíticos alentejanos. Georg e Vera Leisner (LEISNER & LEISNER, 1951), consideravam tais exemplares como pertencentes a um grupo diferenciado dos de menores dimensões, dominantes nas jazidas neolíticas do litoral ocidental, onde esta gruta se insere. Com efeito, no Calcolítico da Estremadura, as goivas rareiam assinalavelmente. Assim, no povoado calcolítico fortificado de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja), onde foram recolhidos mais de um milhar de machados a frequência de goivas era aproximadamente cem vezes menor (JALHAY & PAÇO, 1945).

Apesar de não poder ser considerada rara, a presença de goivas em contextos funerários é, por regra, reduzida e limitada circunstância que sugeriu a E. Cartailhac – que reproduziu, como atrás se disse o

presente exemplar – (CARTAILHAC, 1886: 175) a hipótese de serem utensílios caracteristicamente portugueses.

Outros artefactos de pedra polida

Na Fig. 10, nº. 1 a 3 e 5 a 7, representam-se diversos machados de pequenas dimensões, com excepção do último, totalmente polidos, de fibrolite. Relembre-se que tal tipo petrográfico tinha já sido assinalado, na Casa da Moura, por A. Bensaúde (BENSAÚDE, 1884). Trata-se de rocha ultrametamórfica, constituída por silimanite fibrosa, com origem em pelitos ricos de alumina, desconhecida no território português, sobretudo em massas suficientemente importantes que permitam a confecção de tais utensílios. Um estudo sobre a distribuição de artefactos de fibrolite no território português foi apresentado há cerca de cinquenta anos por O. da Veiga Ferreira (FERREIRA, 1953); ali se referem três dos artefactos agora estudados. Verifica-se a ocorrência de utensílios desta natureza em todo o território português, porém com duas concentrações mais evidentes, uma na Estremadura – por certo em consequência de maior incidência das pesquisas – outra na Beira Interior (*op. cit.*, Fig. 1), neste caso talvez em consequência de uma maior proximidade das fontes de matéria-prima.

A importância desta rocha que é, segundo o autor, abundante em zonas da Meseta, com destaque para a região de Somosierra, justificar-se-ia não tanto por razões de dureza, mas sobretudo por outras, de ordem estética ou simbólica. Com efeito, a fibrolite ostenta frequentemente belas tonalidades, evidenciadas pelo polimento, podendo ser, deste modo, aproveitada para o fabrico utensílios de características ou destinados a usos especiais; os gumes, em geral intactos, mesmo nos raros exemplares oriundos de contextos habitacionais, parecem justificar finalidade essencialmente votiva ou simbólica.

5.2 – Indústria de pedra lascada

A indústria de pedra lascada exumada na Casa da Moura revela assinalável diversidade de tipos e formas. No conjunto da utensilagem, dominam as pontas de seta e as lâminas e, em menor proporção, outros tipos líticos como os micrólitos, os punhais e as alabardas.

A exemplo de outros sítios estremenhos, a Casa da Moura apresenta no conjunto do espólio um numeroso quantitativo de artefactos de sílex, facto a que não será estranho a relativa abundância desta matéria, sob a forma de nódulos, nos calcários jurássicos e cretácicos que constituem a ossatura da Estremadura, da Arrábida ao Cabo Mondego (Maciço Calcário Estremenho).

Lâminas

Apresentam secções triangulares e rectangulares. No que se refere aos retoques, estes apresentam-se em geral marginais e contínuos em ambos os bordos, só excepcionalmente desenvolvidos sobre a face inversa. As extremidades só apresentam-se trabalhadas em dezanove exemplares por retoques abruptos ou

semi abruptos, dando origem a truncaturas subrectilíneas ou a gumes convexos, apenas apontados em dois exemplares (Fig. 13, n.º 16 e Fig. 14, n.º 10). Não parece evidenciar-se mutilação intencional das lâminas assinalada em outros contextos funerários (LEISNER & LEISNER, 1951, pp. 163).

Assim, embora os segmentos conservados possuam a extremidade proximal, em geral, com o bolbo de percussão por vezes eliminado intencionalmente, as fracturas que ostentam parecem dever-se a causas naturais ou acidentais. Um dos raros segmentos laminares medianos – que poderia sugerir aquela mutilação – possui vestígios de utilização na face inferior (Fig. 13, n.º 8), denunciado por brilho nacarado intenso. Outra lâmina possui idêntica pátina (Fig. 13, n.º 6), embora circunscrita a sector intermédio do gume.

As lâminas são artefactos líticos largamente divulgados em contextos funerários megalíticos do Baixo Tejo, em proporções que não encontram paralelos noutras regiões do País: esta abundância é directamente conectada com a proximidade das fontes desta matéria-prima.

Em função da abrangência do retoque, o conjunto foi dividido em três categorias:

- a) lâminas não retocadas. Dos grupos definidos, é o melhor representado. A sua cronologia revela-se essencialmente neolítica (LEISNER & LEISNER, 1951, pp. 59). Os mesmos investigadores evidenciam um aumento das dimensões médias destes utensílios para momentos avançados do megalitismo. As suas secções revelam-se sobretudo triangulares e, com menor frequência, trapezoidais;
- b) lâminas de retoque marginal;
- c) lâminas de retoque reentrante. Revelam, relativamente aos tipos anteriores, secções maioritariamente trapezoidais e mais espessas. A sua cronologia é essencialmente calcolítica. Embora com frequência registadas em ambientes neolíticos, é sobretudo no Calcólítico que a sua presença aumenta significativamente.

De registar, ainda, alguns pequenos troços de lâminas, claramente em resultado de fractura após a feitura da peça, restando apurar se foram consequência de acto intencional ou de mero acidente.

Lamelas

As lamelas encontram-se representadas por diversos exemplares (Fig. 11, n.º 26 a 29), que revelam, a exemplo do sucedido para as lâminas, frequentes mutilações, em resultado da sua fragilidade.

Com excepção de duas peças de reduzidas dimensões, em cristal de rocha, as restantes lamelas foram executadas em sílex, de coloração predominantemente cinzento avermelhada, comum a tal matéria-prima na região de Rio Maior, onde é muito abundante.

Presentes um pouco por toda a fachada atlântica, evidenciam uma cronologia adstrita ao Neolítico Final. A exemplo de outros contextos funerários coevos, as lamelas, na Casa da Moura, constituem um utensílio subrepresentado no conjunto da indústria lítica, sem que tal facto se possa imputar a deficientes técnicas de recolha.

Micrólitos

Os trapézios constituem o grupo de micrólitos exclusivo da Casa da Moura. Apresentam-se, em geral, executados sobre lâminas de secção triangular ou trapezoidal. Identificaram-se trapézios de base recta (Fig. 11, n.º 1 a 5), e dois com retoque inverso, como o documentado na gruta II da Senhora da Luz (CARDOSO, FERREIRA & CARREIRA, 1996, pp. 202).

A maioria das truncaturas é rectilínea, produzidas por retoques semi abruptos, correspondendo a formas de contorno assimétrico; mais raramente, uma das truncaturas apresenta-se côncava, dando origem a extremidades, por vezes, pronunciadas (Fig. 11, n.º 6 e 16). Apenas um exemplar possui um entalhe lateral basal (tipo “Monchique”) (Fig. 11, n.º 25).

É de assinalar a ausência de crescentes e de triângulos.

Os trapézios são artefactos frequentemente integrantes dos espólio de monumentos megalíticos de feição arcaica, em associação a machados de pedra de polida de secção circular, como foi comprovado há muito, tanto no Alto como no Baixo Alentejo (SILVA & SOARES, 1983). Na Estremadura, encontram-se sobretudo documentados em cavidades naturais e ainda noutros sítios funerários do Neolítico Final, como as grutas artificiais da Quinta do Anjo, Palmela, onde a sua riqueza e diversidade permitiu ensaio de classificação tipológica (LEISNER, ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1961). Foram conectados com o nível de fundação e na câmara ocidental do monumento da Praia das Maças, também reportável a uma gruta artificial, já que se encontra em boa parte escavado no substrato calcário (LEISNER, ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1969), em associação com pontas de seta, essencialmente de base recta ou pedunculada, placas de xisto e alfinetes de cabeça postíça, lisa ou canelada.

Comuns até o Neolítico Final, começam então a ser progressivamente substituídos pelas pontas de seta, artefactos de funcionalidade parcialmente sobreponível.

Os trapézios com “encoche” na base menor, também designados por trapézios tipo “Monchique”, constituem o tipo 5 da tipologia de Georg e Vera Leisner (LEISNER & LEISNER, 1951, pp. 58), que os consideram uma forma tardia no conjunto deste utensílios e derivada da “influência da ponta de seta de base côncava” (*op. cit.*, pp. 54).

Foram referenciados, entre outros sítios arqueológicos, no monumento megalítico da Palhota, Melides, Santiago do Cacém, atribuído à fase média do megalitismo regional (SOARES & SILVA, 1976/1977, pp. 109), na Gruta do Lugar do Canto (LEITÃO *et al.*, 1987, pp. 46 e 47) e em vários megálitos escavados por Manuel Heleno Alto Alentejo siglados por GN, KP, ES, BJ, DE, ES, GU (coleções do Museu Nacional de Arqueologia). A sua presença na gruta artificial n.º 3 da Quinta do Anjo, Palmela (LEISNER, ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1961), poderá estar relacionada com o horizonte de fundação daquele monumento. Segundo G. e V. Leisner, constituiu um tipo pouco frequente nas antas de corredor (LEISNER & LEISNER, 1951, pp. 58). A impressão transmitida é a de que se trata de tipo de distribuição alargada ao Sul e à Estremadura, que atingiu o Neolítico Final, mas cujo apogeu poderá ter-se verificado na etapa inicial desta fase cultural, em consonância, aliás, com a data recentemente obtida para a Gruta do Lugar do Canto: Sac – 1715 – 4046-3752 cal BC, onde são muito abundantes, por um de nós (J. L. C.).

Um dos micrólitos da Casa da Moura apresenta ponta pronunciada, ulteriormente partida, constituindo uma variante assinalavelmente rara designada pelos mesmos investigadores como “micrólito de ponta lateral”.

De referir que todos os micrólitos se encontram elaborados em matérias siliciosas de colorações diversas, dominado a cinzenta.

Pontas de seta

É abundante o volume e a diversidade das pontas de seta exumadas na Casa da Moura. Com exceção de raros exemplares elaborados em quartzo, o sílex, de coloração essencialmente acinzentada, de origem regional, aparece como a matéria prima dominante.

Em função da conjugação da morfologia basal e do contorno, foram definidos os seguintes grupos:

Pontas de seta de base bicôncava

Este grupo engloba um significativo número de exemplares figurados (Fig. 16, nº. 16 e 18; Fig. 17, nº. 1 a 9; Fig. 19, nº. 1 a 9). Possuem, em geral, contorno especialmente alongado, as escassas pontas de pedúnculo pouco saliente, bem como trabalho bifacial cuidado. A larga maioria das pontas de seta que ostentam pedúnculo mais proeminente são de tendência mais curta e larga. Os bordos nunca se apresentam serrilhados, sendo em geral subretilíneos, ou ligeiramente convexos. O retoque é invasor, embora nalguns casos se conservem superfícies originais dos suportes, especialmente na zona central do reverso. De realçar um exemplar com pedúnculo proeminente (Fig. 16, nº. 15) que encontra paralelos próximos na Gruta II da Senhora da Luz (CARDOSO, FERREIRA & CARREIRA, 1996, Fig. 21, nº. 14).

Pontas de seta de base triangular

Neste grupo consideraram-se os exemplares cuja base possui os bordos laterais mais ou menos retilíneos (Fig. 16, nº. 17; Fig. 17, nº. 10 a 21; Fig. 18, nº. 1 a 3; Fig. 19, nº. 10 a 24). É de salientar a ocorrência de variantes de pequeno comprimento e morfologia quase losânguica (Fig. 17, nº. 12 e 13). Outros exemplares possuem base proeminente (Fig. 17, nº. 16).

Pontas de seta de base ogival ou arredondada

Integram este grupo vários exemplares (Fig. 18, nº. 4 a 12). Ostentam bordos laterais invariavelmente retilíneos e retoques pouco desenvolvidos. As bases são maciças, curtas e de contorno romboidal.

Pontas de seta com aletas laterais incipientes

Possuem bases convexas ou triangulares (Fig. 18, nº. 14 a 17; Fig. 20, nº. 1 a 9). As pontas de seta munidas de aletas, embora de comprimento muito diferente, parecem corresponder a formas proporcionalmente mais esbeltas e alongadas que as anteriores, embora não se notando, ao nível do acabamento, diferenças

evidentes. Pelo contrário, coexistem exemplares retocados ao lado de outros apenas sumariamente trabalhados que conservam ainda as arestas longitudinais dos suportes laminares primitivos (Fig. 20, n.º 4, 8 e 9).

Pontas de seta de base côncava

Tal como o anterior, trata-se de grupo tipologicamente heterogéneo, ostentando bordos rectilíneos (Fig. 20, n.º 10 a 19), côncavos (tipo torre Eiffel de A. do Paço, Fig. 20, n.º 11) ou convexos. Neste último conjunto se integram diversos exemplares mitriformes, dos quais o mais típico apresenta pronunciado espigão terminal, ainda que incompleto (Fig. 20, n.º 19).

Punhais e alabardas

O lote de punhais e alabardas exumado na Casa da Moura (Est. 21, n.º 5 a 7; Est. 22; Est. 23) constitui, pelo seu número, variedade e qualidade de execução, um dos mais notáveis conjuntos do género conhecidos em território português. A clássica interpretação destes artefactos como um cópia de protótipos metálicos (SCHMIDT, 1915) não foi confirmada, pelo menos para o território peninsular, já que a sua presença é nitidamente anterior à introdução local da metalurgia do cobre, sendo característica de contextos do Neolítico Final ou, no limite, do Calcolítico Inicial, que é anterior à produção de peças metálicas na Estremadura.

Várias destas peças, sobretudo os exemplares de contorno regular simétrico, ou formas próximas, revelam polimento mais ou menos desenvolvido em ambas as faces. Com esta operação, que é relativamente comum nos exemplares estremenhos, e feita por via de regra na fase imediatamente anterior ao retoque dos bordos, conseguia-se, para além de um sensível adelgaçamento da espessura das peças, e conseqüente maior eficácia, uma redobrada beleza estética. Note-se que o polimento do sílex, se bem que não fosse operação difícil, era seguramente morosa e demorada, muito mais que o lascamento. Esta realidade só evidencia o carácter de excepção conferido a estas peças, as quais, pela sua fragilidade, deveriam deter finalidades ligadas a cerimónias culturais.

De salientar algumas, a exemplo, aliás, do verificado para certas pontas de seta, exibem por vezes uma coloração rosada, resultante de aquecimento controlado destinado a proporcionar uma maior facilidade do trabalho de retoque, técnica, aliás, já utilizada desde os tempos paleolíticos.

Punhais

Neste trabalho, consideraram-se como punhais os exemplares da Fig. 21, n.º 1 a 4. Em dois dos casos observam-se entalhes laterais junto à base, destinada à fixação do cabo (Fig. 21, n.º 2 e 3). As bases dos dois restantes exemplares são bicôncavas; noutra é convexa. O exemplar da Fig. 21, n.º 3 conserva parcialmente o suporte laminar primitivo, integrando o subtipo f) da tipologia de O. da Veiga Ferreira (FERREIRA, 1957), do qual foi escolhido como protótipo. Por seu turno, os exemplares da Fig. 21, n.º 2 e 4, foram considerados como protótipo do tipo d) da mesma classificação, caracterizado por possuir espigão de encabamento. Por

sua vez, o exemplar da Fig. 21, n.º 1, que possui diversos paralelos em outras estações estremenhas, representa o protótipo do tipo c).

Segundo a presente tipologia, os quatro exemplares da Casa da Moura integram nada menos de três tipos diferentes, facto que bem evidencia a sua relevância e diversidade no âmbito da produção de tais artefactos.

Alabardas

A gruta da Casa da Moura forneceu um notável lote de alabardas de morfologia diversificada, que agrupámos segundo os seguintes subtipos:

Alabardas munidas de dois entalhes laterais junto à base

Este subgrupo encontra-se representado por três exemplares (Fig. 21, n.º 5 a 7), ambos com polimento conservado no centro das faces. Tais entalhes, num dos casos profundamente marcados, destinavam-se a facilitar a fixação a um cabo perpendicular ao eixo da peça. De referir que o exemplar referido (Fig. 21, n.º 7) apresenta uma mutilação recente na base, a qual era recta, de acordo com a ilustração de E. Cartailhac (CARTAILHAC, 1886: fig. 90).

Alabardas de base bicôncava desprovida de polimento

Integram este subgrupo diversos exemplares (Fig. 22, n.º 2, 3 e 6); todos se apresentam finamente lascados por séries de retoques cobridores que ocupam a totalidade da superfície de ambas as faces. De assinalar o pequeno comprimento do exemplar da Fig. 22, n.º 5, similar ao proveniente da Cova da Moura, Torres Vedras (SPINDLER, 1981, Tf., 14, n.º 207), o qual, tal como o presente exemplar, se encontra integralmente lascado. No exemplar de maior comprimento (Fig. 22, n.º 3) é de assinalar o fino retoque secundário executado ao longo de ambos os bordos laterais.

Alabardas de base convexo-côncava

Trata-se do tipo “Casa da Moura”, definido por O. da Veiga Ferreira (FERREIRA, 1970; Fig. I, n.º 5). Representadas por quatro exemplares caracterizados por fino e amplo polimento em ambas as faces (Fig. 22, n.º 1; Fig. 23, n.º 3 a 5), todos eles de assinalável beleza estética. Trata-se de subgrupo bem conhecido na Estremadura, onde se encontra representado por numerosos exemplares. Entre outros, cita-se um da Cova da Moura (SPINDLER, 1981: Tf. 14, n.º 206) e outro da Gruta II da Senhora da Luz (CARDOSO, FERREIRA & CARREIRA, 1996, fig. 28). Alguns foram executados em placas de sílex regularizadas previamente por polimento que atingiu a quase totalidade de ambas as faces, ulteriormente sujeitas a retoques periféricos de tipo cobridor, feitos por pressão orientada e ou percutor elástico.

Alabardas de base arredondada

Correspondem a subtipo frequente na região estremenha. Os dois exemplares identificados nesta cavidade (Fig. 23, n.º 1 e 2) apresentam ambos os bordos laterais convexos e polimento central conservado

apenas em superfície reduzida, estreita e alongada. O maior exemplar, de contorno convexo, encontra paralelo próximo na grande peça do dólmen de Casainhos, Loures (LEISNER, ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1969: Pl. XIV, n.º 196).

Outros artefactos líticos

No espólio da Casa da Moura regista-se ainda a presença de vários núcleos de lâminas e lamelas de sílex, ou, mais raramente, de cristal de rocha, em ambos os casos não figurados. A sua presença não deve ser entendida como prova da existência de talhe local, mas antes como uma oferenda funerária recorrentemente documentada em vários outros contextos similares, tanto neolíticos, como calcolíticos (de que é exemplo a *tholos* da Tituaria, Mafra, cf. CARDOSO *et al.*, 1996, Fig. 39, n.º 3). Não poderá dissociar-se o aspecto cristalino destes exemplares da crença na purificação do espírito dos mortos, na altura do seu renascimento.

A finalizar a utensilagem de pedra lascada, merece menção a presença de um pequeno elemento de foice de sílex, idêntico aos encontrados nos casais agrícolas do Bronze Final do Baixo Tejo, no caso também não figurado, e que documenta a utilização da cavidade, em tal época, à semelhança de muitas outras da Estremadura, aliás documentada por outros materiais, adiante caracterizados

5.3. Materiais cerâmicos

A exemplo de outras cavidades funerárias pré-históricas estremenhas, os materiais cerâmicos encontram-se bem representados, dominando as formas lisas relativamente às decoradas.

Cerâmica lisa

Esféricos (Fig. 27, n.º 1, 4, 8 e 10; Fig. 28, n.º 3 a 5; Fig. 34, n.º 5 e Fig. 35, n.º 3).

Ocorrem formas de reduzidas dimensões, a sugerir utilização como contentores de corantes ou unguentos (Fig. 27, n.º 1, 4 e 8).

Taças em calote (Fig. 27, n.º 2, 3, 5 a 7, 9 e 11; Fig. 28, n.º 1, 2 e 7; Fig. 29; Fig. 30, n.º 1 a 9; Fig. 31, n.º 1, 3 e 5; Fig. 32, n.º 5 e 6; Fig. 34, n.º 1 a 4; Fig. 35, n.º 1, 2 e 4).

Neste grupo inscrevem-se, em geral, recipientes de maiores dimensões que os anteriores, embora também se encontrem representados exemplares mais pequenos, com o menor deles a não ultrapassar os 5 cm de diâmetro máximo.

A maioria destas peças revela bordos simples, com especial relevância nas formas mais baixas. Outras ostentam bordos espessados ou revirados exteriormente "em aba" tão comuns no Neolítico Final estremenho (Fig. 33; Fig. 35, n.º 2), e, menos frequentemente, espessados interiormente (Fig. 34, n.º 2 a 4).

Algumas destas formas, pela sua especificidade, merecem atenção mais detalhada. É o caso da taça com ressalto na carena (Fig. 31, nº. 2) ou, ainda, a taça com bordo afilado, igualmente pouco frequente em contextos neo-calcolíticos estremenhos (fig. 31, nº. 3).

Taças carenadas (Fig. 36, nº. 1 a 4).

Identificaram-se exemplares de carena esbatida (Fig. 36, nº. 1), de carena alta, por vezes com o bordo ligeiramente espessado e extrovertido (Fig. 36, nº. 2 e 3) e, ainda, de carena média e saliente (Fig. 36, nº. 4). Todos possuem estreitos paralelos no Neolítico Final do Baixo Tejo.

Taças de boca elíptica

Uma taça (Fig. 29, nº. 8) apresenta boca de forma elíptica. Trata-se de recipientes lisos, por vezes almagrados, representados no Centro e Sul de Portugal (PEREIRA, 1976/1977), em contextos do Neolítico Final. No Norte de África, são conhecidos exemplares análogos, frequentemente executados em pedra polida, entre outros em Souk el Khmis des Ait Ouahi, Marrocos (BOLELLI, MARCAIS & PASCON, 1956; PUIGAUDEAU & SENONES, 1967). A presença de exemplares em ambos os lados do estreito de Gibraltar, sugere a existência de contactos marítimos entre as duas margens em tempos neolíticos, que prosseguem e se intensificam nos tempos calcolíticos, como atesta a existência de vários artefactos de marfim no sul da Península e de vasos campaniformes no Marrocos Atlântico.

Recipientes de carena alta e fundos parabolóides (Fig. 37, nº. 1 a 3)

Formas mal documentadas na Estremadura, encontram diversos paralelos, por regra decorados, na pré-história das Beiras, entre outros, na “sala 20” do Buraco da Moura de S. Romão (Seia), em ambiente anterior à Idade do Bronze (VALERA, 1993a: Fig. III, nº. 6 a 8). Em termos mais meridionais, fundos similarmente parabolóides estão documentados em contextos neolíticos; é o caso de um vaso, tipo garrafa com colo cilindróide, proveniente do povoado das Salemas, Loures (CASTRO & FERREIRA, 1959) e de dois outros, de contextos megalíticos alentejanos, nomeadamente na anta 1 dos Gorginos (LEISNER & LEISNER, 1951: Fig. XXXII) e na anta 1 do Poço da Gateira (*Id., ibid.*: Fig. LVI). Esta realidade remete tais recipientes para época tardia do Neolítico Antigo ou o Neolítico Médio, cronologia indicada por A. C. Valera, no concernente à Beira Alta ao abordar, em estudo de conjunto, a neolitização da bacia do Alto Mondego (VALERA, 1998) e compatível com a época da construção da anta 1 do Poço da Gateira. Tal é a cronologia a que devem reportar-se os seus equivalentes decorados da Casa da Moura, adiante estudados.

Pratos

Trata-se de forma nem sempre fácil de separar das taças baixas, dificuldade que foi tentativamente ultrapassada com a adopção de índices, mais ou menos subjectivos, e que foram já ensaiados no espólio cerâmico do Calcolítico do Sudoeste por C. T. da Silva e J. Soares (SILVA & SOARES, 1976/1977).

No caso, integramos nesta categoria as formas das Fig. 30, n.º 10; Fig. 31, n.º 4 e Fig. 32, n.º 1 a 4. Revelam, por regra, bordos ligeiramente extrovertidos e com ligeiro espessamento, características, aliás, concordantes com as observadas nas taças baixas.

Vasos de paredes verticais

Apenas um exemplar de paredes verticais, ligeiramente reentrantes, e fundo arredondado se inscreve nesta categoria (Fig. 28, n.º 6), podendo considerar-se um antecedente dos clássicos “copos” do Calcolítico Inicial da Estremadura. Exemplar comparável provém do monumento dolménico baixo alentejano de Monte da Velha 2, Vila Verde de Ficalho, o qual foi relacionado com uma tumulação do Neolítico Final (SOARES & ARNAUD, 1984; p. 81, n.º 15).

Cerâmicas lisas da Idade do Bronze

No conjunto das cerâmicas lisas da Casa da Moura, algumas formas, pela sua tipologia, remetem inequivocamente para momentos mais tardios, já da Idade do Bronze (Fig. 36, n.º 5; Fig. 37, n.º 4 a 6).

As taças de carena média/ baixa esbatida (Fig. 36, n.º 5) possuem abundantes paralelos em ambientes culturais diversos da Idade do Bronze no Centro e Sul de Portugal. Assim, uma taça de bordo “em aba” (Fig. 37, n.º 5) encontra significativos paralelos na olaria da Idade do Bronze da bacia do Alto e Médio Mondego (SENNAMARTINEZ, 1989). Também merece referência uma outra forma fechada (Fig. 37, n.º 6), com dois mamilos em oposição sobre uma carena suave, cultural paralelos no Bronze do Sudoeste, nomeadamente, na sepultura IV (9) da necrópole de Atalaia (SCHUBART, 1975: Tf. 24/211) e no povoado do Catujal, Loures (CARREIRA, 1997). Também a este horizonte poderá ser associado um fragmento de bordo de um pote de colo alto e estrangulado (Fig. 37, n.º 4).

A finalizar este grupo refira-se um recipiente em total, de lábio revirado exteriormente (Fig. 39, n.º 6). Trata-se de forma peculiar, com a sua pasta e coloração acinzentada e tratamento das superfícies a sugerir integração na Idade do Bronze.

Cerâmicas decoradas

A presença de cerâmicas cardiais, referenciadas por Vera Leisner (LEISNER, 1983), certamente resultado de confusão com outros motivos e técnicas decorativas, não se confirmou; no entanto, é abundante e variado o lote de materiais cerâmicos reportáveis ao Neolítico Antigo, cujas técnicas e motivos decorativos serão a seguir objecto de análise e caracterização.

Cerâmica almagrada

A cerâmica almagrada (considerada esta técnica adentro dos motivos decorativos), encontra-se representada por três recipientes, dois esféricos e um de paredes verticais (Fig. 28, n.º 4 a 6). A fragilidade das películas almagradas, facilmente elimináveis por condições de conservação adversas, como os ambientes húmidos das

cavidades cársicas, deverão contribuir para uma subrepresentação desta técnica decorativa. Esta apresenta larga divulgação no Sudoeste peninsular, sobretudo na Andaluzia, onde é conhecida desde momentos antigos do Neolítico. Em território português, a sua cronologia parece centrar-se na transição do Neolítico Médio para o Neolítico Final. A presença no Abrigo das Bocas, Rio Maior (CARREIRA, 1994) de cerâmicas almagradas com impressões unguladas, parece comprovar a existência desta técnica no Baixo Tejo em momentos recuados do Neolítico. Porém a sua longevidade impede que seja utilizada como elemento cronológico preciso. Em território português, vasos esféricos de bordo ligeiramente revirado, análogos aos das Fig. 28, n.º 4 e 5, e igualmente decorados com almagre, foram encontrados nos níveis do Neolítico Final da Lapa do Fumo (SERRÃO & MARQUES, 1971, fig. 9, n.º 95), na anta 1 do Poço da Gateira (LEISNER & LEISNER, 1951: Fig. II, n.º 1, 3 e 5), datada por termoluminescência em meados do V milénio A. C. (SOARES & ARNAUD, 1984) e ainda na gruta sepulcral do Escoural, em contextos funerários do Neolítico Final (ARAÚJO & LEJEUNE, 1995, p. 74).

Cerâmicas com decoração plástica

Neste grupo integram-se diversos fragmentos com apliques mamilares, por vezes agrupados, cuja finalidade decorativo/simbólica é evidente (Fig. 39, n.º 1 e 4). O primeiro exhibe dois pequenos mamilos achatados, alinhados verticalmente, um dos quais sobre o bordo; o segundo conserva dois outros apliques, alinhados horizontalmente a curta distância, eventualmente localizados na linha correspondente ao diâmetro máximo do recipiente. Aplicações plásticas densas destes elementos decorativos são conhecidas em vários sítios da Estremadura, como no Neolítico Final de Leceia (CARDOSO, 1994: fig. 112, n.º 1; fig. 119, n.º 5). Diversamente, outros fragmentos apresentam mamilos, que pelas suas dimensões, morfologia ou posição relativamente ao bordo, parecem possuir significado eminentemente funcional. Encontram-se neste caso os apliques do vaso em forma de saco da Fig. 38, n.º 1, munido de vários mamilos proeminentes de secção circular (2 ou 3), funcionando como pegas, o mesmo se verificando com o fragmento da Fig. 39, n.º 2. Outro mamilo, perfurado verticalmente, de vaso de parede reentrante (Fig. 39, n.º 3) teria utilidade semelhante, como aplique de suspensão.

Um fragmento de paredes espessas (Fig. 38, n.º 3), ostenta dois troços de cordões perpendiculares plásticos em relevo, que deveriam fazer parte de uma rede ortogonal bastante ampla, pertencente a um recipiente de armazenagem de grandes dimensões. Trata-se de decoração do Neolítico Antigo, possuindo diversos paralelos no Baixo Tejo: entre outros, foi identificada no povoado vizinho do Outeiro de S. Mamede (materiais inéditos do Museu Nacional de Arqueologia) no Abrigo Grande das Bocas (CARREIRA, 1994) e nas grutas do Cabeço da Ministra (NATIVIDADE, 1899/1903, Fig. XX, n.º 169; GONÇALVES, 1978: fig. 14, 15) e do Carvalhal de Aljubarrota (SPINDLER & FERREIRA, 1974: Abb. 28). Em Espanha, tem paralelo no espólio do Neolítico Antigo valenciano da Cueva de la Sarsa (SAN VALERO APARISI, 1950, Lám. III, n.º 1).

Um outro fragmento evidencia um pouco comum cordão de geometria sinusoidal (Fig. 46, n.º 2), de que não conhecemos quaisquer outros paralelos para o território português. Poderá filiar-se nas cerâmicas do

Neolítico Antigo, pese embora possuir um acabamento muito cuidado, não sendo de afastar, por isso, a hipótese de ser produção mais tardia.

Refira-se ainda um bordo com aplique mamilar, acima do qual se desenvolve uma canelura horizontal, pouco marcada, que recorda estreitamente alguns materiais do Neolítico Antigo evolucionado do povoado da Salema, Sines (SILVA & SOARES, 1979, fig. 71).

Cerâmica incisas

Neste capítulo incluem-se cerâmicas que possuem em comum a utilização da técnica incisa.

A momento avançado do Neolítico Antigo, ou de tradição antiga, da Estremadura, e mais especificamente conectável com o “horizonte da Furninha”, podem ser associados dois fragmentos de vasos em sacco (Fig. 40, n.º 1 e 2), de que em nenhum dos casos se conservou o bordo. Tanto as faixas subparalelas decoradas interiormente (Fig. 40, n.º 1), quanto os triângulos preenchidos interiormente (Fig. 40, n.º 2), possuem diversos paralelos na Estremadura portuguesa e na Andaluzia (CARREIRA & CARDOSO, 1995).

Um vaso fechado de carena alta, assimilável a formas de fundo parabolóide, como o exemplar da Fig. 48, n.º 1, exhibe faixas horizontais de linhas “em espinha” (Fig. 42, n.º 5), corporizando, neste particular, uma associação com significativos paralelos na gruta do Carvalhal de Aljubarrota (SPINDLER & FERREIRA, 1974), os integrados na Idade do Bronze. Trabalhos mais recentes, sobretudo levados a cabo no Centro e no Norte de Portugal, onde esta associação forma/decoração tem sido frequentemente registada, levam a reconsiderar aquela atribuição, admitindo-se, agora, uma cronologia anterior, do Neolítico Antigo (SANCHES, 1996). Com efeito, esta investigadora reproduz exemplares semelhantes recolhidos no abrigo da Fraga d’Aia, S. João da Pesqueira, pertencentes ao Neolítico Antigo (*op. cit.* fig. 11, n.º 3). O fragmento da Fig. 45, n.º 1 exhibe evidentes paralelos com o fragmento da Fraga d’Aia reproduzido, no referido estudo, na Fig. 11, n.º 4 e, ainda, com um outro da gruta do Carvalhal (SPINDLER & FERREIRA, 1974: Tf. 4/b). A cronologia do Neolítico Antigo ora proposta tem ainda sustentação na bacia do Alto Mondego; com efeito, é tal a semelhança formal com exemplares reproduzidos no recente estudo de síntese de A. C. Valera (VALERA, 1998), que outra conclusão não seria razoável.

Ainda no grupo das cerâmicas incisas, incluem-se alguns fragmentos com bordo tenuamente recortado (Fig. 45, n.º 2), forma decorativa frequente em recipientes do Neolítico Antigo, e que não se deve confundir com os clássicos bordos denteados do Neolítico Final da Estremadura, nem com os bordos recortados do Bronze Final da mesma região, ainda que ostente maiores semelhanças formais com estes últimos. No exemplar figurado, e sobre o bordo, foram feitas, verticalmente, várias incisões com uma ponta irregular, talvez um simples pauzinho ou um caule de gramínea.

Cerâmicas caneladas

Diferem das anteriores pela utilização de punção de extremidade mais larga. Reduzem-se a cinco exemplares (Fig. 42, n.º 4 e 6; Fig. 47, n.º 1 a 3): os dois primeiros apresentam-se decorados por agrupamentos de semicircunferências concêntricas organizados a partir do bordo, e os três seguintes com

sequências de linhas mais ou menos perpendiculares ao bordo. Em todos os casos, estamos perante produções assimiláveis, tal como as anteriores, ao Neolítico Antigo evolucionado, muito embora se conheçam padrões constituídos por grupos de semicírculos concêntricos obtidos por técnica canelada, realizada tanto no exterior dos recipientes, por exemplo no Calcolítico Inicial do povoado do Pedrão, Setúbal (SOARES & SILVA, 1975; Fig. 15, n.º 187), como no interior dos mesmos, conforme se observa numa taça de Leceia (CARDOSO, 1981; Fig. XVII, n.º 220). No entanto, o mesmo motivo ocorre já nos primórdios do Neolítico Antigo do território português, num grande vaso aberto da estação com cerâmicas cardiais da Cabranosa, Vila do Bispo (CARDOSO, CARVALHO & NORTON, 1998, Fig. 5). Tal como no exemplar da Fig. 42, n.º 4, o motivo do recipiente algarvio, desenvolve-se a partir do bordo do recipiente, embora seja diversa a sua técnica de execução (cordões em alto relevo). Acresce que um dos fragmentos (Fig. 42, n.º 6), possui o bordo interrompido por incisões, à semelhança dos exemplares supra referidos. A organização da decoração deste fragmento, tem paralelo próximo em um exemplar oriundo da gruta II da Senhora da Luz (CARDOSO, FERREIRA & CARREIRA, 1996, Fig. 46), o qual, na ausência de outros elementos, entretanto surgidos, fora então atribuído ao Calcolítico ou à Idade do Bronze, bem como em dois fragmentos da gruta do Cabeço da Ministra, Alcobaça (NATIVIDADE, 1989/1903, Est. XIX, n.º 155, 165; GONÇALVES, 1978, Est. XIV, n.º 1, 2), nestes últimos correspondentes a parte superior de vasos carenados, cuja inserção no Neolítico Antigo, é também indubitável.

A técnica canelada encontra-se ainda em três recipientes de provisões representados na Fig. 47, no último dos quais em associação à técnica penteada. Estas decorações caneladas, obtidas por punção rombo, proporcionam, na generalidade, motivos com fraca densidade de linhas, de orientação predominantemente vertical, ou quase vertical, limitados inferiormente por incisões curtas (Fig. 47, n.º 1), ou mesmo por linha contínua horizontal (Fig. 47, n.º 2). Apenas o terceiro exemplar ostenta decoração mais barroca, encontrando-se a parte superior, alternadamente, ocupada por linhas verticais e métopas penteadas horizontais, enquanto a parte inferior parece decorada com linha ondulada preenchida superiormente por faixas de caneluras. Uma vez mais, os trabalhos recentes conduzidos no interior Centro (bacia do Alto Mondego) e no Norte transmontano, vieram provar que se trata de materiais reportáveis ao Neolítico Antigo, ainda que, na já referida estação da Cabranosa, ocorram em quantidades diminutas, cerâmicas do mesmo tipo (CARDOSO, CARVALHO & NORTON, 1998, Fig. 9, n.º 1). Assim, tanto na Fraga d'Aia (SANCHES, 1996, Fig. 11, n.º 3), como no Penedo da Penha, Canas de Senhorim, Viseu (VALERA, 1998, Est. V) ocorrem exemplares com decorações similares. Aos fragmentos referidos da Casa da Moura, poder-se-á somar o da Fig. 45, n.º 1, com paralelo próximo no exemplar reproduzido por M. J. Sanches, da Fraga d'Aia, embora este, ao que parece, tenha sido incorrectamente orientado (SANCHES, 1996, Fig. 11, n.º 4).

Da gruta II da Senhora da Luz, Rio Maior (CARDOSO, FERREIRA & CARREIRA, 1996, Fig. 46), provém um fragmento em tudo idêntico aos referidos: é uma prova a somar às da sua ocupação, no Neolítico Antigo.

Cerâmicas de técnica “boquique” ou com “puncionamento arrastado”

Outra técnica decorativa presente na Casa da Moura é a do “boquique”. Tradicionalmente entendida na Idade do Bronze (ALMAGRO GORBEA, 1977), a sua cronologia tem vindo a ser progressivamente recuada, tanto em Espanha como em Portugal; em trabalho anterior, a propósito dos fragmentos ostentando tal técnica recolhidos na gruta do Correio Mor (Loures), admitiu-se, com efeito, a sua inclusão no Neolítico Antigo evolucionado (CARDOSO, CARREIRA & FERREIRA, 1996). Aliás, J. Guilaine e O. da V. Ferreira (GUILAINE & FERREIRA, 1970) tinham já chegado à conclusão, em território português, da antiguidade desta técnica, a respeito de um exemplar proveniente das grutas de Eira Pedrinha, considerando-o, então, contemporâneo dos primeiros dolmens de corredor. Sem preocupação de exaurir as ocorrências conhecidas, importa referir que esta técnica decorativa foi, mais recentemente, reconhecida em estações do Neolítico Antigo do norte transmontano, como o povoado da Quinta da Torrinha, Vila Nova de Foz Côa (CARVALHO, 1999, Fig. 15, n.º 5), no Alto Ribatejo, no Abrigo da Pena d'Água, Torres Novas (CARVALHO, 1998, Fig. 11, n.º 1) e no Alto Alentejo, no sítio da Valada do Mato, Évora (DINIZ, 2001, Fig. 8), aqui associada a cerâmicas cardiais, o que remete a sua presença para época recuada do Neolítico Antigo. Na Beira Alta, foi também recentemente identificada a presença desta técnica decorativa no Neolítico Antigo, em fragmentos do Buraco da Moura de São Romão (VALERA, 1998, Est. 9, n.º 1 e 2).

No caso particular da Casa da Moura, a técnica “boquique” foi identificada em três motivos decorativos bem diferenciados.

Um primeiro grupo, é o das linhas quebradas ou em zigue-zague localizadas imediatamente abaixo do bordo, aplicadas em esférico de lábio recortado (Fig. 41, n.º 1).

O segundo, corresponde a semicírculos concêntricos ou grinaldas, presentes em dois fragmentos, aparentemente do mesmo recipiente (Fig. 41, n.º 2 e 3); o terceiro corresponde a faixa de linhas horizontais aplicada a esférico, cujo bordo não se conservou (Fig. 44, n.º 2). O primeiro e o segundo destes motivos ocorrem na Meseta, com esporádicas presenças em estações portuguesas. Assim, no dólmen da Granja de S. Pedro, Idanha-a-Velha, recolheu-se fragmento ostentando cinco linhas em zigue-zague (ALMEIDA & FERREIRA, 1971, Fig. IV, n.º 2), o qual integra associação coerente, indubitavelmente atribuída ao Neolítico Final. Também da Conheira do Penhascoso, Mação (PEREIRA, 1974, Est. XVI, n.º 36), estação atribuível ao Neolítico Final/ Calcolítico, provém um esférico com decoração de cinco semicírculos produzidos pela técnica de “boquique” pendentes de uma banda sob o bordo, estrutura decorativa análoga à presente (Fig. 41, n.º 2 e 3). Aliás, nesta estação do Alto Ribatejo, reconheceu-se, também, um esférico alto com grinaldas incisadas pendentes do bordo (PEREIRA, 1974, Est. XVI, n.º 37), idênticas a fragmento proveniente da camada D da gruta do Cadaval, Tomar (OOSTERBEEK, 1985: 159), igualmente pertencente a esférico alto; esta peça, que se encontra decorada pela técnica de boquique, deve ser integrada no Neolítico Antigo evolucionado, tendo presente a data de radiocarbono com a qual, supostamente, poderá relacionar-se: ICEN-464 – 5160±50 BP. Também do Cabeço da Ministra, gruta da região de Alcobaça explorada por Vieira Natividade, recolheram-se fragmentos de vasos fechados com vários semicírculos concêntricos incisados pendentes do lábio, estudados por V. Gonçalves (GONÇALVES, 1978, p. 15, Fig. XIV), que os atribuiu ao

Neolítico. Igualmente, da gruta do Carvalhal, Turquel, próxima das anteriores, provém um fragmento com assinaláveis similitudes estilísticas que, desde o trabalho de K. Spindler e O. da Veiga Ferreira (SPINDLER & FERREIRA, 1974, Abb. 17/130), tem sido incluído, como outros da mesma proveniência, erradamente, na Idade do Bronze. De facto, na região em causa, recentes descobertas estenderam, indubitavelmente, ao Neolítico Antigo, a presença do motivo de grinaldas pela técnica de “boquique”, identificado, por exemplo, no Abrigo da Pena d’Água (CARVALHO, 1998, Fig. 11, n.º 1).

O terceiro grupo corresponde a linhas paralelas ao bordo, presente no fragmento de esférico da Fig. 44, n.º 2, e no da grande taça da Fig. 41, n.º 1. Este motivo, pela sua simplicidade, possui paralelos mais numerosos, entre os quais o exemplar da gruta do Correio Mor, Loures, onde foi atribuído ao Neolítico Antigo evolucionado (CARDOSO, CARREIRA & FERREIRA, 1996, Fig. 7, n.º 3).

O que se pode concluir do levantamento não exaustivo acima apresentado, é que os fragmentos com decoração “boquique” reconhecidos no Ribatejo, Estremadura e Sul de Portugal, parecem deter uma assinalável diacronia, com início logo no Neolítico Antigo e prolongamento até o Neolítico Final ou Calcolítico Inicial. Porém, os elementos susceptíveis de fornecerem indicações cronológico-culturais mais precisas, levam à sua inclusão em etapas mais antigas que as propostas por estes investigadores, apontando para o Neolítico Antigo, cronologia ainda reforçada pela existência de fragmentos muito semelhantes no povoado ribatejano do Neolítico Antigo do Cabeço das Pias, Torres Novas (CARVALHO & ZILHÃO, 1994, Fig. 2, n.º 9). Enfim, o vaso de Casével (PESSOA; 1983), onde esta técnica se encontra presente, não deixa dúvidas sobre a sua ocorrência Neolítico Antigo do território português.

Refira-se ainda que a temática das grinaldas, incisas ou produzidas pela técnica de “boquique” é muito frequente em recipientes fechados de “Cultura de Las Cuevas”, da Andaluzia Oriental (NAVARRETE, 1976).

Cerâmicas impressas

Em consequência da utilização de matrizes diferentes, foram identificadas diversas variedades de impressões.

Um vaso de corpo parabolóide, com o fundo relativamente espessado, possuindo duas asas em oposição de secção quase circular, do Neolítico Antigo (Fig. 44, n.º 3), possui decoração de métopas, a partir do bordo, produzidas por impressões subtriangulares organizadas em densas linhas verticais. O fundo apresenta-se relativamente espessado, tal como exemplares do Penedo da Penha, Canas de Senhorim, Viseu (VALERA, 1998). Este tipo de recipientes, também representados na Casa da Moura por exemplares lisos a que já se fez referência, foram, pelo mesmo autor, atribuídos de início ao Calcolítico, com base em fragmentos da sala 20 do Buraco da Moura de S. Romão, Seia (VALERA, 1993a, Est. III, n.º 6 e 8). Mais tarde, o mesmo autor situou-os em fase precoce do Neolítico regional (VALERA, 1997: 165), para, enfim, com base em materiais entretanto recolhidos no sítio do Penedo da Penha, os classificar no Neolítico Antigo regional (VALERA, 1998).

Impressões subrectangulares e cuneiformes, observam-se em outros fragmentos (Fig. 40, n.º 3; Fig. 42, n.º 1; Fig. 46, n.º 4; Fig. 49, n.º 5). Apresentam-se dispostas sobretudo em fiadas horizontais, por vezes

imediatamente sob o bordo, sendo inquestionavelmente do Neolítico Antigo ou de tradição antiga. Possuem abundantes paralelos, entre outros, em Montes Claros, Lisboa (CARREIRA & CARDOSO, 1992b: 17, Fig. 2, n.º 1; CARREIRA & CARDOSO, 1994, Est. 1, n.º 1 a 16) e no concheiro do Cabeço do Pez, Alcácer do Sal (SANTOS, SOARES & SILVA, 1974, Fig. I, n.º 20). Ao mesmo círculo cultural podem ser associados três outros fragmentos, recuperados nas escavações levadas a cabo em 1987, na Casa da Moura (KUNST *in* STRAUS *et al.*, 1988, Fig. 2.1, n.º 4 a 6). O autor, embora encontrando semelhanças desta técnica e temática decorativa, no povoado do Neolítico Antigo da Salema, Sines (SOARES & SILVA, 1979), optou, erradamente, pela inclusão destes exemplares em época mais tardia, na Idade do Bronze, tendo sobretudo em atenção a sua forma, a qual, no entanto, foi deficientemente representada graficamente, com o bordo avançado, como se de taça carenada se tratasse.

Foram identificadas também impressões circulares (Fig. 42, n.º 2), presentes num esférico, em torno da abertura, organizadas em duas fiadas, de onde partem, espaçadamente, fiadas verticais. Este tipo de impressões, executado com matrizes ocas, como o caule de uma planta, são muito frequentes e encontram-se documentadas em ambientes culturais diversos: em contextos neolíticos são conhecidas na Serra da Brenha, no Abrigo Grande das Bocas (CARREIRA, 1994), no povoado da Salema (SOARES & SILVA, 1979) e num vaso em forma de saco da Lapa do Suão, Bombarral (CORTES *et al.*, 1977, pp. fig. 2, n.º 9). Em ambientes calcolíticos a sua presença é mais discreta, atingindo, porém o campaniforme, como se verifica em uma caçola de ombro campaniforme do Outeiro de S. Mamede, Óbidos (peça inédita do Museu Nacional de Arqueologia), aparentemente associada a pontilhados geométricos. Na Beira Alta, a sua presença foi registada no povoado da Corujeira, Canas de Senhorim num fragmento decorado com incisões circulares aparentemente associado a penteados (VALERA, 1993a; Fig. IV). A associação de motivos penteados a impressões em coroa circular pode ser encontrado num fragmento de hemisférico proveniente do povoado calcolítico fortificado salamantino de Coto Alto, La Tala (LOPÉZ PLAZA, 1984: 62, fig. 12/b). Com efeito, a associação, no mesmo recipiente, de motivos impressos com matriz a decorações com pente – podendo, nalguns casos uma e outras terem sido obtidas com o mesmo objecto (CARDOSO, 1995) – é recorrente. Por outro lado, é frequente a associação de impressões circulares ou punctiformes, a ténues linhas incisas e irregulares, feitas provavelmente com o mesmo caule (de gramínea ?), como se verifica nos fragmentos da Fig. 42, n.º 3, 43, n.º 3 e 4, 45, n.º 1, e 49, n.º 2 e 4.

As impressões cuneiformes (Fig. 42, n.º 1), constituem motivo assinalavelmente raro, no caso apenas registado num exemplar, onde se organiza em fiada horizontal logo abaixo do bordo.

Cerâmicas penteadas

Sob esta designação cabem decorações feitas com uma matriz em forma de pente, arrastada pela pasta fresca da superfície dos recipientes: as linhas incisas, nalguns casos, são muito irregulares, finas e pouco profundas, tendo sido aparentemente produzidas por uma espécie de “escova”, constituída por um feixe de caules de gramíneas; o resultado foi uma decoração semelhante ao tratamento das superfícies “a cepillo”, comum na Idade do Bronze, embora em padrões mais organizados.

Os penteados constituem uma técnica decorativa de largo espectro cronológico cultural, sendo conhecidas desde o Neolítico Antigo até contextos proto-históricos, nesta última etapa essencialmente representados pelas já mencionadas decorações “a cepillo”.

No Neolítico Antigo, ocorrem tanto combinados com elementos da cerâmica cardial recolhida em Tânger, Marrocos (GILMAN, 1975: 42: fig. 46; 51: fig. 69) ou na Cueva d’Or, Andaluzia Oriental (BERNABEU, 1989: 8, 19 e 41), quanto com outros elementos decorativos impressos, como é o caso das peças do habitat alentejano da Salema, Sines (SOARES & SILVA, 1979). É, no entanto, em contextos calcolíticos, que parecem atingir a sua expansão máxima, agora com larga divulgação na Meseta espanhola, no Norte de Portugal e nas Beiras e com ocorrências esporádicas no Baixo Tejo. Assim, fragmentos com decorações penteadas foram registados nos povoados calcolíticos de Pragança, Cadaval (GONÇALVES, 1991), da Penha Verde, Sintra e de Leceia, Oeiras (CARDOSO, 1995), bem como, esporadicamente, na Beira Baixa (VILAÇA, 2000) e mesmo no Alto Alentejo, como no povoado de Pombal, Monforte (BOAVENTURA, 2001, Fig. 37, n.º 2).

A antiguidade desta técnica decorativa tinha já sido anteriormente admitida por J. Guilane e O. da Veiga Ferreira (GUILAINE & FERREIRA, 1970: 314-315), associando-a tanto à fase cardial como a outras, do Neolítico, mais ou menos recentes. Com efeito, discutindo a cronologia das cerâmicas decoradas do grupo Penha/ Mairós, onde ocorre em larga abundância a cerâmica penteada – como nos povoados de Vinha da Soutilha, Pastoria e Castelo de Aguiar, nos níveis calcolíticos (JORGE, 1986) – aqueles autores admitem origem longínqua no Neolítico, embora com prolongamento até pelo menos o Calcolítico, sem sofrerem modificações estilísticas consideráveis (*op. cit.*, p. 318). Esta posição vem, aliás, no seguimento das ideias expressas por H. N. Savory (SAVORY, 1968: 76, 78), admitindo que tradições técnicas e decorativas cerâmicas herdadas do Neolítico teriam localmente perdurado durante um longo espaço de tempo sem sofrerem mutações culturais importantes.

A relativa raridade dos penteados em contextos funerários permite questionar se, mais do que oferendas funerárias, não estaremos, antes, perante olaria de carácter essencialmente doméstico. Aliás, um elemento apontando nesse sentido seria as grandes dimensões de alguns desses recipientes, pouco próprios de contextos funerários, e isto um pouco a exemplo do que sucedeu com os grandes vasos globulares do Calcolítico estremenho. Não nos poderemos, contudo, esquecer que as necrópoles calcolíticas do Norte do País se encontram ainda numa fase de conhecimento incipiente; basta referir a grande abundância destes recipientes na gruta da Lorga de Dine, Vinhais, ainda inéditos, cujo carácter sepulcral parece incontestável.

Mas a cronologia de, ao menos, uma parte das cerâmicas penteadas da Beira Alta ficou claramente estabelecida no Neolítico Antigo, tanto no Penedo da Penha, Canas de Senhorim, como no Buraco da Moura de São Romão, Seia (VALERA, 1998, Est. 3, n.º 6; Est. 4, n.º 2 e 4; Est. 6, n.º 2; Est. 11, n.º 1); nas cerâmicas ali exumadas, importa destacar um recipiente, de fundo parabolóide, com decoração e forma em tudo idênticas a um exemplar da Casa da Moura (Fig. 48, n.º 1); por outro lado, na segunda daquelas estações, ocorre numa asa vertical de dupla perfuração horizontal, cuja cronologia é claramente do Neolítico Antigo, com ocorrências conhecidas em estações perto da Casa da Moura, como a gruta II da Senhora da Luz, Rio

Maior (CARDOSO, FERREIRA & CARREIRA, 1996, Fig. 40, n.º 2) e o Algar de João Ramos, Turquel, Alcobça (CARDOSO & CARREIRA, 1991, Fig. 2, n.º 1).

Em função do movimento do varrimento do pente, foram distinguidas as seguintes variantes decorativas:

a) varrimento rectilíneo. Com direcção vertical (Fig. 44, n.º 1; Fig. 46, n.º 1 e 3; Fig., 48, n.º 1; Fig. 51, n.º 3; Fig. 49, n.º 4 e 7), ou mista (Fig. 46, n.º 3; Fig. 47, n.º 3; Fig. 48, n.º 1; Fig. 49, n.º 1; Fig. 50, n.º 2), os motivos lineares constituem o principal desenvolvimento decorativo dos penteados. De assinalar que o exemplar de fundo parabolóide da estampa 48, n.º 1, conserva vestígios exteriores, junto da base, de uma película anegrada, certamente negro de fumo sugerindo utilização como recipiente de cozinha.

b) varrimento ondulado ou sinusoidal (Fig. 49, n.º 6; Fig. 50, n.º 1 e 3 e Fig. 51, n.º 1). Frequentemente associado à variante anterior, sobretudo aos penteados horizontais. Representado com certa insistência no Calcolítico do Norte do País, na região Centro-interior, como na sala 20 do Buraco da Moura de S. Romão (VALERA, 1993a; Fig. III, n.º 5), cujos fragmentos foram depois atribuídos ao Neolítico Antigo (VALERA, 1998) e na região Centro-litoral, como na gruta da Eira Pedrinha (CORRÊA & TEIXEIRA, 1949, Fig. XI, n.º 2), ocorrências também reportáveis ao Neolítico Antigo.

c) varrimento em “U” (Fig. 51, n.º 2). Menos frequente que os desenvolvimentos decorativos anteriores. O fragmento em causa é indubitavelmente do Neolítico Antigo, não só pela tipologia do recipiente, de fundo parabolóide, mas sobretudo pela característica peculiar de possuir os penteados em “U” marginados por impressões punctiformes, que não se conhecem em exemplares calcolíticos, as quais, ao contrário, têm paralelo em fragmentos do Neolítico Antigo da gruta do Correio Mor, Loures (CARDOSO, CARREIRA & FERREIRA, 1996, Fig. 9, n.º 3), embora a decoração, delimitada pelo mesmo processo, seja de linhas incisivas. A utilização de alinhamentos de pequenas impressões para delimitar espaços decorados por outros motivos, por regra incisivos, prolonga-se, no entanto, pelo Calcolítico. Paralelos significativos, entre outros, podem ser referenciados em duas taças caneladas do Calcolítico Inicial de Leceia, Oeiras (CARDOSO, 1989, Fig. 115, n.º 8), com paralelos próximos em Vila Nova de São Pedro e na Lapa da Bugalheira, Torres Novas (CARREIRA, 1996a, Est. 1, n.º 3). Por vezes os penteados, bem assim como as incisões simples verticais ou horizontais, aparecem enquadradas por pequenas impressões quase punctiformes de geometria circular, ou, menos comumente, em forma de rim.

Estruturas decorativas análogas, com a combinação da técnica impressas e incisiva constituem presença frequente em diversos contextos andaluzes neolíticos.

No Calcolítico, o padrão penteado em “U”, encontra-se documentado no povoado da Beira Alta da Corujeira, Canas de Senhorim (VALERA, 1993b, Fig. I, n.º 7).

No conjunto da olaria da Casa da Moura, as cerâmicas com decorações penteadas integram-se de forma harmoniosa nos grupos já descritos, tanto ao nível da tipologia dos recipientes, como no concernente, até, à coexistência de diversas técnicas no mesmo fragmento; devem, pois, ser integradas globalmente, em um mesmo conjunto, pertencente ao Neolítico Antigo.

Cerâmicas de bordos e cordões denteados

Sob esta designação, integram-se seis recipientes de bordo em aba com lábio denteado (Fig. 52, n.º 4 a 9) e duas taças com cordão horizontal denteado imediatamente abaixo do bordo (Fig. 52, n.º 2 e 3). De assinalar, no que respeita aos primeiros, a diversidade de soluções encontradas, não se reconhecendo dois exemplares idênticos. Tal facto encontra paralelo entre outros lugares com importantes ocupações do Neolítico Final, em Leceia, Oeiras, onde se recolheram centenas de espécimes com sensíveis diferenças entre si (CARDOSO, 1994, 1997). A cronologia destes exemplares encontra-se, pois, bem estabelecida; conjuntamente com as taças carenadas, também aqui bem representadas, corporizam o Neolítico Final estremenho. Não se devem confundir com os bordos recortados do Neolítico Antigo, presentes na Casa da Moura, que já anteriormente se referiram, os quais, sendo característicos de recipientes sem espessamento no bordo, foram produzidos por incisões perpendiculares a este, situação que os distingue dos exemplares do Neolítico Final, particulares de vasos com bordos em aba, espessados exteriormente. De igual modo, não devem confundir-se com os bordos denteados da Idade do Bronze, talvez representados, na Casa da Moura, pelo pequeno recipiente cilíndrico da Fig. 39, n.º 7, o qual possui grande semelhança com o da Fig. 39, n.º 6, já anteriormente inserido na Idade do Bronze. A incerteza desta atribuição resulta, por um lado, da falta de indicações estratégicas e, por então, da dificuldade de se apontarem paralelos bem datadas para ambos os recipientes.

Os elementos de prensão denteados são elementos pouco comuns, que na generalidade dos casos remetem para o Neolítico: é o caso de um grande fragmento de recipiente de paredes bombeadas sub-verticais, com decoração penteada (Fig. 44, n.º 1), munido de, provavelmente, quatro mamilos de prensão alongados, decorados por linhas incisivas verticais, com paralelo próximo em exemplar de Leceia, atribuído a fase precoce do Neolítico Final (CARREIRA & CARDOSO, 1994, Est. 3, n.º 9).

5.4 – Indústria óssea

A indústria óssea exhibe uma assinalável variedade de tipos. Para além dos exemplares desenhados, existem, nas colecções do Museu Nacional de Arqueologia, alguns outros, em geral incompletos, de reduzido interesse. Os artefactos pós-paleolíticos – os únicos que nesta monografia serão objecto de estudo – foram subdivididos nos seguintes grupos tipológicos:

Furadores

Constituem o utensílio mais comum da panóplia artefactual óssea exumada na Casa da Moura, sendo por regra executados sobre ossos longos.

Em função da inclinação do seccionamento da peça óssea face ao seu eixo principal, dividimos o conjunto em duas classes:

- a) furadores obtidos por seccionamento relativamente inclinado da diáfise de ossos longos (Fig. 24, n.º 2, 3 e 5 a 8). Correspondem a peças de ovinos/caprinos, avultando os metápodos, com três exemplares, cujas extremidades distais do osso original se conservaram sem afeiçoamento. De referir a existência de um furador executado sobre diáfise de um osso longo de ave (Fig. 24, n.º 1), provavelmente “ganso patola” (*Sula bassana*), á semelhança de exemplares recolhidos em Leceia (GOURICHON & CARDOSO, 1995, Fig. 5);
- b) furadores obtidos por seccionamento longitudinal de ossos longos (Fig. 24, n.º 4 e Fig. 25, n.º 1 a 8). Os elementos anatómicos susceptíveis de diagnose específica não se conservaram. No entanto, a maioria destes artefactos pertence, tal como o grupo anterior, a ovinos/caprinos. Nalguns casos, é provável que o polimento se tenha executado sobre esquirolas, mais ou menos desenvolvidas, resultantes de fragmentação de ossos longos.

Tanto quanto os dados disponíveis parecem indicar, os furadores executados sobre esquirolas longitudinais são pouco comuns em contextos neolíticos e mais raros ainda em contextos calcolíticos, onde parece verificar-se a sua substituição pelos exemplares com seccionamento oblíquo da diáfise, ainda que estes se encontrem já presentes no Neolítico Final em numerosas estações da Estremadura. Os furadores do primeiro tipo dominam largamente, ou são mesmo exclusivos, na gruta natural do Lugar do Canto, Alcanede (LEITÃO *et. al.*, 1987, Fig. 10), bem como nas vizinhas cavidades da Senhora da Luz, Rio Maior (CARDOSO, FERREIRA & CARREIRA, 1996, Fig. 29 e 30). Ocorrem também na Lapa do Bugio, Sesimbra (CARDOSO, 1992; Fig. 6, n.º 26; Fig. 11, n.º 7), nas grutas de Alcobaça (NATIVIDADE 1899/1903, Fig. 17, n.º 131 e seg.) e na gruta do Escoural, em associação com os furadores do grupo anterior (ARAÚJO & LEJEUNE, 1995, Fig. 27 e 27). Qualquer dos casos referidos, com excepção do segundo, que é mais antigo, correspondem indubitavelmente a contextos do Neolítico Final.

As peças da Fig. 24, n.º 2, 4 e 6 e da Fig. 25, n.º 2, foram reproduzidas em litografias destinadas, como se disse anteriormente, à ilustração de obra a ser apresentada à Exposição Universal de Paris, de 1867, a qual jamais foi realizada. Tais ilustrações só recentemente foram publicadas (CARREIRA & CARDOSO, 1996).

Cabos

Neste grupo incluem-se peças morfologicamente distintas, e de funcionalidades discutíveis. Trata-se de diáfases de ossos longos de ovinos/caprinos seccionados diametralmente em ambas as extremidades (Fig. 26, n.º 2 a 4). Constituem, deste modo, peças tubulares, cuja utilização, para além da proposta, poderia relacionar-se por exemplo com a aspensão de corantes. Com efeito, não é evidente aqui, como noutros lugares, a existência de artefactos líticos de geometria e dimensões compatíveis com encabamento em tais peças. Resta a hipótese de serem cabos de peças ósseas, como furadores ou sovelas, ou dos seus equivalentes metálicos; mas estes faltam em absoluto. Os únicos casos compulsados na bibliografia referem-se a dois exemplares análogos, de Vila Nova de S. Pedro, Azambuja, com dois punções de cobre ainda conservadas (PAÇO, 1960, Fig. 2, n.º 5, 6). Revelam-se comuns, encontrando-se associados a contextos do

Neolítico Final ou já calcolíticos, quer de natureza funerária como nas grutas de S. Pedro do Estoril (LEISNER, PAÇO & RIBEIRO, 1964) quer de natureza doméstica, caso dos povoados da Rotura, Setúbal (GONÇALVES, 1971) e de Leceia, Oeiras (CARDOSO, 1980, 1981).

Dois grandes artefactos, um deles em chifre de veado, desbastados e polidos numa das extremidades, poderão ter sido utilizados como cabos; ambos foram representados nas antigas litografias mandadas executar por Pereira da Costa (Fig. 25, nº. 9 e Fig. 26, nº. 1). Um deles, o executado em chifre, pode, em alternativa, ser classificado como um escopro ou formão, dado possuir um bisel que, por se encontrar incompleto, impede uma atribuição segura; a ser assim, teria, nos numerosos exemplares recolhidos nos concheiros de Muge e, em particular, no do Cabeço da Arruda (BREUIL & ZBYSZEWSKI, 1947, Pl. 11, nº. 194, 195 e 197), os seus homólogos mais próximos.

Espátulas

Reconheceram-se quatro exemplares de espátulas: três foram afeioadas por polimento sobre esquirolas mais ou menos alongadas de diáfises de ossos longos de animais de porte igual ou superior a veado. A extremidade distal, correspondente à parte útil do artefacto, conserva-se apenas em três destes exemplares, estando um muito incompleto (Fig. 26, nº. 7). O maior tinha já sido representado numa das litografias mandadas executar por Pereira da Costa (cf. CARREIRA & CARDOSO, 1996: Fig. II.D); dele, actualmente, apenas se conserva o terço superior, no Museu do I.G.M. (Fig. 26, nº. 5). O de menores dimensões, ostenta como particularidade uma perfuração no terço inferior, destinada a fixação ou suspensão do objecto (Fig. 26, nº. 8). Refira-se ainda um último exemplar, totalmente afeioado por polimento, com um longo pedúnculo de secção rectangular e extremidade distal larga e espatulada que justifica a atribuição funcional proposta (Fig. 26, nº. 6). Com efeito, esta peça não deve ser confundida com os conhecidos alfinetes de cabelo, estes por regra de secção circular, tanto na haste como na extremidade distal. Trata-se, sem dúvida, de uma peça destinada a trabalhos delicados, talvez na preparação de substâncias medicinais, ou de cosméticos.

5.5 – Objectos de adorno

Alfinetes de cabeça postiça

Constituem um dos artefactos de osso mais característicos dos contextos funerários do Neolítico Final estremenho, acompanhando com frequência placas de xisto e pontas de seta de base convexa, recta ou pedunculada. No caso presente, encontram-se representados por dez porções ou fragmentos (Fig. 54, nº. 1 a 10), uns com cabeça lisa postiça (Fig. 54, nº. 8 e 9), outros com a mesma extremidade decorada com caneluras horizontais em número variável (Fig. 54, nº. 1 a 5). Os dois últimos exemplares afastam-se da morfologia que é usual em tais elementos amovíveis, visto possuírem apenas duas caneluras, à maneira de gola, acompanhando ambas as extremidades. Um deles apresenta ainda contorno bombeado; por tais motivos, poderia haver lugar à sua classificação como contas de osso. No entanto, a sua morfologia parece

preencher as extremidades de alguns alfinetes maciços calcolíticos, que reproduzem os seus antecedentes neolíticos nalguns casos (CARDOSO, 1997, pp. 96), razão acrescida para se lhes ter atribuído tal função.

Uma das associações artefactuais estremenhas onde estes artefactos detêm presença expressiva, encontra-se documentada na câmara ocidental do monumento complexo da Praia das Mações, Sintra (LEISNER; ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1969, Pl. 6). Duas datações recentemente efectuadas sobre alfinetes de cabelo ali recolhidas, um com cabeça postiça lisa, outros canelada, forneceram, respectivamente os valores de: OxA-5509 – 4410±75 BP e um outro liso OxA-5510 – 4395±60 BP cuja calibração, a 2 δ , forneceu os intervalos de 3340-2880 cal BC e 3310-2890 cal BC (CARDOSO & SOARES, 1995: 11); estatisticamente idênticos, tais resultados fazem corresponder estas peças a momentos avançados do Neolítico Final estremenho. No entanto, outras datas obtidas sobre peças similares, também publicadas no referido trabalho, remetem-nas para idade calcolítica; deste modo, ainda que a sua incidência seja máxima no Neolítico Final, trata-se de um tipo artefactual, seja de cabeça postiça canelada, seja lisa, cuja cronologia não pode garantir-se previamente.

Contas

As contas constituem outro grupo numericamente significativo, no conjunto dos artefactos da Casa da Moura.

Trata-se de matérias primas onde dominam os minerais verdes (Fig. 53, 1 a 4; 8; 10 a 17), designados genericamente por variscites, grupo mineralógico a que pertencem a maioria dos exemplares recolhidas em jazidas portuguesas (GONÇALVES, 1979). Apresentam, no caso, diversas colorações, resultantes de alteração superficial mais ou menos intensa, que não significa, necessariamente, espécies mineralógicas distintas. A utilização destas matérias esverdeadas, cujo simbolismo permanece oculto, parece remontar no território peninsular ao Neolítico Antigo, como está bem documentado nas minas de Can Tintorer, Barcelona (VILLALBA *et al.*, 1986). No caso português, estes produtos, largamente divulgados no Calcolítico, encontram-se já bem documentados no Neolítico Final. Esta situação encontra explicação no quadro da intensificação económica então verificada, associada à interacção cultural, entre populações de áreas geográficas distintas, de que resultou o estabelecimento de redes de troca a longa distância de diversos tipos de produtos e de matérias-primas, entre as quais se contava os minerais verdes, em bruto ou já manufacturados. Com efeito, estudos mineralógicos conduzidos em Espanha, conduziram à caracterização da difusão geográfica dos minerais explorados em Can Tintorer; outro tanto não se verifica em Portugal. Não obstante a ocorrência de minerais verdes do grupo da variscite ser conhecida em afloramentos silúricos do Norte de Portugal (MEIRELES *et al.*, 1987), admite-se que a disponibilidade de grandes massas de matéria-prima não fosse possível no território hoje português, o que só salienta a existências das aludidas redes de comércio transregionais. Uma possibilidade a ser devidamente confirmada por análises químicas, seria a sua difusão a partir das minas de Encinasola (Badajoz).

Também em matérias carbonosas, como o azeviche (variedade de hulha) ou, talvez com maior probabilidade, variedades compactas de lignite, se encontram afeiçoadas seis contas, de forma bitroncocónicas

(Fig. 53, n.º 22 a 27). Contas análogas são conhecidas em vários sítios funerários da Baixa Estremadura: na gruta da Cova da Moura, Torres Vedras (SPINDLER, 1981) e nas grutas artificiais de S. Pedro do Estoril, Cascais (LEISNER, PAÇO & RIBEIRO, 1964), na Lapa da Galinha, Alcanena (coleções inéditas do Museu Nacional de Arqueologia) e, a sul do Tejo, nas grutas artificiais da Quinta do Anjo, Palmela (LEISNER, FERREIRA & ZBYSZEWSKI, 1961) e na Lapa do Bugio, Sesimbra (CARDOSO, 1992). Formas similares com dimensões idênticas, mas executadas em cerâmica, são conhecidas também na já referida Lapa do Bugio e, ao que parece, acompanhando as duas tumulações campaniformes, no dólmen de Montum, Melides, Santiago do Cacém (FERREIRA *et al.*, 1975).

Pode, pois, concluir-se, que o tipo de contas referido, ocorre com certa frequência em estações funerárias da Baixa Estremadura, em contextos do Neolítico Final. Com efeito, a respectiva matéria prima pode ser encontrada naquela área geográfica, em formações continentais do Pliocénico Superior, especialmente na região de Rio Maior, mas, sobretudo, em depósitos detríticos mesozóicos particularmente expostos ao longo das arribas litorais onde, com facilidade, se poderiam recolher porções de caules arbóreos incarbonizados, ulteriormente transformados em tais produtos.

Merece destaque ainda uma grande conta de fluorite (Fig. 53, n.º 7), semelhante a exemplar da Lapa do Bugio (Sesimbra), já estudado (CARDOSO, 1992), com paralelos nas grutas do Poço Velho (Cascais) (PAÇO, BARTHOLO & BRANDÃO, 1959), bem como três contas, de menores dimensões, de rocha ou mineral anegrado (Fig. 53, n.º 5, 6 e 9). De referir que a conta de fluorite foi analisada por A. Bensaúde (BENSAÚDE, 1884), conservando-se ainda no Museu do Instituto Geológico e Mineiro.

No respeitante à forma destes elementos de adorno, podem distinguir-se três grupos principais, a saber: no conjunto das executadas em minerais verdes, estão representadas contas subcilíndricas (Fig. 53, n.º 1 a 4 e 8), bitroncocónicas (Fig. 53, n.º 5 a 7 e 9), forma exclusiva das carbonosas e discoidais (Fig. 53, n.º 12 a 17); diferem dos pendentes (Fig. 53, n.º 10, 11, 19 a 21) pela posição axial da perfuração. Esta revela-se invariavelmente bitroncocónica nos exemplares mais espessos e mesmo num dos exemplares achatados (Fig. 53, n.º 17). Nos restantes, a perfuração apresenta-se cilíndrica ou troncocónica (Fig. 53, n.º 12 a 16). Poucos são os elementos disponíveis concretos sobre o modo de execução das perfurações, sendo provável o recurso a matérias siliciosas, por exemplo, uma ponta aguçada de idêntica ou maior dureza que seria aplicada, por rotação, nas duas extremidades opostas da peça a perfurar, eventualmente com a utilização adicional de um abrasivo.

Pendentes

Nesta categoria agrupam-se peças de perfuração assimétrica ou de tendência marcadamente alongada, executados em minerais verdes (Fig. 53, n.º 10 e 11), ou de coloração acastanhada representado por um exemplar pouco comum em forma de lágrima (Fig. 53, n.º 18). Sendo raras, esta conta em forma de lágrima possui paralelo em um exemplar da *tholos* da Tituária, Mafra (CARDOSO, LEITÃO & FERREIRA, 1987) e em outro da Anta Grande da Comenda da Igreja, Montemor-o-Novo (LEISNER & LEISNER, 1959, Tf. 27, 1, 33).

De azeviche, são três pendentes aplanados, de geometria diversa, dois subtriangulares (Fig. 53, n.º 19, 20) e um quase rectangular (Fig. 23, n.º 21). Peças semelhantes, muito menos comuns que as anteriores,

foram registadas nas grutas do Poço Velho, Cascais (PAÇO, 1941) e nas grutas artificiais da Quinta do Anjo, Palmela (LEISNER, ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1961).

No entanto, é em matéria óssea que foram elaborados o maior número de pendentes. Três deles apresentam-se executados sobre caninos de lobo, dos quais dois muito modificados por polimento (Fig. 54, nº. 13 a 15). De todos, salienta-se o exemplar da Fig. 54, nº. 12 correspondente a um quarto prémolar superior de lobo, provido de três perfurações na raiz para suspensão. O exemplar da Fig. 54, nº. 16 é um canino superior de *Panthera pardus*, igualmente munido de perfuração para suspensão na base da raiz. Nada garante a idade paleolítica ou mais tardia destes pendentes, com excepção do dente de *Panthera pardus* perfurado, que remonta seguramente ao Paleolítico Superior (FERREIRA & ROCHE, 1980).

A utilização de dentes de carnívoros perfurados como pendentes, constitui uma prática bastante divulgada em todas as épocas da Pré-História, cujo simbolismo deveria estar relacionado com as características de agressividade, bravura ou outras, reconhecidas nestes animais. Representados em várias cavidades estremenhas como a necrópole das Lapas, Torres Novas (CARREIRA, 1996b) e as grutas da Cova da Moura (SPINDLER, 1981), de Alcobaça (NATIVIDADE, 1899/1903), da Furninha (DELGADO, 1884), e do Poço Velho, Cascais (PAÇO, 1941) e ainda no Cabeço da Arruda 1 (LEISNER, 1965: Tf. 5/ 53), nas grutas artificiais Quinta do Anjo, Palmela (*Idem, ibidem*: Tf. 102/ 109) e no depósito da Samarra, Sintra (*Idem, ibidem*: Tf. 49/ 7). De um carnívoro das dimensões de um texugo é o canino, igualmente perfurado da Fig. 54, nº. 17, indicando que não seriam apenas os grandes predadores que despertariam o interesse no aproveitamento. De referir, a propósito, que em uma das vizinhas grutas da Malgasta ou da Lapa Furada, Nery Delgado recolheu um canino de raposa perfurado, cuja idade, à falta de indicações estratigráficas, é problemática (CARREIRA & CARDOSO, 1992a, Fig. 2, nº. 7).

Outros objectos de adorno

Na Fig. 54, nº. 11 representa-se um fragmento longitudinal de defesa de javali desprovido de indícios de suspensão. Poderia ser utilizado encastoado ou fixado por meio de resinas ou produtos orgânicos. Possui numerosos paralelos em cavidades grutas sepulcrais do Neolítico estremenho, como a gruta II da Senhora da Luz (CARDOSO, FERREIRA & CARREIRA, 1996, Fig. 32, nº 7 a 10), a Lapa da Galinha (inédito, Museu Nacional de Arqueologia) e a Lapa do Bugio (CARDOSO, 1992: Fig. 14, nº 6 e Fig. 36, nº 6), para só referir três ocorrências estremenhas.

Botões de perfuração “em V” de filiação campaniforme

Ainda no âmbito das peças de adorno ou de indumentária, refere-se a existência de dois botões do tipo “tartaruga” um deles já objecto de anterior referência (ROCHE & FERREIRA, 1961, pp. 68).

O primeiro exemplar, de morfologia relativamente comum revela um corpo central circular a partir do qual se desenvolvem dois apêndices opostos de geometria trapezoidal (Fig. 54, nº. 18). Integrável no clássico tipo “tartaruga”, possui paralelos em vários sítios que forneceram materiais cerâmicos campaniformes do Baixo Tejo, tanto povoados, como o Zambujal, Torres Vedras (JIMÉNEZ GÓMEZ, 1995: 176, Fig. 10, Nº. 7),

quanto necrópoles, como S. Pedro do Estoril, Cascais (LEISNER, PAÇO & RIBEIRO, 1964: Fig. XIV, n.º 57 a 62) Verdelha dos Ruivos, Vialonga, V. F. Xira (LEITÃO *et al*, 1984: fig. 2, n.º 8, 9 e 19), e da Quinta do Anjo, Palmela (LEISNER, ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1961: Pl. VI, n.º 56), de onde provém um soberbo conjunto (Gruta 1), ao qual poderia ser acrescentado muitos outros exemplares.

O segundo exemplar (Fig. 54, n.º. 19), constitui tipo raro, sem paralelos conhecidos no território peninsular (USCATESCU, 1992).

Peças de carácter mágico-simbólico

1. Placas e báculos de xisto

A escavação da Casa da Moura forneceu um assinalável conjunto de placas de xisto ardoso, constituído por 13 exemplares (Fig. 55 a 57) entre fragmentos e peças completas, na totalidade executadas em suportes líticos de coloração cinzento-escuro a negra.

De contornos subrectangulares a trapezoidais, apenas com um exemplar de corpo recortado (Fig. 57, n.º. 3), apresentam, em todos os casos, dois furos de suspensão bitroncocónicos.

A decoração concentra-se numa das faces, apresentando somente num dos casos extensão da decoração à segunda face (Fig. 57, n.º 4). No conjunto dos motivos decorativos dominam, no corpo inferior, os triângulos preenchidos interiormente (Fig. 55; Fig. 56; Fig. 57, n.º. 1, 2 e 4). Apenas a placa de cabeça recortada (Fig. 57, n.º. 2), ostenta motivo distinto constituído por faixas quebradas. O centro da parte superior apresenta-se, por regra, liso, de contorno triangular a subtrapezoidal, com duas, ou, mais frequentemente, apenas uma perfuração.

Dos exemplares decorados em duas faces merecem pela sua singularidade alguma atenção. O primeiro (Fig. 57, n.º. 4) revela no verso o cruzamento de duas faixas oblíquas, vulgo em “cruz de S. André”, elemento decorativo frequente nas placas recortadas, e que parece representar ataduras de vestuário. Motivo relativamente raro, pode ser sobretudo encontrado no Alto Alentejo oriental, na área do Crato. No Baixo Tejo é de destaca-se a presença de dois exemplares na Gruta da Galinha, Torres Novas (SÁ, 1959).

A presença de placas de xisto ardoso no Baixo Tejo, região onde não são conhecidos afloramentos destas matérias, levanta de imediato algumas questões pertinentes, nomeadamente no que respeita ao modo como seriam importadas. Seriam as placas, tal qual as conhecemos, objecto de um comércio à distância? Ou, pelo contrário, seriam transportadas apenas sumariamente aparelhadas, sendo os motivos decorativos escolhidos fixados no destinatário? A segunda hipótese, supõe a existência de uma relação específica entre o estatuto do inumado e a decoração exibida por cada uma delas. Neste particular, explicaria a existência de diversas placas lisas, de xisto (CARDOSO, 1995). No entanto, a falta de dados de escavação, nomeadamente associações entre as características tipológicas de cada placa face ao sexo ou idade do inumado, dificultam o avanço nesse caminho, do mesmo modo que é evidente a grande homogeneidade de motivos entre as placas estremenhas e alentejanas, que contraria a hipótese de produções geográficas diferentes, ao nível da decoração. Com efeito, todos os exemplares exumados na Casa da Moura ostentam motivos decorativos muito comuns nos seus homólogos alto-alentejanos.

Apresença de um báculo na Casa da Moura (Fig. 58, n.º 1), dado a conhecer já no século passado por E. Cartailhac (CARTAILHAC, 1886, Fig. 96 e 97), constitui a ocorrência mais setentrional conhecida até ao presente para este tipo de artefacto. Mutilado e parcialmente reconstituído com gesso, apresenta-se decorado em ambas as faces, com elementos decorativos bem distintos. Revela uma sequência de três perfurações na base do cabo, que indicia uma utilização tanto pendente, no caso segundo uma orientação inesperada, que no entanto encontra paralelos em dois pequenos exemplares provenientes da Anta 1 do Paço, Reguengos de Monsaraz (LEISNER & LEISNER, 1951) e em dois outros, um exemplar de calaíte um outro de xisto de reduzidas dimensões (c= 5 cm de altura) munido de duas perfurações na extremidade rectilínea, exumados na Lapa do Fumo. Peças perfuradas são sobretudo conhecidas no jazigo de Alcarapinha (LEISNER & LEISNER, 1959, Tf. 1/11/97) e no de El Pozuelo (LEISNER & LEISNER, 1959, Tf. 1/11/97).

Um outro sentido para as perfurações poderá ser conectado com a fixação da peça a um cabo, como os actuais báculos episcopais, ou, simplesmente, para permitir a suspensão de adereços leves, como plumas, que naturalmente não se conservaram.

Nos exemplares de maiores dimensões, a frequente ausência de decoração na base (FERREIRA, 1985, Fig. 1), sugere que a preensão manual se faria por ali, circunstância que encontra apoio no exemplar proveniente do monumento da Herdade das Antas, Montemor-o-Novo, que apresenta um remate destinado à fixação da mão.

Placas e báculos são, pois, na Estremadura, uma das expressões mais evidentes das influências culturais, exercidas na Estremadura, ao nível da superestrutura cognitiva, da Cultura Megalítica do Alto Alentejo, no decurso do Neolítico Final.

5.6 – Outras peças de significado mágico-religioso

Esferóides e peças associadas

Neste grupo integram-se 4 esferóides de calcário, de dimensões diversas (Fig. 59, n.º 2 a 5) e uma peça achatada, atribuível a dormente, com concavidade em calote de esfera, correspondente ao negativo de um dos esferóides (Fig. 59, n.º 1).

Os esferóides menores possuem superfície áspera ao tacto, regularizada por polimento, e algo pulverulenta. O maior (Fig. 59, n.º 5), executado em rocha calcária mais compacta e dura, apresenta-se partido, ostentando uma superfície com marcados vestígios de picotagem.

As peças de menor diâmetro, como os exemplares da Fig. 59, n.º 2 a 4 podem relacionar-se com balas de funda (CARDOSO, 1989, fig. 183, n.º 4). No entanto, a perfeita adaptação de uma delas (Fig. 59, n.º 2) à concavidade do dormente, sugere uma complementaridade funcional, sendo o conjunto especialmente adaptado para a trituração de matérias macias, os corantes.

O exemplar de maiores dimensões (Fig. 59, n.º 5) sugere diferente funcionalidade. Com efeito, pode assimilar-se às enigmáticas bolas, cuja funcionalidade e significado foram objecto de artigo publicado neste mesmo volume (CARDOSO, 2001/2002).

Cilindros de calcário

Neste grupo incluímos as seguintes variantes:

Bétilos

Esta designação reporta-se às peças de corpo troncocónico, de faces laterais mais ou menos bombeadas, representadas por um exemplar de pequenas dimensões (Fig. 59, n.º 6). Apresenta uma superfície incompletamente polida e extremidades convexas sumariamente afeiçoadas. Artefacto simbólico, correspondente à estilização máxima da figura humana, ocorre sobretudo em contextos funerários calcolíticos do Sudeste peninsular, revelando escassa divulgação em território português.

Cilindros s.s.

Conjunto constituído por oito exemplares em calcário: sete lisos (fig. 60, n.º 1 a 7) e um decorado (Fig. 62, n.º 1).

As dimensões dos exemplares inscrevem-se dentro dos parâmetros usuais destes tipos de peças, excepção feita a um deles, de pequeno tamanho (Fig. 60, n.º 7) e um outro, de altura invulgar, face ao respectivo diâmetro (Fig. 60, n.º 5).

Outra das peças (Fig. 60, n.º 2) revela duas pequenas depressões escavadas por abrasão, cujo significado não se afigura evidente. De referir, ainda, que dois dos cilindros lisos de maiores dimensões (Fig. 60, n.º 3 e 4) revelam mutilações antigas, aproximadamente a meio corpo, de significado talvez intencional, dada a relativa robustez destas peças. Situação análoga foi observada em cilindro recolhido na gruta II da Senhora da Luz, Rio Maior (CARDOSO, FERREIRA & CARREIRA, 1996, Fig. 36, n.º 1).

O único exemplar decorado (Fig. 62, n.º 1) ostenta dois pares de linhas curvas, motivo relativamente frequente neste tipo de peças no Calcolítico da Estremadura, em povoados e conjuntos sepulcrais e atribuído a tatuagens faciais.

Hemicilindros

Trata-se de um grupo representado por cinco exemplares de calcário, com a característica comum de possuírem secção aproximadamente plano-convexa (Fig. 61, n.º 1 e 3 a 7).

Na Casa da Moura, o único hemicilindro decorado, em calcário brando, fortemente erodido, ostenta, em alto relevo, sucessivas bandas de linhas horizontais transversais, apenas parcialmente perceptíveis (Fig. 61, n.º 7).

A raridade dos hemicilindros relativamente ao tipo anterior, que, com frequência, acompanha, pode em certa medida ser comparável à ainda maior raridade dos báculos face às placas. Nesta perspectiva, devem salientar-se alguns exemplares excepcionais, com decoração barroca de tipo geométrico, mas onde se reconhecem elementos da face humana, como é o caso do hemicilindro de origem desconhecida dos arredores de Lisboa (SANTOS, 1970) e do seu homólogo do dólmen de Casinhos, Loures (LEISNER,

ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1969, Pl. Q), conotáveis com representação antropomórfica (coruja? mocho?), de índole funerária, variante da Deusa-Mãe calcolítica.

V. Leisner (LEISNER, 1965) referenciou, na década de 1960, onze ocorrências. A estes achados haverá que adicionar alguns outros, mais recentes, com destaque para o conjunto do Correio Mor, Loures, constituído por três peças, todas decoradas por bandas de linhas incisas horizontais, semelhantes às do exemplar em apreço, com a diferença de não formarem cordões em alto relevo, como neste (CARDOSO *et al.*, 1995, fig. 9 e 10). Neste particular, salienta-se o exemplar fragmentado exumado no dólmen de Monte Abraão, Belas, Sintra, com decoração em tudo semelhante à do exemplar em apreço (RIBEIRO, 1880, Fig. 41).

Outros

No conjunto dos materiais votivos de calcário, merecem particular atenção dois fragmentos, não contíguos, pertencentes provavelmente a uma mesma placa de contorno curvilíneo (Fig. 62 n.º 2), com um deles a apresentar um peculiar estrangulamento na extremidade mais estreita. PTem paralelo próximo em peça das grutas naturais do Poço Velho (PAÇO, 1941: Fig. XIX) e em outra da sepultura II do Cabeço da Arruda (LEISNER, 1965, Tf. 7, n.º 7). A outra extremidade exhibe três furos bitroncocónicos alinhados no corpo superior na proximidade da zona fracturada, perfurações inexistentes no seu paralelo de Cascais. Duas hipóteses se perfilam para a interpretação deste objecto e das perfurações que uma das suas possíveis partes ostenta. A primeira, faz corresponder as ditas perfurações a um restauro, após a fractura do objecto, servindo para a fixação de ambas as partes; o facto de o outro fragmento não possuir perfurações análogas, pode atribuir-se a desaparecimento da porção correspondente. Existem outros casos de peças de calcário restauradas pelo mesmo processo, após fracturas acidentais. É o caso de placa de calcário da necrópole de Carenque, Amadora (HELENO, 1933, Fig. 33; LEISNER, 1965, Tf. 59, n.º 18), da placa, também de calcário da *tholos* da Tituaria, Mafra (CARDOSO *et al.*, 1996, Fig. 41, n.º 3) e de uma outra, correspondente a fragmento de placa gravada em alto relevo recolhida na necrópole do Cabeço da Arruda, Torres Vedras (GALLAY *et al.*, 1973, Fig. 7). No caso da placa de Carenque, o restauro afigura-se evidente; com efeito, ao longo de uma das extremidades, que é oblíqua, executaram-se três perfurações, prolongadas na superfície da placa por sulcos, até à zona da fractura, destinados a facilitar a fixação das fibras que uniriam esta parte à que falta.

Tais restauros evidenciam, pois, a alta importância simbólica que era atribuída a estas peças, mesmo depois de danificadas, o que aconteceria com alguma frequência, dada a sua evidente fragilidade.

Machado votivo (?)

Possuindo significativas analogias com os machados, nomeadamente pela presença de um sulco transversal, destinado a reforçar a fixação ao cabo, mas diferindo decisivamente destes pela não definição de um extremidade activa, existe uma singular peça de calcário de contorno subelíptico, decorada com várias caneluras, paralelas entre si, numa das faces (Fig. 62, n.º 3). A sua execução num calcário brando confere-

-lhe natureza decididamente simbólica. Trata-se de uma peça já apresentada por Leite de Vasconcelos (VASCONCELOS, 1922: Fig. XV, n.º 33), que lhe atribuiu uma função utilitária, como enxada ou enxó. Para tal interpretação, concorreria a existência de um sulco transversal profundamente escavado numa das faces (*op. cit.*: 294) que se destinaria, segundo o autor, à fixação de um cabo. Tal hipótese afigura-se nos pouco razoável, seja pela ausência de uma extremidade privilegiada como gume, seja pela natureza da matéria prima, demasiado macia para utilização como instrumento de corte.

O paralelo mais próximo pode ser referenciado num curioso achado avulso, executado em quartzito, densamente decorado com faixas contíguas à canelura proveniente da Quinta da Foz (Benavente) e conservado no Museu Municipal de Benavente, onde se manteve até agora inédito. Também aqui estamos perante uma forma lítica com idêntica simetria lateral e longitudinal, possuindo uma secção subquadrangular espessa.

Um outro paralelo significativo provém da Estremadura espanhola: trata-se de exemplar do dólmen de corredor de Zafra II, Valência de Alcántara (BUENO RAMIREZ, 1988, pp. 88 e 107/108). Executado em granito, foi interpretado pela Autora como polidor, hipótese que, atendendo à sua natureza lítica, não parece a mais adequada. Na região de Huelva, assinala-se a ocorrência, em San Bartolomé de la Torre, em contexto calcolítico, de diversos exemplares análogos, tanto pela forma como pela presença de sulcos diametrais profundamente cavados, cercados nalguns casos por símbolos geométricos ou reticulados (ALMAGRO-BASCH *et al.*, 1975, Lám. 96, 97 e 190), os quais foram, igualmente, atribuídos a ídolos.

Braçal de arqueiro

Nesta categoria englobam-se dois exemplares de reduzidas dimensões (Fig. 62, n.º 6 e 7), ambos executados no mesmo tipo de arenito de grão fino. O primeiro, reduz-se a fragmento com uma única perfuração. O segundo (Fig. 62, n.º 7), um pouco menos espesso que o anterior, possui um orifício em cada extremidade, num caso apenas parcialmente conservado. De assinalar a existência, no topo da extremidade completa, de um pequeno sulco, perpendicular ao bordo, indicando a maneira como se efectuava a fixação da fibra. Embora, por regra, associados a contextos campaniformes no Baixo Tejo, a sua perduração em momentos posteriores encontra-se bem documentada em várias áreas culturais do Bronze peninsular. A natureza marcadamente abrasiva do arenito, matéria em que na maior parte dos casos se encontram manufacturados, permite admitir, em alternativa, uma utilização como placas amoladeiras para reavivamento dos gumes das pontas de Palmela, que frequentemente acompanham; tal hipótese não poderá estender-se, naturalmente, às placas feitas de rochas mais brandas. Aliás, a funcionalidade destas peças parece, na generalidade dos casos, corresponder à atribuição tradicional, visto conhecer-se um exemplar de ouro, recolhido em Vila Nova da Cerveira, sem contexto conhecido (ARMBRUSTER & PARREIRA, 1993, n.º 70).

Diversos

Regista-se ainda a presença de alguns seixos de quartzito de diversas dimensões cuja presença já fora assinalada por Nery Delgado (DELGADO, 1867). Na generalidade, evidenciam massacramentos, revelando utilização como percutores.

5.7. Materiais metálicos

A utensilagem metálica actualmente existente da Casa da Moura revela-se escassa, reduzindo-se a dois pequenos utensílios de cobre arsenical.

Da intervenção inicial provém uma ponta de Palmela (Fig. 62, n.º 4), encontrada, segundo o escavador a quatro metros de profundidade, quase sob o manto estalagmítico (DELGADO, 1867). Foi reproduzida em uma das antigas litografias da Comissão Geológica, recentemente dadas a conhecer (CARREIRA & CARDOSO, 1996; Fig. I E, n.º 1). Possui uma folha de dimensões medianas e pedúnculo bem marcado, obtido por estrangulamento do corpo, logo abaixo da linha do seu diâmetro máximo. A sua morfologia identifica-se com o subtipo B1 da tipologia de G. Delibes de Castro (DELIBES de CASTRO, 1977), bem representada em diversos contextos campaniformes mesetenhos.

No território português, parece constituir um tipo relativamente tardio na série destes utensílios. Na Estremadura portuguesa são conhecidos exemplares análogos. De salientar, sobretudo, o achado de vários exemplares na Gruta das Redondas, Alcobaça, relativamente próxima, onde também não se encontra presente a olaria campaniforme (NATIVIDADE, 1899-1903/Est. XXII, XXIII). Forma análoga encontra-se referenciada em diversos contextos associáveis ao Bronze Inicial do Sudoeste, representado pelo “horizonte de Ferradeira” (SCHUBART, 1975, Fig. 9, d).

A outra peça metálica, também integrável no Bronze Inicial Pleno, é um punção (“alène”) relativamente alongado (10.8 cm) de lados rectos e forma losânguica bem definida (Fig. 62, n.º 5). Uma análise química executada nos anos 60 revelou tratar-se de cobre, com impurezas por ordem decrescente de arsénio (2.58 %), prata e bismuto (JUNGHANS, SANGMEISTER & SCHROEDER, 1968, Análise 1798).

Constitui um tipo metálico que, apesar de pouco comum, está longe de ser considerado raro. Variantes diversas destes utensílios, sempre executados em cobre, são conhecidos sobretudo na metade meridional do país como em Vila Nova de S. Pedro (JALHAY & PAÇO, 1945, lám. XVII, n.º 9 e 10; Fig. XVIII, n.º 18, 19 e 20, no Abrigo Grande e povoado do Alto das Bocas (CARREIRA, 1994; Fig. XXXII, n.º 4 e 5; Fig. XXXIX, n.º 5 e 6), na Zambujeira (CARTAILHAC, 1886: fig. 288) e no Monte Novo dos Albardeiros (GONÇALVES, 1988/1989, Fig. 12 e 13). O mesmo tipo artefactual é conhecido no Bronze Inicial do sudoeste francês. Trata-se, pois, de um artefacto característico dos primórdios da Idade do Bronze (na terminologia portuguesa, até o Bronze Pleno), revelando marcadas influências meridionais – no caso português comprovadas pela ocorrência em necrópoles do Bronze do Sudoeste – mas ainda produzido em cobre, o que evidencia o atraso da introdução da metalurgia do bronze no sul peninsular, em resultado de, nessa época, ainda serem incipientes as redes de abastecimento meridionais do estanho oriundo das Beiras e do Norte de Portugal e de existir ali uma forte tradição da metalurgia do cobre, herdada do Calcolítico.

6 – CONCLUSÕES FINAIS E INTEGRAÇÃO CULTURAL

Os materiais exumados na Casa da Moura evidenciam a utilização da cavidade ao logo de um período de tempo relativamente dilatado, desde, pelo menos, o Paleolítico Superior à Idade do Bronze.

A ocupação mais antiga dos tempos pós-glaciários – o único período que foi objecto de estudo – é do Neolítico Antigo; encontra-se representado por numerosas cerâmicas lisas e decoradas, conotáveis com uma datação de radiocarbono de 5900 ± 60 B.P., a que corresponde o intervalo, a dois sigma, de 4943- 4799 cal a.C. (STRAUS *et al.*, 1988: 70), obtida sobre um fragmento de cúbito humano. A tipologia dos recipientes cerâmicos não deixa dúvidas, actualmente, sobre a inclusão da sua quase totalidade naquele período cultural. Avultam, nas cerâmicas decoradas, padrões e técnicas quase desconhecidas no Neolítico Antigo da Baixa Estremadura e, muito menos, no sul de Portugal. Deste modo, é lícito admitir uma forte influência cultural, na Alta Estremadura, nas fases mais avançadas do Neolítico Antigo, da Beira Alta, tendo presentes as características do espólio cerâmico exumado.

Com efeito, até época recente, persistia a dúvida sobre a cronologia a atribuir ao conjunto de cerâmicas, erradamente seguida por outros, desde então impressas e decoradas por arrastamento de um pente, em recipientes fechados, de carena alta e reentrante e corpo parabolóide, muitas vezes munidas de asas em fita ou mamilos de prensão, as quais, na falta de melhor alternativa, e na ausência de paralelos estratigrafados, eram situadas na Idade do Bronze: foi essa a cronologia que, em 1972, K. Spindler e O. da Veiga Ferreira propuseram para os materiais da gruta do Carvalhal, Turquel, Alcobaça (SPIDLER & FERREIRA, 1972). A descoberta, em estratigrafia, de cerâmicas decoradas a pente, em povoados do Neolítico Final e do Calcolítico do Norte de Portugal (JORGE, 1986), teve como consequência, na Estremadura, a procura de exemplares comparáveis, o que foi conseguido em diversos povoados calcolíticos mais importantes, como Pragança, Penha Verde e Leceia (GONÇALVES, 1991; CARDOSO, 1995). Deste modo, as cerâmicas homólogas, entretanto estudadas, desprovidas de contexto estratigráfico, decoradas por tal técnica, de algumas grutas da região, como as grutas da Senhora da Luz, Rio Maior, passaram a situar-se no Calcolítico, ainda que se admitisse a sua sobrevivência na Idade do Bronze (CARDOSO, FERREIRA & CARREIRA, 1996).

Entretanto, a investigação do povoamento pré-histórico na bacia do Alto Mondego, conduziu à identificação de cerâmicas penteadas em diversos locais, tanto povoados como necrópoles. Tais cerâmicas, integradas, numa primeira fase das pesquisas, no Calcolítico (VALERA, 1993a, b) – certamente em consequência da cronologia estabelecida nos povoados do Norte de Portugal – foram, ulteriormente, pelo mesmo autor, reportadas aos inícios do processo de neolitização na região (VALERA, 1998), correspondente ao Neolítico Antigo regional. Foram, com efeito, naquela região do centro/norte interior do País, encontrados vasos de tipologia peculiar, de corpo parabolóide e fundo espessado, em tudo idênticos a exemplares da Casa da Moura; outros, entretanto, evidenciariam analogias – tanto na forma como nas técnicas incisa e impressa – com cerâmicas do interior transmontano, igualmente pertencentes ao Neolítico Antigo, como as encontradas na Fraga d’Aia (SANCHES, 1996). Enfim, ainda mais recentemente, foi detectada a técnica penteada no Neolítico Antigo na região do Alto Ribatejo, imediatamente adjacente da área onde se implanta a Casa da Moura: trata-se do abrigo da Pena d’Água, Torres Novas (CARVALHO, 1998).

No Sul do País, há muito que tal técnica havia sido identificada, ainda que muito esporadicamente, no Neolítico Antigo do litoral baixo-alentejano, no povoado de Salema, Sines (SOARES & SILVA, 1979), mas as evidências eram escassas e não se prestavam a maiores considerações.

Idêntica evolução conheceu a questão das cerâmicas com decoração “boquique”; tal como as cerâmicas penteadas acabadas de referir, é hoje inquestionável a sua existência generalizada no Neolítico Antigo, desde o interior transmontano, como a Quinta da Torrinha (CARVALHO; 1999), até ao interior alentejano (DINIZ, 2001), para além do já referido povoado de Salema, Sines, passando por diversas estações da Estremadura e Alto Ribatejanas, já atrás mencionadas.

Enfim, as cerâmicas incisas, ou com decoração canelada, sobretudo aplicada em recipientes fechados, de carene alta e corpo parabolóide têm paralelo, igualmente, nos contextos do Neolítico Antigo da bacia do Alto Mondego e era região do Alto Douro.

A conclusão a tirar, no concernente à Casa da Moura, desta rápida síntese sobre o progresso dos conhecimentos relativamente às cerâmicas do Neolítico Antigo português do Centro-Norte do País, é a de que, com toda a probabilidade, a larga maioria, senão a totalidade, das suas cerâmicas decoradas – com excepção dos bordos em aba denteados e afins, típicos do Neolítico Final exumadas na Casa da Moura – pertencerão ao Neolítico Antigo, numa época em que já se não utilizavam vasos cardiais, conclusão que, afinal, é concordante com a datação absoluta correspondente à formação da respectiva necrópole. Por outro lado, este conjunto cerâmico, de nítidas afinidades setentrionais, não ocorre isolado: nas vizinhas grutas de Alcobaça (Calatras, Cabeça da Ministra, entre outras), na Gruta do Carvalhal, Turquel, e ainda na Gruta II da Senhora da Luz e no Abrigo Grande das Bocas, Rio Maior, recolheram-se exemplares homólogos, configurando, deste modo, um factor regional do Neolítico Antigo com expressão geográfica e arqueológica específicas, até ao presente desconhecido, cujos materiais acompanham outros, de há muito reconhecidos, como pertencentes ao Neolítico Antigo.

Sendo certamente dádivas funerárias, importa procurar noutros grupos de espólio, os elementos que as acompanhariam.

No concernente à indústria lítica existente, nenhuma conclusão positiva se poderá dela extrair, limitados apenas à análise tipológica dos materiais.

Quanto às indústrias de pedra lascada, todos ou quase todos os tipos artefactuais são característicos do Neolítico Final. O mesmo se poderia dizer dos artefactos de pedra polida: contudo, nada impede que alguns machados ou enxós não pertençam ao Neolítico Antigo: machados com secções sub-quadrangulares, irregulares, curtos e espessos, frequentes na Casa da Moura, foram reportados, na gruta do Caldeirão, Tomar, ao Neolítico Antigo (ZILHÃO, 1992, Fig. 7.7). Mesmo machados de secção sub-rectangular, e de contorno sub-trapezoidal, tradicionalmente considerados do Neolítico Final e do Calcolítico, pior representados na Casa da Moura, poderiam pertencer ao Neolítico Antigo, conforme A. F. Carvalho verificou no povoado transmontano da Quinta da Torrinha (CARVALHO, 1999, Fig. 11, nº. 10). Enfim, as enxós espalmadas, totalmente polidas, com gumes de perfil dissimétrico, frequentes na Casa da Moura, bem como em muitos outros contextos do Neolítico Final estremenho, remontam, seguramente, respeitando a mesma forma e acabamento, ao Neolítico Antigo, como se conclui pelos exemplares recolhidos no povado da Salema, Sines (SOARES & SILVA, 1979, Fig. 20) e no de Cabranosa, Vila do Bispo, aqui, tal como no caso anterior preferencialmente utilizadas para cavar (CARDOSO, CARVALHO & NORTON, 1998, Fig. 19).

Não restam dúvidas, pois, que, na fase final do Neolítico Antigo, a gruta da Casa da Moura conheceu uma importante utilização sepulcral, a qual, a acreditar pela importância dos materiais, foi mais intensa que as ocupações mais modernas nela identificadas.

A ocupação seguinte registada na gruta, por critérios tipológicos, remonta ao Neolítico Final: a ela pertencem, inquestionavelmente, os bordos em aba denteados, de recipientes por via de regra representados em estações da Baixa Estremadura com ocupações daquela época, podendo considerar-se como um bom indicador crono-cultural, a par das taças carenadas, também presentes na Casa da Moura (Fig. 36, n.º 1 a 4). Excelentemente representados na camada basal de Leceia (CARDOSO, SOARES & SILVA, 1996), encontram-se ainda em alguns monumentos funerários da região, como a gruta artificial II de Alapraia, Cascais (JALHAY & PAÇO, 1941, Fig. 38), indicando que a sua construção remontou ainda àquele período, conclusão aliás comprovada por datação de radiocarbono de ossos humanos de um hipogeu, actualmente destruído do Monte do Castelo, Leceia, Oeiras (CARDOSO, CUNHA & AGUIAR, 1991). O mesmo se verificou no monumento complexo da Praia das Maças, Sintra, também parcialmente escavado na rocha, com destaque para a sua câmara ocidental, de onde foram recentemente datados três alfinetes de cabelo situáveis no Neolítico Final (CARDOSO & SOARES, 1995). A intervenção conduzida no monumento por J. L. M. Gonçalves, no final da década de 1970, permitiu evidenciar diversas associações artefactuais, correspondentes a outros tantos horizontes culturais: os bordos denteados pertencem ao segundo desses horizontes, presente igualmente no *tumulus* do monumento (GONÇALVES, 1982/1983, Fig. 16, 17).

É ainda ao Neolítico Final que devem reportar-se as placas de xisto e o “báculo”, que denunciam uma evidente penetração cultural na Estremadura de povos que, à época, ocupavam o Alto Alentejo. Essa presença é extensiva à maioria dos espólios sepulcrais estremenhos, mostrando que, longe de corresponder a um fenómeno isolado e esporádico, possuiu, ao contrário, características intensas e generalizadas, a que não repugna associar a importância das trocas comerciais então estabelecidas: o sílex, abundante na Estremadura, seria permutado pelos anfíbolitos alentejanos além de outros produtos ou matérias-primas. Deste modo, de um processo intensificação económica, resultou, a curto prazo e em consequência directa daquele, fenómenos de interacção cultural de largo espectro. Importa, a este propósito, sublinhar a presença do “báculo”. Sendo inquestionavelmente uma peça de prestígio, só utilizada pelos membros mais destacados de cada comunidade, a ocorrência de diversos exemplares na Estremadura evidencia a apropriação de símbolos de poder exógenos, utilizados pelas comunidades alto-alentejanas do Neolítico Final, facto que denota a profundidade da adopção de práticas rituais oriundas daquela região, por parte das “elites” estremenhas, então em processo de rápida diferenciação social.

A fase cultural seguinte pertence ao Calcolítico. A sua presença encontra-se evidenciada pela panóplia de objectos ideotécnicos de calcário, sem que lhes seja possível associar qualquer outro espólio. Tais objectos, são usualmente relacionados com tumulações, em diversos tipos de sepulcros estremenhos (grutas naturais, artificiais, sepulturas de falsa cúpula e monumentos megalíticos); excepcionalmente, ocorrem agrupados, formando depósitos rituais não directamente associados a contextos funerários: é o caso do notável conjunto exumado na gruta do Correio-Mor, Loures (CARDOSO *et al.*, 1995), onde as evidências de outros materiais arqueológicos calcolíticos pré-campaniformes são também escassas. Deste modo, sendo

lícito conotar a sua presença com práticas rituais de carácter funerário, que teriam lugar em ambientes subterrâneos, não é sempre evidente, pelo menos nalguns casos, a sua associação directa a tumulações ali efectuadas: neste caso poderiam enquadrar-se as peças da Casa da Moura.

Ao Calcolítico Final poderão corresponder os dois braçais de arqueiro, os dois botões de osso de tipo tartaruga e a ponta de Palmela. No entanto, a ausência local de cerâmicas campaniformes deixa em aberto a hipótese de corresponderem, antes, a horizontes mais tardios, associáveis ao Bronze Inicial/inícios do Bronze Pleno, admitindo que o Bronze Inicial esteja representado, na Baixa Estremadura, pelo chamado “Horizonte de Montelavar”, do qual já não fazem parte os característicos recipientes campaniformes decorados. Nesta medida, ao conjunto referido poderá ser adicionado o punção losangular de cobre, o qual tem paralelos em necrópoles do Bronze do Sudoeste, bem como algumas, escassas, cerâmicas, as quais, por critérios estritamente tipológicos, foram separadas das suas congéneres mais antigas: é o caso de uma taça de carena suave (Fig. 36, n.º 5), bem como os recipientes da Fig. 37, n.º 4 a 6, o último dos quais com paralelos evidentes no Bronze do Sudoeste. Nestes termos, tais peças documentam influências meridionais no Bronze Pleno estremenho, cuja importância ultrapassa, em muito, a ocorrência de simples pelas isoladas como as que ora se publicam (CARDOSO, 1999/2000 c).

Com a conclusão desta monografia, crê-se ter atingido um dos objectivos que justificou o estudo de tão rico e variado espólio, desenvolvido ao longo de vários anos, tanto no Museu do Instituto Geológico e Mineiro, como no Museu Nacional de Arqueologia (a cujos responsáveis endereçamos os devidos agradecimentos): com efeito, sendo uma das estações pré-históricas portuguesas mais precocemente escavadas, e, mesmo, uma das primeiras a nível peninsular a ser investigada, era injustificável o silêncio que, sobre os materiais dela provenientes, se abateu: até agora, não tinham sido objecto de estudo adequado, exceptuando algumas peças soltas, publicadas ainda no século XIX por E. Cartailhac (CARTAILHAC, 1886) e, depois, reproduzidas por diversos autores. Não só a sua importância intrínseca aconselhava a preparação de publicação condigna, mas também esta se tornava imperativa, dada a relevância que a estação, entretanto, merecidamente adquiriu, no quadro da história das investigações pré-históricas em Portugal.

Nota final: os desenhos que ilustram este trabalho são da autoria de Carlos Lemos, Helena Figueiredo, Bernardo L. Ferreira e Júlio Roque Carreira.

BIBLIOGRAFIA

ALMAGRO-BASCH, M. *et al.* (1975) – *Huelva: Prehistoria y Antigüedad*. Madrid: Editora Nacional.

ALMAGRO-GORBEA, M. (1977) – *El Bronce Final y el Período Orientalizante en Extremadura*. Madrid: CSIC/Universidad de Valencia (Bibliotheca Praehistorica Hispana, 14).

ALMEIDA, F. de & FERREIRA, O. da Veiga (1971) – Um monumento pré-histórico na Granja de S. Pedro (Idanha-a-Velha). *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia* (Coimbra, 1970), 1, pp. 163-168.

- ARAÚJO, A. C. & LEJEUNE, M. (1995) – *Gruta do Escoural: necrópole neolítica e arte rupestre paleolítica*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico (Trabalhos de Arqueologia, 8).
- ARMBRUSTER, B. & PARREIRA, R. (1993) – *Inventário do Museu Nacional de Arqueologia. Coleção de Ourivesaria*. 1º. Volume. do Calcolítico à Idade do Bronze. Lisboa: Instituto Português de Museus.
- BERNABEU AUBAN, J. (1989) – *La tradición cultural de las cerámicas impresas en la zona oriental de la Peninsula Ibérica*. Valencia: Servicio de Investigaciones Prehistoricas.
- BENSAÚDE, A. (1884) – Note sur la nature minéralogique de quelques instruments de pierre trouvés en Portugal. C.-R. IX Session Congrès Internationakl d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques (Lisboa, 1980). Lisboa. Actas, pp. 682-698.
- BOAVENTURA, R. (2001) – *O sítio calcolítico do Pombal (Monforte). Uma recuperação possível de velhos e novos dados*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia, 20).
- BOLELLI, E., MARCAIS, J. & PASCON, P. (1956) – Note sur des vases de pierre découvert à Souk el Khmis des Ait Ouahi (Nord marocain), *Bull. Archeol. Marocaine*, 1, 157- 162.
- BREUIL, H. (1918) – Impressions de voyage paléolithique à Lisbonne. *Terra Portuguesa*, 3, pp. 34-39.
- BREUIL, H. & ZBYSZEWSKI, G. (1947) – Révision des industries mésolithiques de Muge et de Magos (collections du Service Géologique du Portugal). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, 28, pp. 149-196.
- BUENO RAMÍREZ, P. (1988) – *Los dolmenes de Valencia de Alcantara*. Madrid: Ministerio de Cultura (Excavaciones Arqueologicas en España).
- CARDOSO, J. L. (1980) – O povoado pré-histórico de Leceia (Lisboa, Portugal). Estudo da colecção do Escultor Álvaro de Brée. 1ª. Parte. *Revista de Guimarães*, 90, pp. 211-304.
- CARDOSO, J. L. (1981) – O povoado pré-histórico de Leceia (Lisboa, Portugal). Estudo da colecção do Escultor Álvaro de Brée. 2ª. Parte. *Revista de Guimarães*, 91, pp. 120-233.
- CARDOSO, J. L. (1989) – *Leceia. Resultados das escavações efectuadas*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J. L. (1992) – A Lapa do Bugio. *Setúbal Arqueológica*, 9/10, pp. 89-225.
- CARDOSO, J. L. (1993) – *Contribuição para o conhecimento dos grandes mamíferos do Plistocénico Superior de Portugal*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J. L. (1994) – *Leceia 1983-1993. Escavações do povoado fortificado pre-histórico*. Estudos Arqueológicos de Oeiras, número especial.
- CARDOSO, J. L. (1995a) – Materiais arqueológicos das grutas de Carnaxide. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 5, pp. 67-86.

- CARDOSO, J. L. (1995b) – Cerâmicas decoradas a pente, do Calcolítico Pleno de Leceia (Oeiras) e da Penha Verde (Sintra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 5, pp. 243-249.
- CARDOSO, J. L. (1997) – *O povoado de Leceia, sentinela do Tejo no terceiro milénio antes de Cristo*. Lisboa/Oeiras, Museu Nacional de Arqueologia/Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J. L. (1999/2000a) – As investigações de Carlos Ribeiro e de Nery Delgado sobre o “Homem Terciário”: resultados e consequências na época e para além dela. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 8, pp. 33-54.
- CARDOSO, J. L. (1999/2000b) – Os artefactos de pedra polida do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 8, pp. 241-323
- CARDOSO, J. L. (1999/2000) – *Aspectos do povoamento da Baixa Estremadura no decurso da Idade do Bronze*. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 8, pp. 355-413.
- CARDOSO, J. L. (2001/2002) – Os esferóides de calcário do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras) e sua possível finalidade. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 10, pp. ??-??.
- CARDOSO, J. L. & CARREIRA, J. R. (1991) – O espólio arqueológico do Algar de João Ramos ou gruta das Redondas, Turquel – Alcobaça. *Actas das IV Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1990), Lisboa, pp. 277-285.
- CARDOSO, J. L. & CARVALHOSA, A. de Barros e (1995) – Estudos petrográficos de artefactos de pedra polida do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). Análises de proveniências. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 5, 123-151.
- CARDOSO, J. L. & GOMES, M. V. (1994) – Zagaia do Paleolítico Superior português. *Portugália*, Nova Série, XV, p. 7-31.
- CARDOSO, J. L. & MELO, Ávila de (2001) – Correspondência anotada de Carlos Ribeiro e de Nery Delgado: contribuição para a história da Arqueologia em Portugal. *Comunicações do Instituto Geológico e Mineiro*, 88, pp. 309-346.
- CARDOSO, J. L. & SOARES, A. M. Monge (1995) – Sobre a cronologia absoluta das grutas artificiais da Estremadura portuguesa. *Al-Madan*, Série 2, 4, pp. 10-13.
- CARDOSO, J. L., LEITÃO, M. & FERREIRA, O. da Veiga (1987) – Nota acerca de uma conta-amuleto encontrada na “tholos” da Tituaria (Mafra). *O Arqueólogo Português*, Série 4, 5, pp. 89-99.
- CARDOSO, J. L., CUNHA, A. Santinho & AGUIAR, D. de (1991) – *O Homem pré-histórico no concelho de Oeiras*. *Estudos de Antropologia Física*. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 2.
- CARDOSO, J. L.; CARREIRA, J. R. & FERREIRA, O. da Veiga (1996) – Novos elementos para o estudo do Neolítico Antigo da região de Lisboa. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 6, pp. 9-26.

- CARDOSO, J. L., FERREIRA, O. da Veiga & CARREIRA, J. R. (1996) – O espólio arqueológico das grutas naturais da Senhora da Luz (Rio Maior). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 6, pp. 195-256.
- CARDOSO, J. L., SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da (1996) – A ocupação neolítica de Leceia (Oeiras). Materiais recolhidos em 1987 e 1988. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 6, pp. 47-89.
- CARDOSO, J. L., CARVALHO, A. F. & NORTON, J. (1998) – A estação do Neolítico Antigo de Cabranosa (Sagres, Vila do Bispo): estudo dos materiais e integração cronológico-cultural. *O Arqueólogo Português*, Série 4, 16, pp. 55-96.
- CARDOSO, J. L., LEITÃO, M., NORTON, J., FERREIRA, O. da Veiga & NORTH, T. (1995) – O santuário calcolítico da gruta do Correio-Mor (Loures). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 5, pp. 97-121.
- CARDOSO, J. L., LEITÃO, M., FERREIRA, O. da Veiga, NORTH, C. T., NORTON, J., MEDEIROS, J. & SOUSA, P. Fialho de (1996) – O monumento pré-histórico de Tituaria, Moinhos da Casela (Mafra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 6, pp. 135-193.
- CARREIRA, J. R. (1994) – A Pré-História recente do Abrigo Grande das Bocas (Rio Maior). *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 2, pp. 47-144.
- CARREIRA, J. R. (1996) – As ocupações das Idades do Cobre e do Bronze da Lapa da Bugalheira (Torres Novas). *Nova Augusta*, 10, pp. 91-112.
- CARREIRA, J. R. (1997) – Catujal: um povoado do Bronze (Médio) à entrada da “ria de Loures”. Contribuição para o estudo das influências do Bronze do Sudoeste na formação do Bronze estremenho. *Vipasca*, 6, pp. 119-140.
- CARREIRA, J. R. & CARDOSO, J. L. (1992a) – Escavações de Nery Delgado no planalto da Cesareda nas grutas da Lapa Furada e da Malgasta (Peniche): estudo do espólio arqueológico. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, 78 (2), pp. 145-173.
- CARREIRA, J. R. & CARDOSO, J. L. (1992b) – Testemunhos da ocupação neolítica da Serra do Monsanto. *Al-Mandan*, Série 2, 1, pp. 15-18.
- CARREIRA, J. R. & CARDOSO, J. L. (1994) – Sobre a existência de cerâmicas impressas e incisas no Neolítico Final estremenho. *Actas das V Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1993), Lisboa, 2, pp. 69-78.
- CARREIRA, J. R. & CARDOSO, J. L. (1996) – Um conjunto de litografias arqueológicas inéditas da Comissão Geológica de Portugal. *Comunicações do Instituto Geológico e Mineiro*, 82, pp. 145-168.
- CASTRO, L. de Albuquerque e & FERREIRA, O. da Veiga (1959) – Vaso de tipo neolítico do Alto da Toupeira – Lousa. *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia* (Lisboa, 1958), 1, pp. 109-110.
- CARTAILHAC, E. (1886) – *Les Âges Préhistoriques de l’Espagne et du Portugal*, Paris: Ch. Reinwald.

- CARVALHO, A. F. (1998) – O abrigo da Pena d'Água (Rexaldia, Torres Novas): resultados dos trabalhos de 1992-1997. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 1 (2), pp. 39-79.
- CARVALHO, A. F. (1999) – Os sítios de Quebradas e de Quinta da Torrinhã (Vila Nova de Foz Côa) e o Neolítico Antigo do Baixo Côa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 2 (1), pp. 39-70.
- CARVALHO, A. F. & ZILHÃO, J. (1994) – O povoado neolítico do Laranjal do Cabeço das Pias (Vale da Serra, Torres Novas). *Actas das V Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1993). Lisboa, 2, pp. 53-67.
- CHOFFAT, P. (1908) – Notice néologique sur J. F. Nery Delgado (1835-1908). *Journal de Ciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes*, Série 2, 7 (28), 14 pp. (separata).
- CORRÊA, A. Mendes & TEIXEIRA, C. (1949) – *A jazida pré-histórica de Eira Pedrinha (Condeixa)*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal
- CORTES, V., FERREIRA, O. da Veiga, FURTADO, A., MAURÍCIO, A. S. & MONTEIRO, J. A. (1977) – A Lapa do Suão (Bombarral). Relatório da campanha de escavações de 1970. *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa*, Série 3, 83, pp. 219-237.
- DAWKINS, W. B. (1874) – *Cave Hunting. Research on the evidence of caves respecting the early inhabitants of Europe*. London: Macmillan and Co.
- DELGADO, J. F. Nery (1867) – *Da existência do homem no nosso solo em tempos mui remotos provada pelos estudos das cavernas. Primeiro opúsculo: Notícia acerca das grutas da Cesareda*. Lisboa: Comissão Geológica de Portugal.
- DELGADO, J. F. Nery (1880) – Les grottes de Peniche et Casa da Moura, Portugal. Station et sépulture néolithique. *Materiaux pour l'Histoire Primitive et Naturel de l'Homme*, 2^a série, 11.
- DELGADO, J. F. Nery (1884) – La grotte de Furninha a Peniche. *Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques. Compte-Rendu de la IX Session* (Lisboa, 1880). Lisboa, pp. 207-278.
- DELIBES de CASTRO, G. (1977) – *La cultura del vaso campaniforme en la Meseta Norte española*. *Studia Archaeologica*, 46, Valladolid.
- DINIZ, M. (2001) – O sítio neolítico da Valada do Mato, Évora: problemas e perspectivas. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 4 (1), pp. 45-59.
- FERREIRA, O. da Veiga (1953) – Os instrumentos de fibrolite do Museu dos Serviços Geológicos. *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*, 37, pp. 37-44.
- FERREIRA, O. da Veiga (1957) – Tipos de punhal lítico da colecção dos Serviços Geológicos de Portugal. *Revista de Guimarães*, 67 (1/2), pp. 185-91.
- FERREIRA, O. da Veiga (1970) – Alguns objectos inéditos, bastante raros, da colecção do Professor Manuel Heleno. *O Arqueólogo Português*, Série 3, 4, pp. 165-173.

- FERREIRA, O. da Veiga (1974) – Acerca das cerâmicas neolíticas encontradas na parte superior dos concheiros de Muge (Portugal). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, 58, pp. 191-196.
- FERREIRA, O. da Veiga (1985) – Acerca dos enigmáticos “báculos” da cultura neolítica do Alto Alentejo. *Arqueologia*, 12, pp. 86-93.
- FERREIRA, O. da Veiga & ROCHE, J. (1980) – Os elementos de adorno do Paleolítico Superior em Portugal. *Arqueologia*, 2, pp. 7-11.
- FERREIRA, O. da Veiga, NORTH, C. T. & LEITÃO, M. (1977) – O espólio arqueológico das grutas da Ribeira dos Crastos (Caldas da Rainha). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, 61, pp. 5-11.
- FERREIRA, O. da Veiga, ZBYSZEWSKI, G., LEITÃO, M., NORTH, C. T. & SOUSA, H. R. de (1975) – Le monument mégalithique de Pedra Branca auprès de Montum (Melides). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, 59, pp. 107-192.
- FRANÇA, J. Camarate, ROCHE, J. & FERREIRA, O. da Veiga (1951) – Sur l’existence probable d’un niveau solutréen dans les couches de la grotte de Casa da Moura (Cesareda). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, 45, pp. 365-370.
- GALLAY, G., SPINDLER, K., TRINDADE, L. & FERREIRA, O. da Veiga (1973) – *O monumento pré-histórico de Pai Mogo (Lourinhã)*. Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa.
- GILMAN, A. (1975) – *A Later Prehistory of Marocco*. American School of Prehistoric Research, Peabody Museum, Harvard University, Bulletin 29, Cambridge-Massachusetts.
- GONÇALVES, A. A. H. B. (1979) – Elementos de adorno de cor verde provenientes de estações arqueológicas portuguesas. Importância do seu estudo mineralógico. *Actas da 1ª. Mesa Redonda sobre o Neolítico e o Calcolítico em Portugal* (Porto, 1978). Porto: Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, pp. 209-224.
- GONÇALVES, J. L. M. (1982/1983) – Monumento pré-histórico da Praia das Maças. *Sintria*, I-II (1), p. 29-57.
- GONÇALVES, J. L. M. (1991) – Cerâmica calcolítica da Estremadura. *Actas das IV Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1990), Lisboa, pp. 215-226.
- GONÇALVES, V. S. (1971) – *O castro da Rotura e o vaso campaniforme*. Junta Distrital de Setúbal.
- GONÇALVES, V. S. (1978) – *A neolitização e o megalitismo da região de Alcobça*. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura.
- GONÇALVES, V.S. (1988/1989) – A ocupação pré-histórica do Monte Novo dos Albardeiros (Reguengos de Monsaraz). *Portugália*, Nova Série, 9/10, pp. 49-61.
- GOURICHON, L. & CARDOSO, J. L. (1995) – L’avifaune de l’habitat fortifié chalcolithique de Leceia (Oeiras, Portugal). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 5, pp. 165- 186.
- GUILAINE, J. & FERREIRA, O. da Veiga (1970) – Le Néolithique ancien au Portugal. *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, 67 (1), pp. 304-322.

- HARRISON, R. J. (1977) – *The bell beaker cultures of Spain and Portugal*. American School of Prehistoric Research, Peabody Museum, Harvard University Bulletin 35, Cambridge-Massachusetts.
- HELENO, M. (1933) – *Grutas artificiais do Tojal de Vila Chã (Carenque)*. Lisboa.
- JALHAY, E. & PAÇO, A. do (1941) – A gruta II da necrópole de Alapraia. *Anais da Academia Portuguesa da História*, 4, pp. 107-140.
- JALHAY, E. e PAÇO, A. do (1945) – El castro de Vila Nova de San Pedro. *Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria*, 20, 91 pp. (separata).
- JIMÉNEZ GÓMEZ, M. C. (1995) – *Zambujal. Los amuletos de las campañas 1964 hasta 1973*. Verlag Philipp von Zabern, pp. 157-236 (Madrider Beiträge 5.3). Mainz am Rhein.
- JORGE, S. Oliveira (1996) – *Povoados da Pré-História recente da região de Chaves – Vila Pouca de Aguiar*. Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 3 vols.
- JUNGHANS, S., SANGMEISTER, E. & SCHRODER, M. (1968) – *Kupfer und Bronze in der fruhen Metallzeit Europas*. Katalog der Analysen Nr. 985-10040. Studien zu den Anfängen der Metallurgie II, 3. Berlin.
- LEISNER, V. (1983) – As diferentes fases do Neolítico em Portugal, *Arqueologia*, 7, pp.7-15.
- LEISNER, G. & LEISNER, V. (1951) *Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz. Materiais para o estudo da cultura megalítica em Portugal*. Instituto para a Alta Cultura. Lisboa.
- LEISNER, G. & LEISNER, V. (1959) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Berlin: Walter de Gruyter (Madrider Forschungen, Band 1/2). Berlin.
- LEISNER, V. (1965) – *Die Megalithgraber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Berlin: Walter de Gruyter (Madrider Forschungen Band 1/3). Berlin.
- LEISNER, V., ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. da Veiga (1961) – *Les grottes artificielles de Casal do Pardo (Palmela) et la culture du Vase Campaniforme*. Serviços Geológicos de Portugal (Memória n.º. 8, Nova Série). Lisboa.
- LEISNER, V., PAÇO, A. do & RIBEIRO, L. (1964) – *Grutas artificiais de S. Pedro do Estoril*. Lisboa.
- LEISNER, V., ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. da Veiga (1969) – *Les monumentes préhistoriques de Praia das Maçãs et de Casinhos*. Serviços Geológicos de Portugal (Memória n.º. 16, Nova Série). Lisboa.
- LEITÃO, M., NORTH, C. T., NORTON, J., FERREIRA, O. da Veiga & ZBYSZEWSKI, G. (1984) – The prehistoric burial cave at Verdelha dos Ruivos (Vialonga, Portugal). *L'Âge du Cuivre européen* (ed. J. Guilaine), CNRS, pp. 221-240.
- LEITÃO, M., NORTH, C. T., NORTON, J., FERREIRA, O. da Veiga & ZBYSZEWSKI, G. (1987) – A gruta pré-histórica do Lugar do Canto, Valverde (Alcanede). *O Arqueólogo Português*, Série 4, 5, pp. 37-65.
- LÓPEZ-PLAZA, S. (1984) – Coto Alto. Nuevo yacimiento com cerámica campaniforme y de boquique en la Meseta Norte española. *Arqueología*, 9, pp. 54-67.

- MEIRELES, C., FERREIRA, N. & REIS, M. L. (1987) – Variscite occurrence in Silurian formations from northern Portugal. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, 75 (1/2), pp. 21-27.
- NATIVIDADE, M. Vieira (1899-1903) – As grutas de Alcobaça. *Portugália*, 1 (3), pp. 433-474.
- NAVARRETE ENCISO, M. (1976) – La Cultura de las Cuevas com ceramica decorada en Andalucia Oriental. *Cuadernos de Prehistoria de la Universidad de Granada*, 1, pp. 59-73.
- OLIVEIRA, F. de Paula e (1888/1889) – Caracteres descriptivos dos crâneos da Cesareda. *Comunicações da Comissão dos Trabalhos Geológicos*, 2, pp. 109-118.
- OOSTERBEEK, L. (1985) – A fácies megalítica da Gruta do Cadaval, *Actas da I Reunião do Quaternário Ibérico* (Lisboa, 1985). 2, pp. 135-159. Lisboa.
- PAÇO, A. do (1941) – As grutas do Poço Velho ou de Cascais. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, 22, pp. 45-84.
- PAÇO, A. do (1960) – Castro de Vila Nova de S. Pedro XII – Alguns objectos de osso e marfim. *Zephyrus*, 11, pp. 105-117.
- PAÇO, A. do, VAULTIER, M. e ZBYSZEWSKI, G. (1947) – Gruta da nascente do rio Almonda, *Trab. Soc. Port. Antrop. e Etnol.*, XI (1-2), pp.171-187.
- PAÇO, A. do, BARTHOLO, M. L. & BRANDÃO, A. (1959) – Novos achados arqueológicos das grutas de Cascais. *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia* (Lisboa, 1958), 1, pp. 147-159.
- PEREIRA, F. A. (1915) – Estação arqueológica do Outeiro da Assenta. *O Archeologo Português*, 20, pp.107-115.
- PEREIRA, J. P. (1976/1977) – A gruta natural da Salvé Rainha (serra de Montejunto). *Setúbal Arqueológica*, 2/3, pp. 49-95.
- PEREIRA, M. A. H. (1974) – A conheira calcolítica de Penhascoso, *Actas das II Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1972), 2, pp. 17-64.
- PESSOA, M. (1983) – Vaso neolítico de Casével. *Arqueologia*, 7, pp. 16-23.
- PUIGAUDEAU, O. & SENONES, M. (1967) – Vases de pierre polie du Maroc et du Sahara. I – Une septième écuelle marocain de Souq el- Khemis des Ait-Wahi. *Bull. Archéol. Marocaine*, 7, pp. 151- 155.
- RIBEIRO, C. (1880) – *Noticia de algumas estações e monumentos prehistoricos. II – Monumentos megalithicos das visinhanças de Bellas*. Lisboa: Academia Real das Sciencias de Lisboa, 88 pp. (separata).
- ROCHE, J. (1951) – Le niveau paléolithique supérieur de la grotte de Casa da Moura (Cesareda). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, 32 (1), pp. 103-122.
- ROCHE, J. & FERREIRA, O. da Veiga (1961) – Révisión des boutons perforées en “V” de l’Énéolithique portugais. *L’Anthropologie*, 65 (1-2), pp. 67-73.
- ROCHE, J. & FERREIRA, O. da Veiga (1980) – Os elementos de adorno do Paleolítico Superior de Portugal. *Arqueologia*, 2, pp. 7- 11.

- SÁ, M. C. Moreira de (1959) – A Lapa da Galinha. *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia* (Lisboa, 1958), 1, pp. 117-128.
- SAN VALERO APARISI, J. (1950) – *La cueva de La Sarsa (Boicarente – Valencia)*. Valencia: Servicio de Investigacion Prehistorica (Serie de Trabajos Varios, 12).
- SANCHES, M. J. (1996) – *Ocupação pré-histórica do Nordeste de Portugal*. Zamora: Fundación Rei Afonso Henriques (Serie Monografias y Estudios).
- SANTOS, M. Farinha dos (1970) – Ídolo eneolítico dos arredores de Lisboa. *O Arqueólogo Português, Série* 3, 4, pp. 61-64.
- SANTOS, M. Farinha dos; SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da (1974) – O concheiro epipaleolítico do Cabeço do Pez (Vale do sado – Torrão). Primeira notícia. *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia* (Porto, 1973), 1, pp. 173-189.
- SAVORY, H. N. (1968) – *Spain and Portugal*. London: Thames & Hudson.
- SCHMIDT, H. (1915) – *Estudios acerca de los principios de la Edad de los Metales en España*. Comision de Investigaciones Paleontológicas y Prehistoricas (Memoria nº. 8). Madrid.
- SCHUBART, H. (1971) – O Horizonte de Ferradeira. *Revista de Guimarães*, 81 (3/4), pp. 189-215.
- SCHUBART, H. (1975) – *Die Kultur der Bronzezeit im Sudwesten der Iberischen Halbinsel*. Walter de Gruyter (Madrider Forschungen, 9). Berlin.
- SERRÃO E. da Cunha & MARQUES, G. (1971) – Estrato pré-campaniforme da Lapa do Fumo (Sesimbra). *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia* (Coimbra, 1970), 1, pp. 121-142.
- SILVA, C. Tavares da & SOARES, J. (1976/1977) – Contribuição para o conhecimento dos povoados calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve. *Setúbal Arqueológica*, 2/3, pp. 179-272.
- SILVA, C. Tavares da & SOARES, J. (1983) – Contribuição para o estudo do megalitismo do Alentejo litoral. A sepultura de Marco Branco (Santiago do Cacém). *O Arqueólogo Português, Série* 4, 1, pp. 63-88.
- SOARES, A. M. & ARNAUD, J. M. (1984) – Escavações do sepulcro megalítico MV2 (V. V. Ficalho, Serpa). *Arquivo de Beja, Série* 2, 1, pp. 67-82.
- SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da (1975) – A ocupação pré-histórica do Pedrão e o Calcolítico da região de Setúbal. *Setúbal Arqueológica*, 1, pp. 53-153.
- SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da (1976/1977) – O monumento megalítico da Palhota (Santiago do Cacém). *Setúbal Arqueológica*, 2/3, pp. 109-150.
- SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da (1979) – Alguns aspectos do Neolítico Antigo do Alentejo litoral. *Actas da 1ª. Mesa Redonda sobre o Neolítico e o Calcolítico em Portugal* (Porto, 1978). Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, pp. 9-50. Porto.

- SPINDLER, K. (1981) *Cova da Moura*. Verlag Philipp von Zabern (Madrider Beiträge, 7). Mainz am Rhein.
- SPINDLER, K. & FERREIRA, O. da Veiga (1974) – Das vorgeschichtliche Fundmaterial aus der Gruta do Carvalhal/Portugal. *Madrider Mitteilungen*, 15, p. 28-75.
- STRAUS, L., ALTUNA, J., JACKES, M. & KUNST, M. (1988) – New excavations in Casa da Moura (Serra d’El Rei, Peniche) and at the Abrigos de Bocas (Rio Maior), Portugal. *Arqueologia*, 18, pp. 65-95.
- USCATESCU, A. (1992) – *Los botones de perforacion em “V” en la Peninsula Iberica y las Baleares durante la edad de los Metales*. Temas de Arqueologia, 2, Ed. Foro.
- VALERA, A. C. (1993a) – A ocupação calcolítica da sala 20 do Buraco da Moura de S. Romão. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 1, pp. 37-53.
- VALERA, A. C. (1993b) – A Corujeira, Canas de Senhorim: vestígios de uma ocupação calcolítica. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 1, pp. 29-36.
- VALERA, A. C. (1997) – *O castro de Santiago (Fornos de Algodres, Guarda): aspectos da calcolitização da bacia do alto Mondego*. Câmara Municipal de Fornos de Algodres (Textos Monográficos 1). Lisboa.
- VALERA, A. C. (1998) – A neolitização da bacia interior do Mondego. *Actas do Colóquio A Pré-História na Beira Interior* (Tondela, 1997). Viseu, pp. 131-148 (Estudos Pré-Históricos, 6).
- VASCONCELOS, J. Leite de (1922) – Encabamento de instrumentos de pedra prehistoricos. *O Arqueólogo Português*, 25, pp. 288-298.
- VILAÇA, R. (2000) – Registos e leituras da Pré-História recente e da Proto-História antiga da Beira Interior. *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular* (Vila Real, 1999), 4, pp. 162-182.
- VILLALBA, M. J., BANOLAS, L., ARENAS, J. & ALONSO, M. (1986) – *Les mines neolithiques de Can Tintorer Gavá-Excavaciones 1979-1980*. (Excavaciones Arqueologiquas a Catalunya, 6). Barcelona.
- ZILHÃO, J. (1987) – *O Solutrense da Estremadura portuguesa. Uma proposta de interpretação paleoantropológica*. Instituto Português do Património Cultural (Trabalhos de Arqueologia, 4). Lisboa.
- ZILHÃO, J. (1992) – *Gruta do Caldeirão. O Neolítico Antigo*. Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico (Trabalhos de Arqueologia, 6). Lisboa.
- ZILHÃO, J. (1993) – As origens da Arqueologia Paleolítica em Portugal e a obra metodologicamente precursora de J. F. Nery Delgado. *Arqueologia e História*, Série 10, 3, pp. 111-125.
- ZILHÃO, J. (1997) – *O Paleolítico Superior da Estremadura Portuguesa*, 2 vols. Colibri. Lisboa.

DA EXISTENCIA DO HOMEM NO NOSSO SOLO EM TEMPOS MUI REMOTOS
PROVADA PELO ESTUDO DAS CAVERNAS

PRIMEIRO OPUSCULO

NOTICIA

ACERCA DAS

GRUTAS DA CESAREDA

POR

J. F. N. DELGADO

COM A VERSÃO EM FRANCEZ

POR

M. DALHUNTY

L'ANCIENNETÉ
DE L'HOMME

PROUVÉE PAR LA GÉOLOGIE

ET

REMARQUES SUR LES THÉORIES
RELATIVES A

L'ORIGINE DES ESPÈCES PAR VARIATION

Par Sir CHARLES LYELL.

Membre de la Société Royale de Londres, auteur des *Principes de Géologie* et des *Éléments de Géologie*

TRADUIT AVEC LE CONSENTEMENT ET LE CONCOURS DE L'AUTEUR

Par M. M. CHAPER

ILLUSTRÉ DE NOMBREUSES FIGURES



Contenu ou l'une de elles trouvé à Mentelocourt, Abbeville.

PARIS

J. B. BAILLIÈRE ET FILS

LIBRAIRES DE L'ACADÉMIE IMPÉRIALE DE MÉDECINE
Rue Hautefeuille, 49

Madrid

Leipzig

C. BAILLY-BAILLIÈRE — F. JUNG-TREUTTEL

1864

Tous droits réservés.

LISBOA

TYPOGRAPHIA DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

1867

Fig. 1 – Páginas de rosto de duas obras clássicas, do início da 2.^a metade do século XIX, evidenciando a preocupação de demonstrar a antiguidade do Homem através do estudo integrado dos restos (paleontológicos e arqueológicos) exumados em grutas. Note-se a semelhança dos títulos, evidenciando-se a influência de C. Lyell em Nery Delgado, aquando da redacção da monografia dedicada à Casa da Moura.

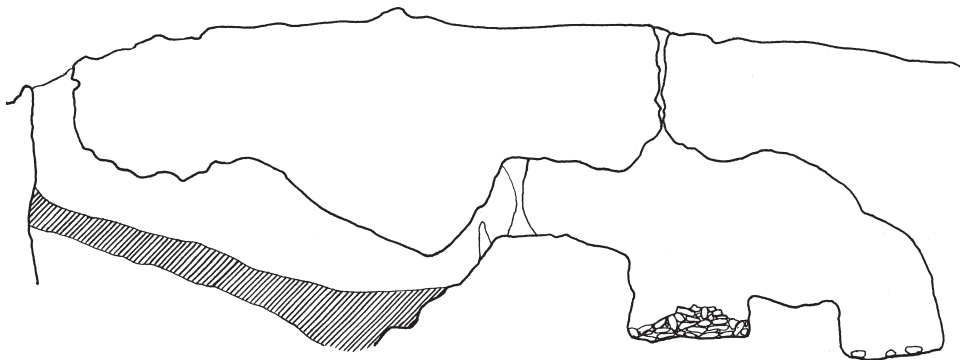


Fig. 2 – Em cima: G. Zbyszewski (à esquerda); M. Telles Antunes (ao centro) e O. da Veiga Ferreira (à direita) fazem segurança à descida da pequena chaminé da entrada da gruta; ao centro: visa parcial da sala principal, observando-se coluna estalagmítica/estalactítica assinada, em baixo, no corte longitudinal. A zona a tracejado corresponde aos depósitos arqueológicos plistocénicos e holocénicos. Fotos de J. L. Cardoso (1987).

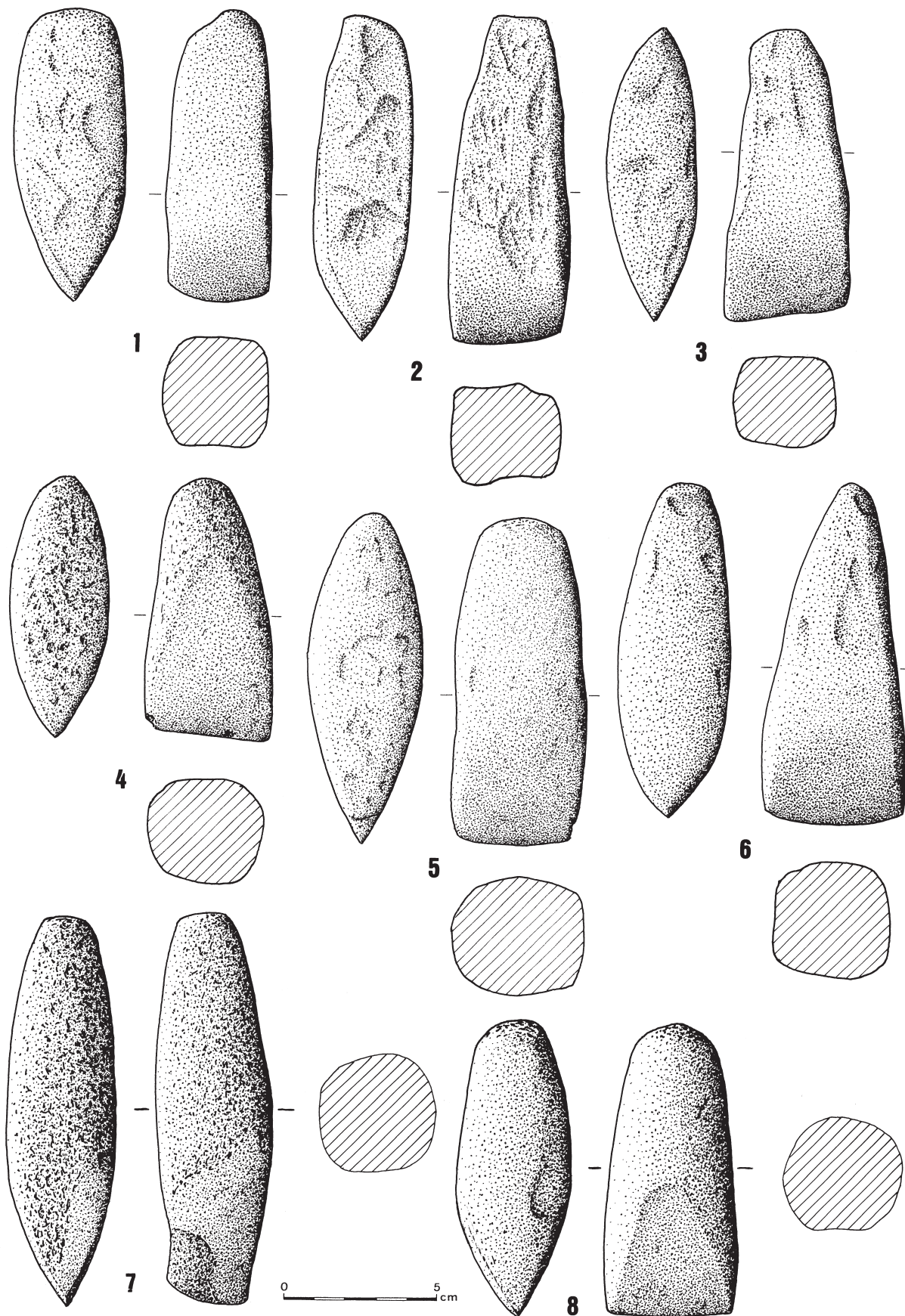


Fig. 3 – Indústria de pedra polida da gruta da Casa da Moura.

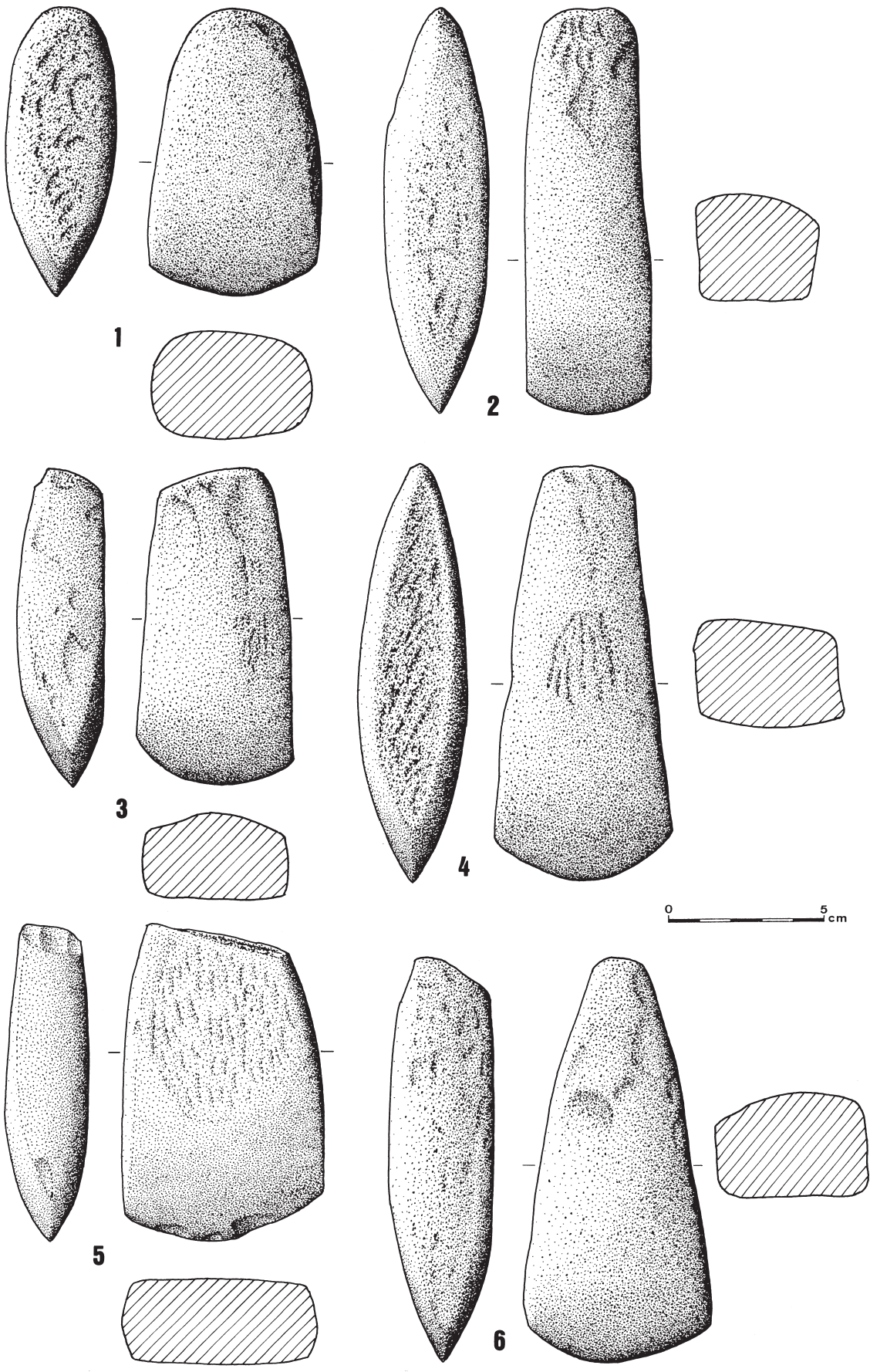


Fig. 4 – Indústria de pedra polida da gruta da Casa da Moura.

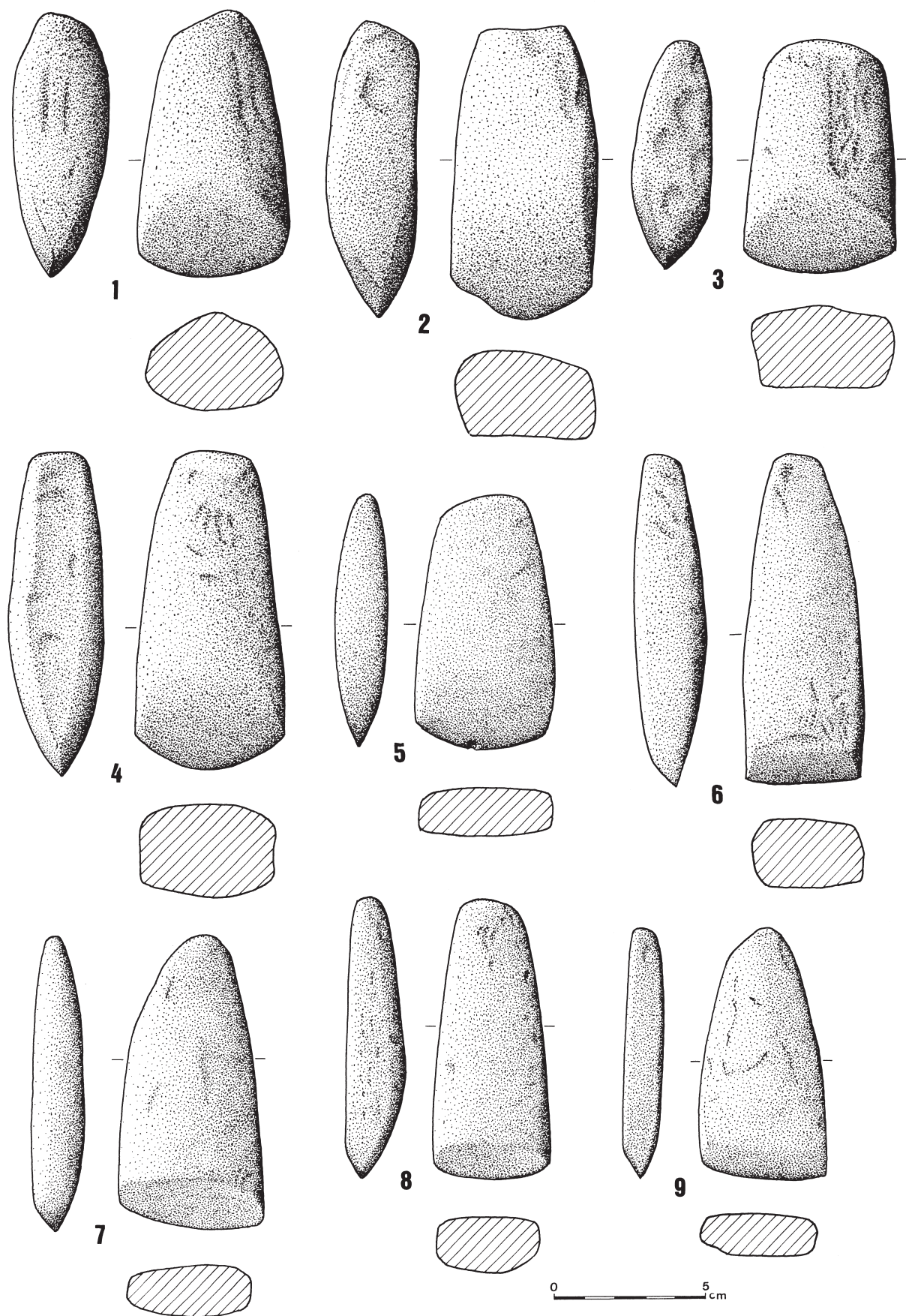


Fig. 5 – Indústria de pedra polida da gruta da Casa da Moura.

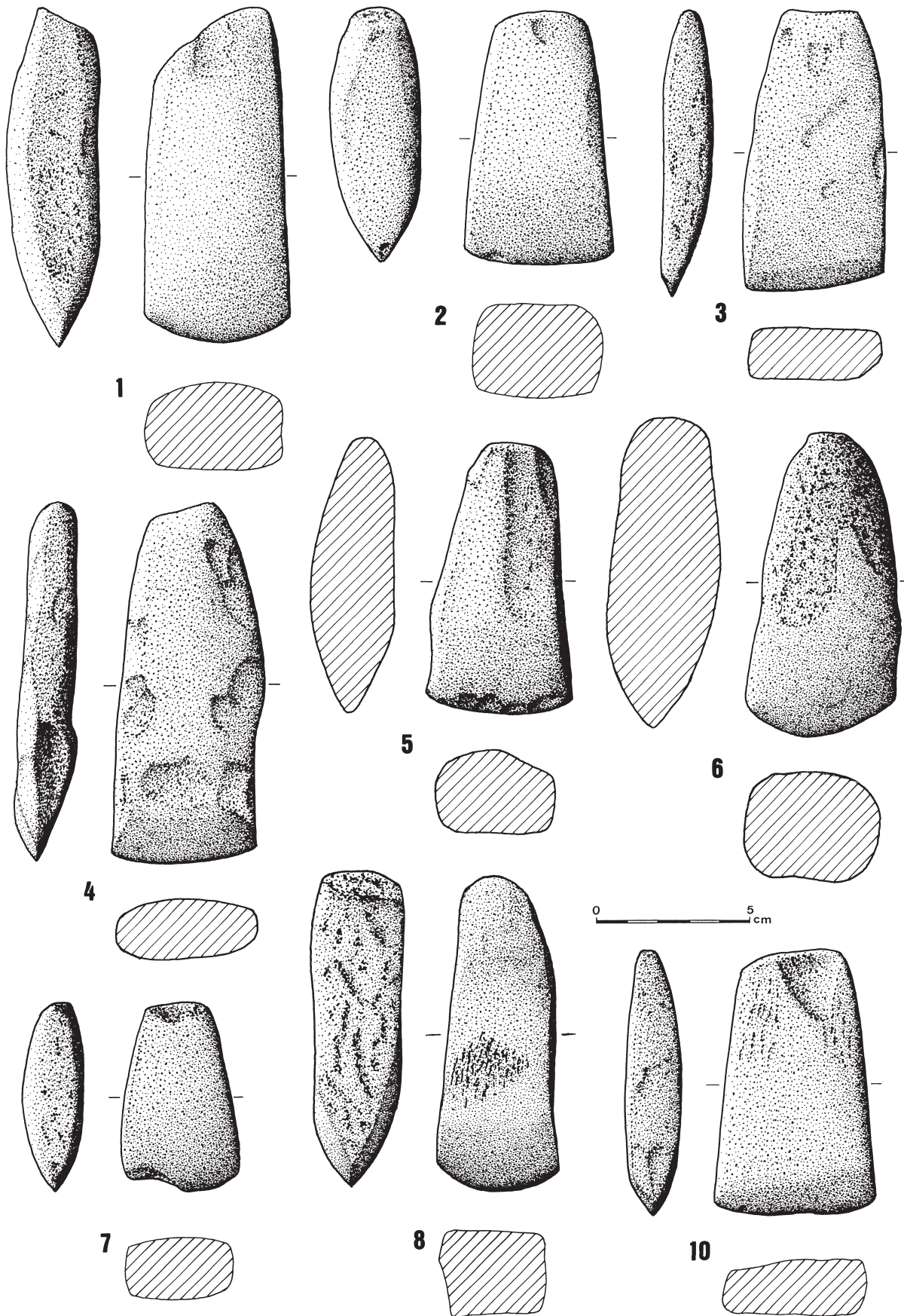


Fig. 6 – Indústria de pedra polida da gruta da Casa da Moura.

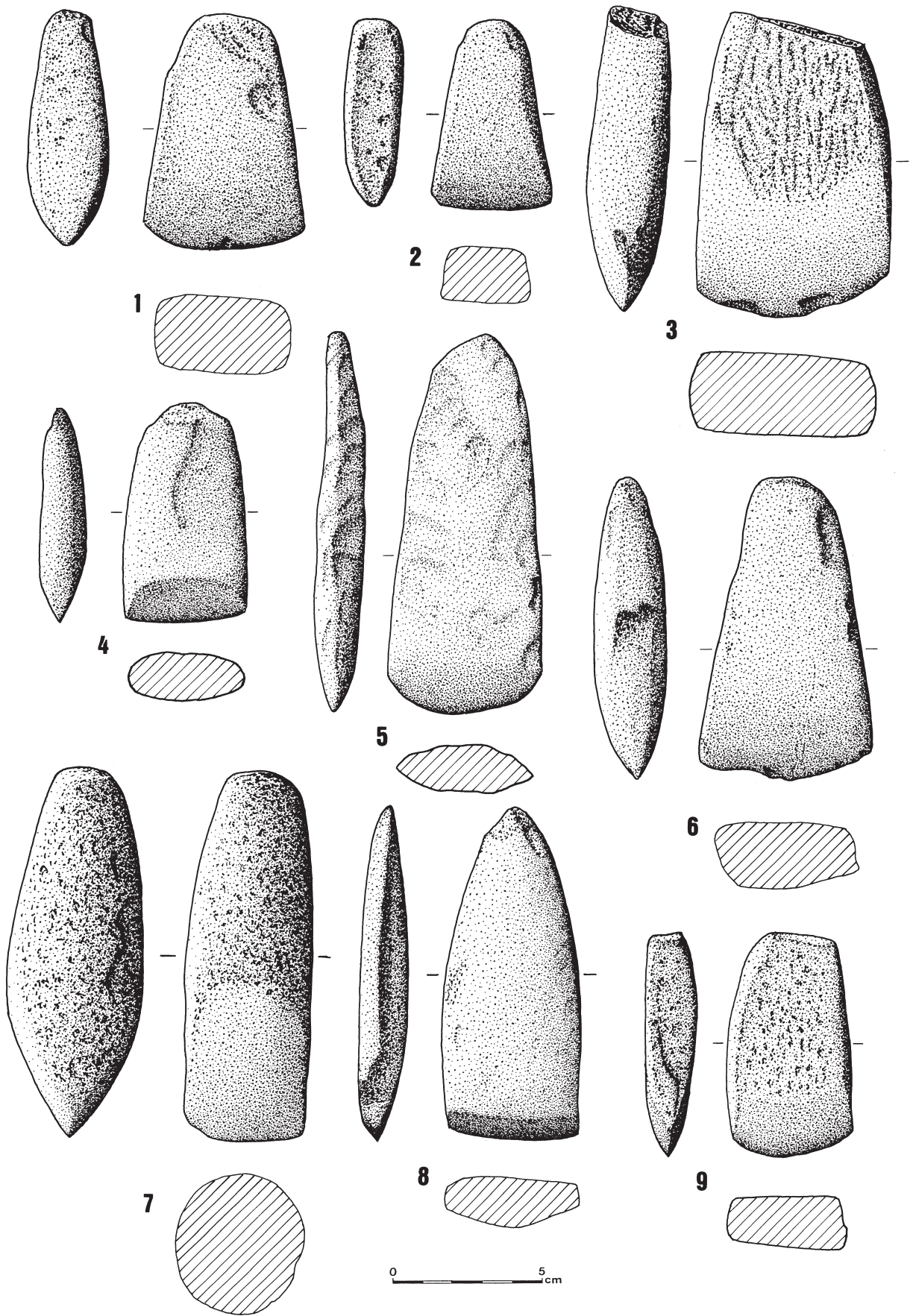


Fig. 7 – Indústria de pedra polida da gruta da Casa da Moura.

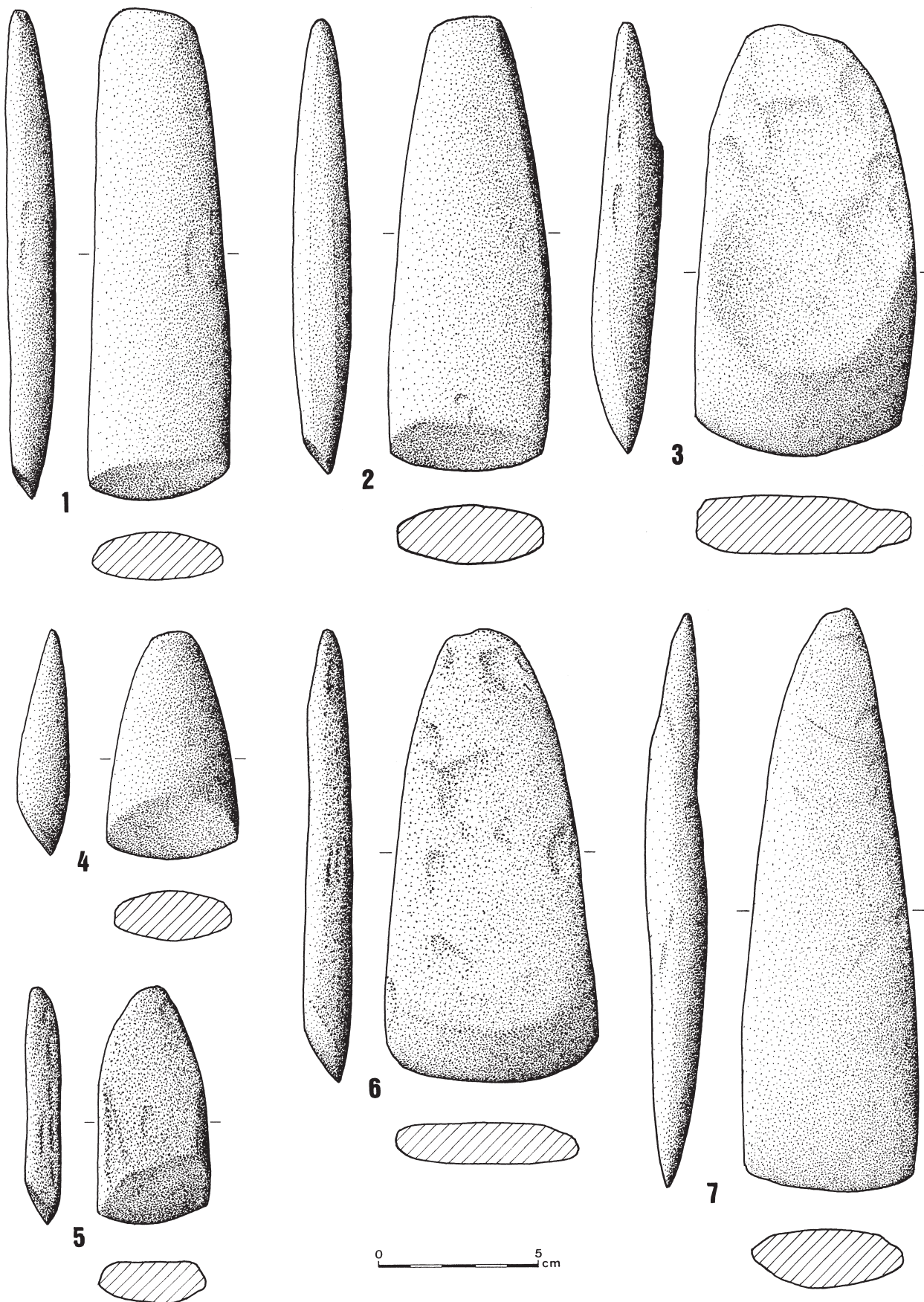


Fig. 8 – Indústria de pedra polida da gruta da Casa da Moura.

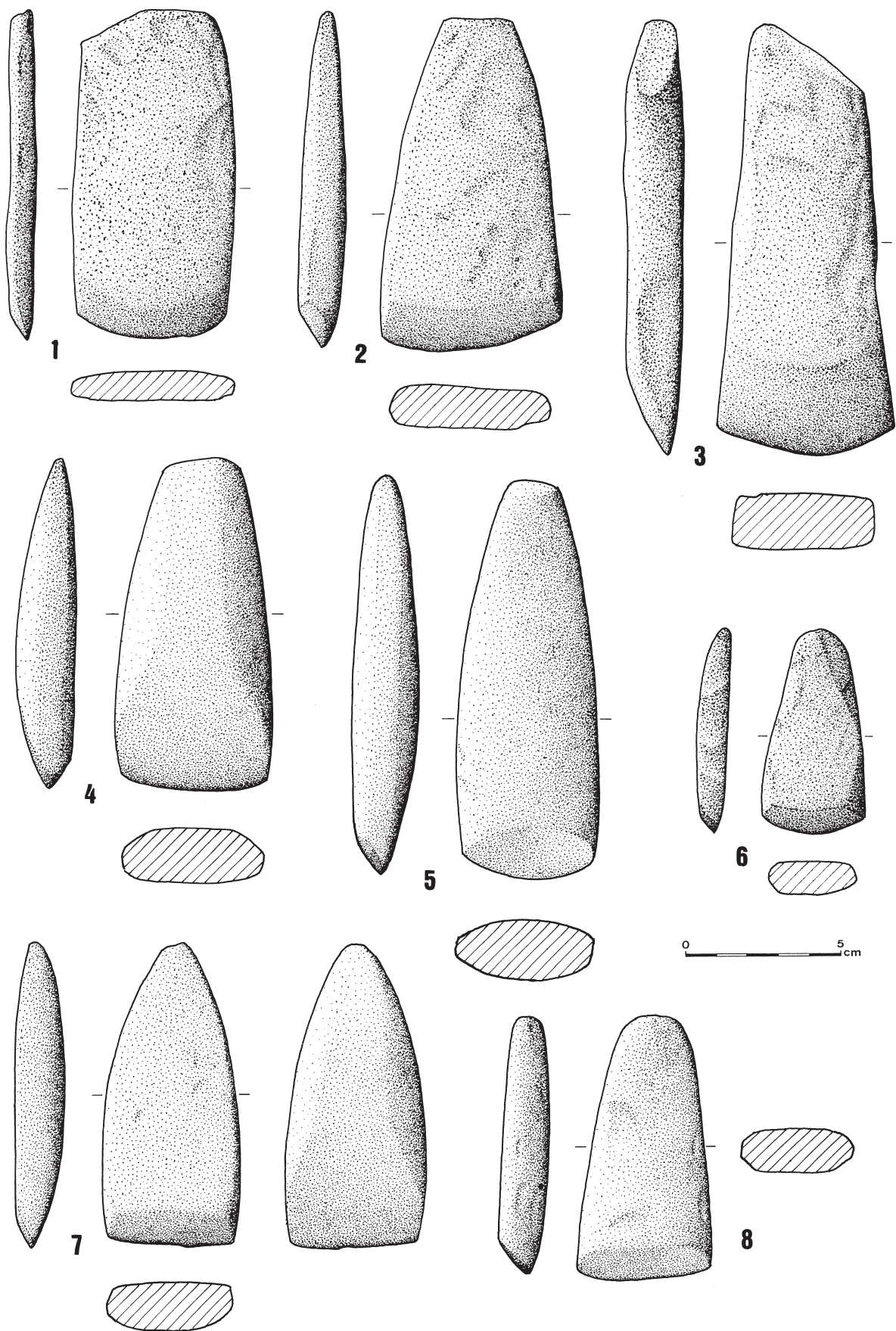


Fig. 9 – Indústria de pedra polida da gruta da Casa da Moura.

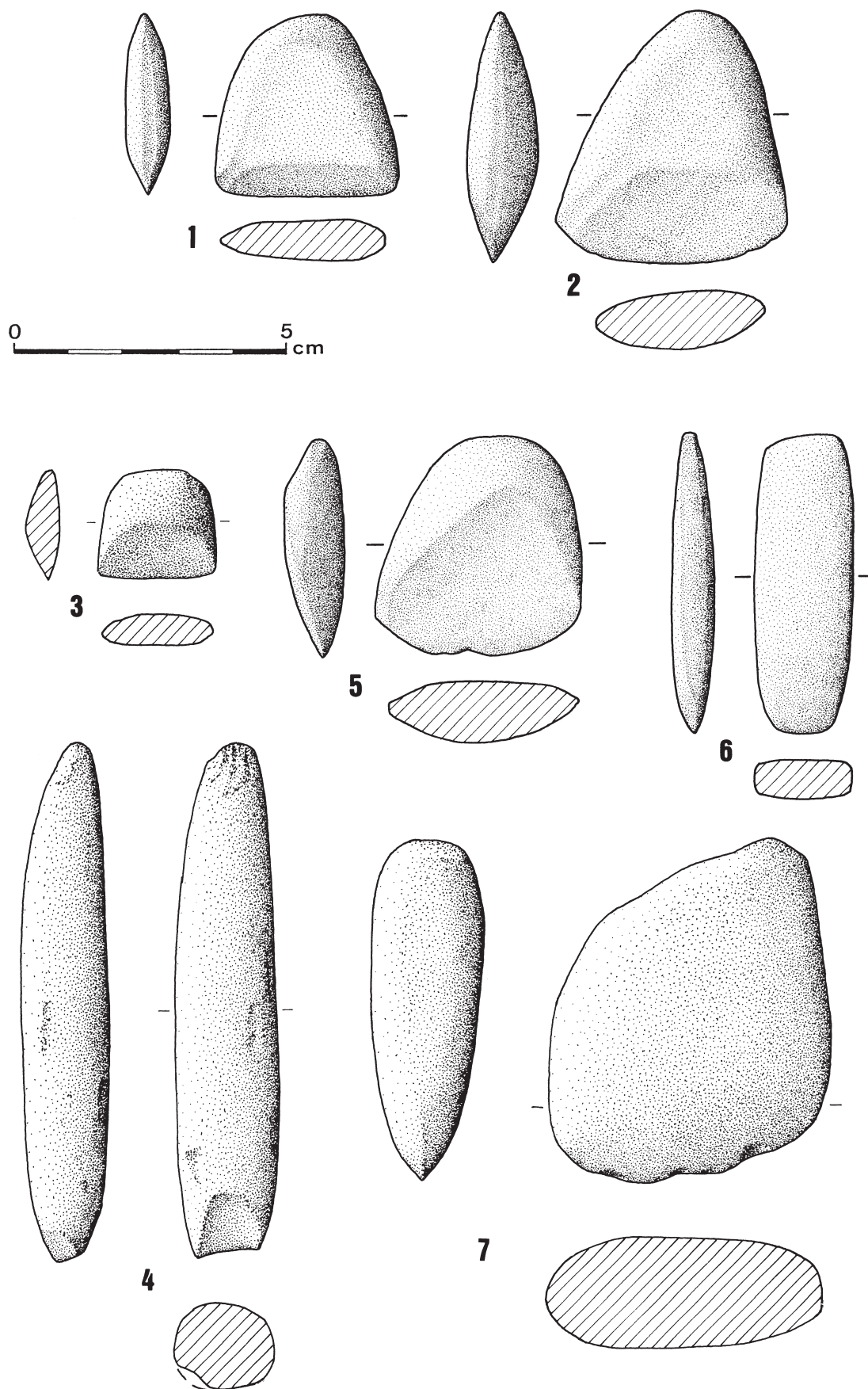


Fig. 10 – Indústria de pedra polida da gruta da Casa da Moura.

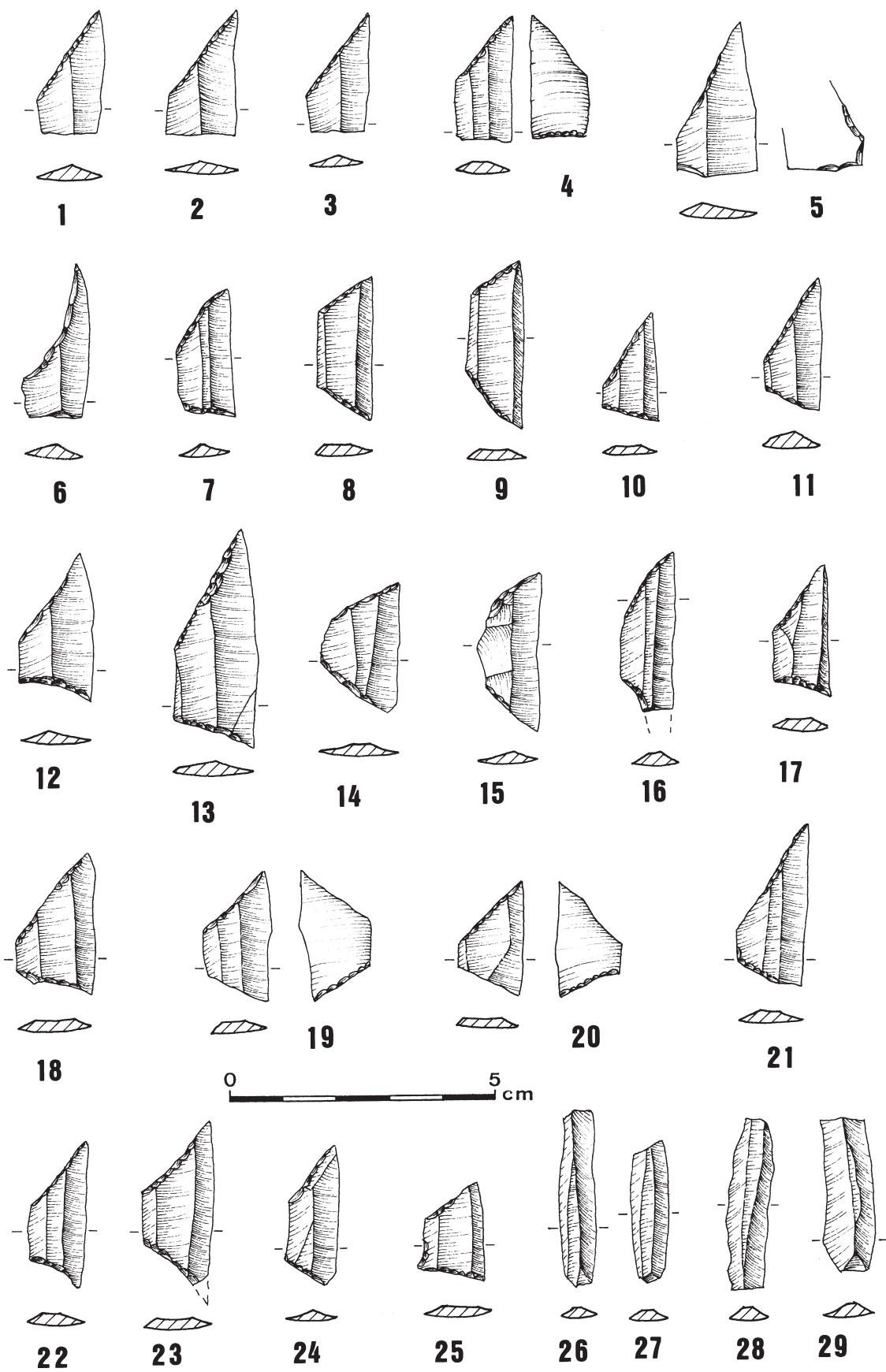


Fig. 11 – Geométricos e lamelas, de sílex, da gruta da Casa da Moura.

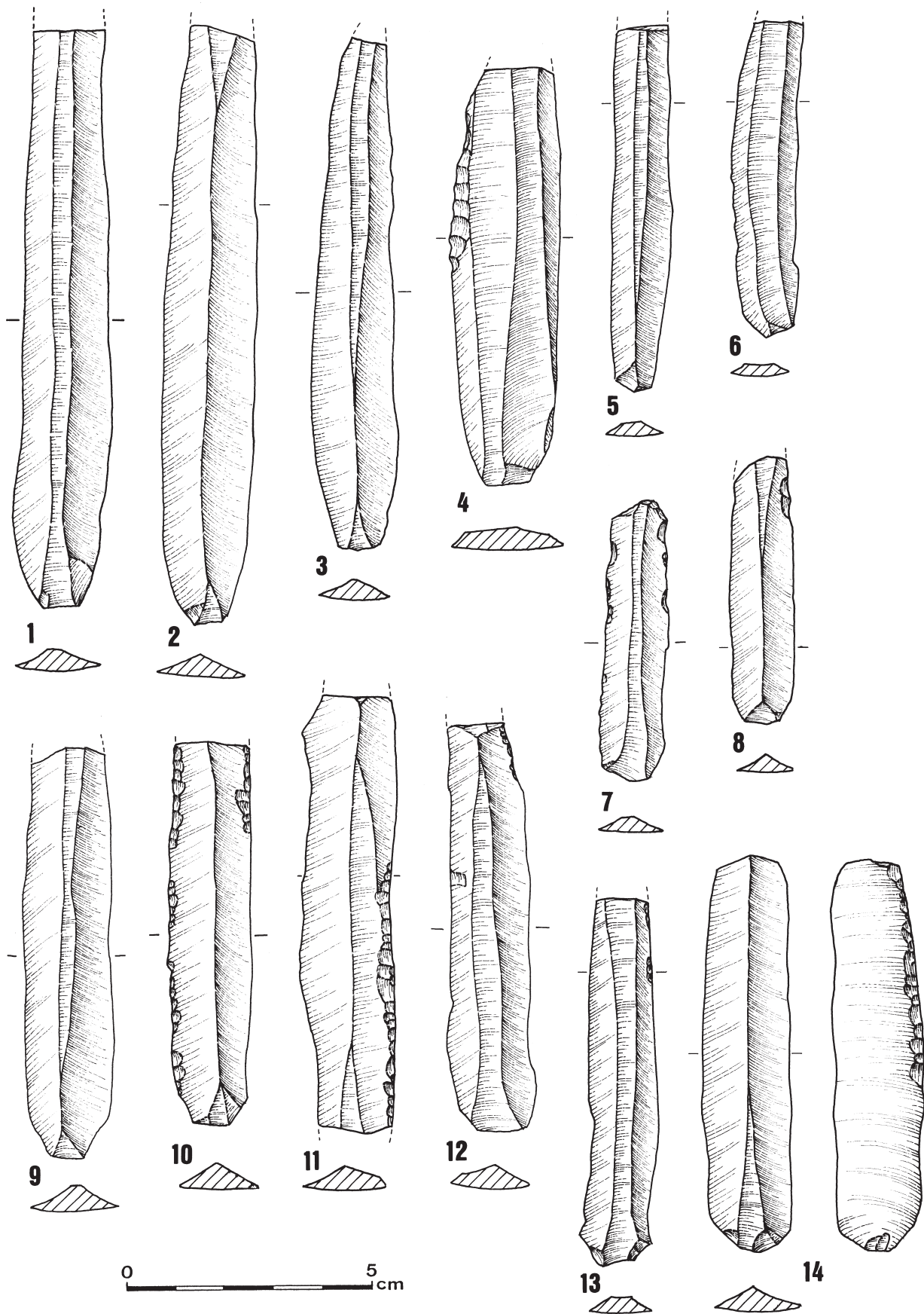


Fig. 12 – Lâminas não retocadas, ou com retoque parcial, de sílex, da gruta da Casa da Moura.

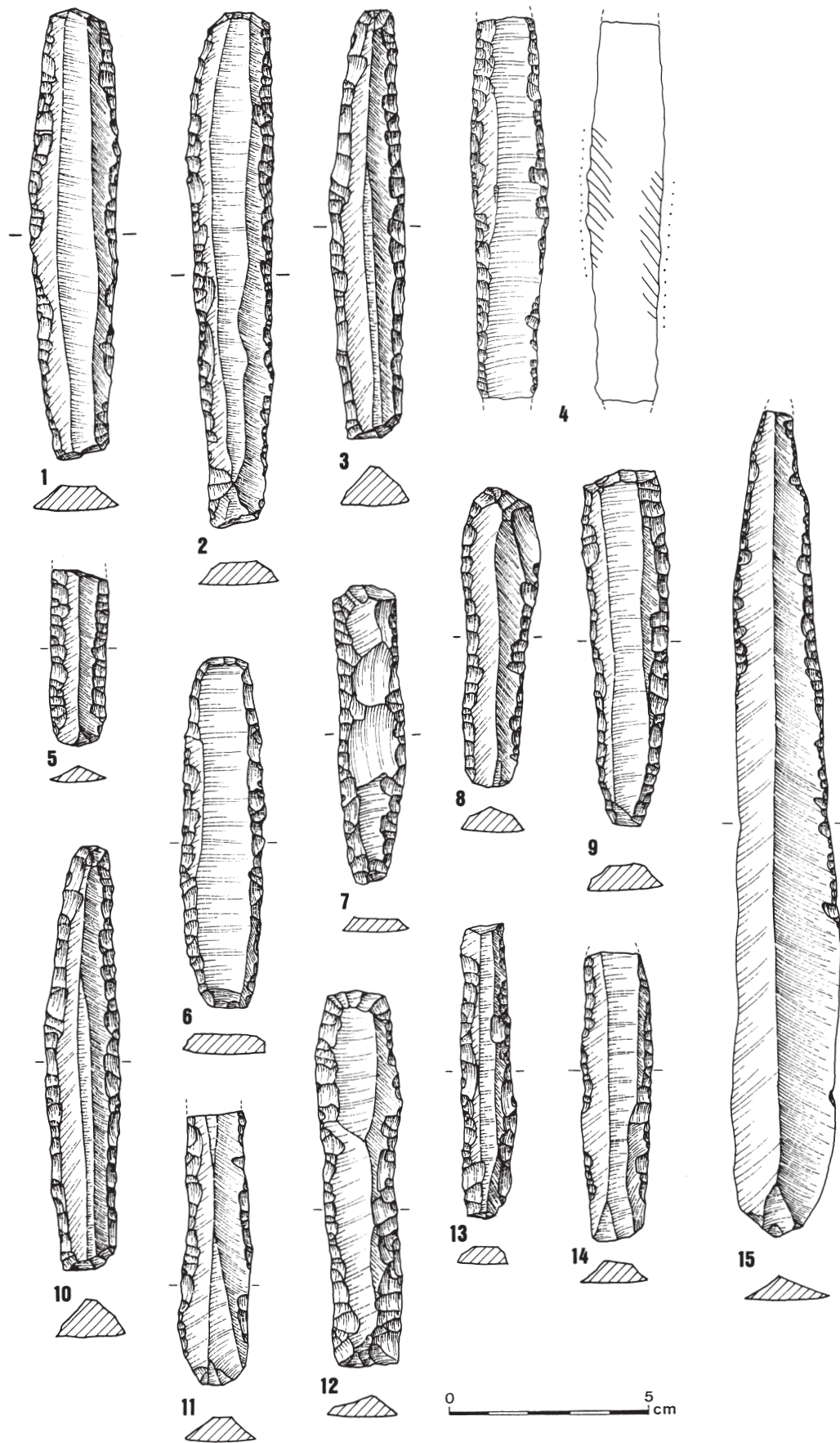


Fig. 13 – Lâminas com retoque contínuo total (apenas num caso parcial), de sílex, da gruta da Casa da Moura.

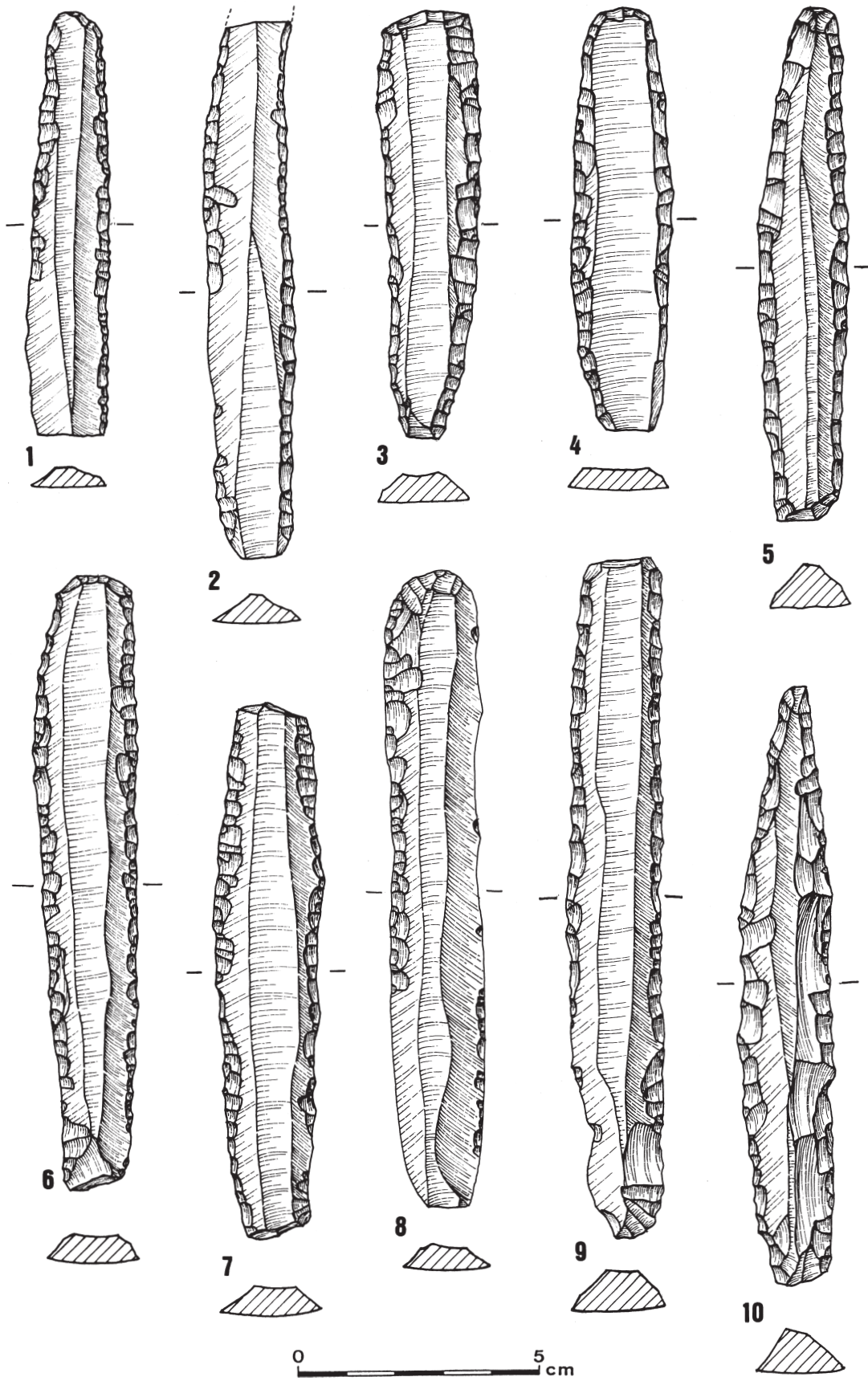


Fig. 14 – Lâminas com retoque contínuo total ou quase total, nalguns casos com extremidade em raspadeira ou em furador, de sílex, da gruta da Casa da Moura.

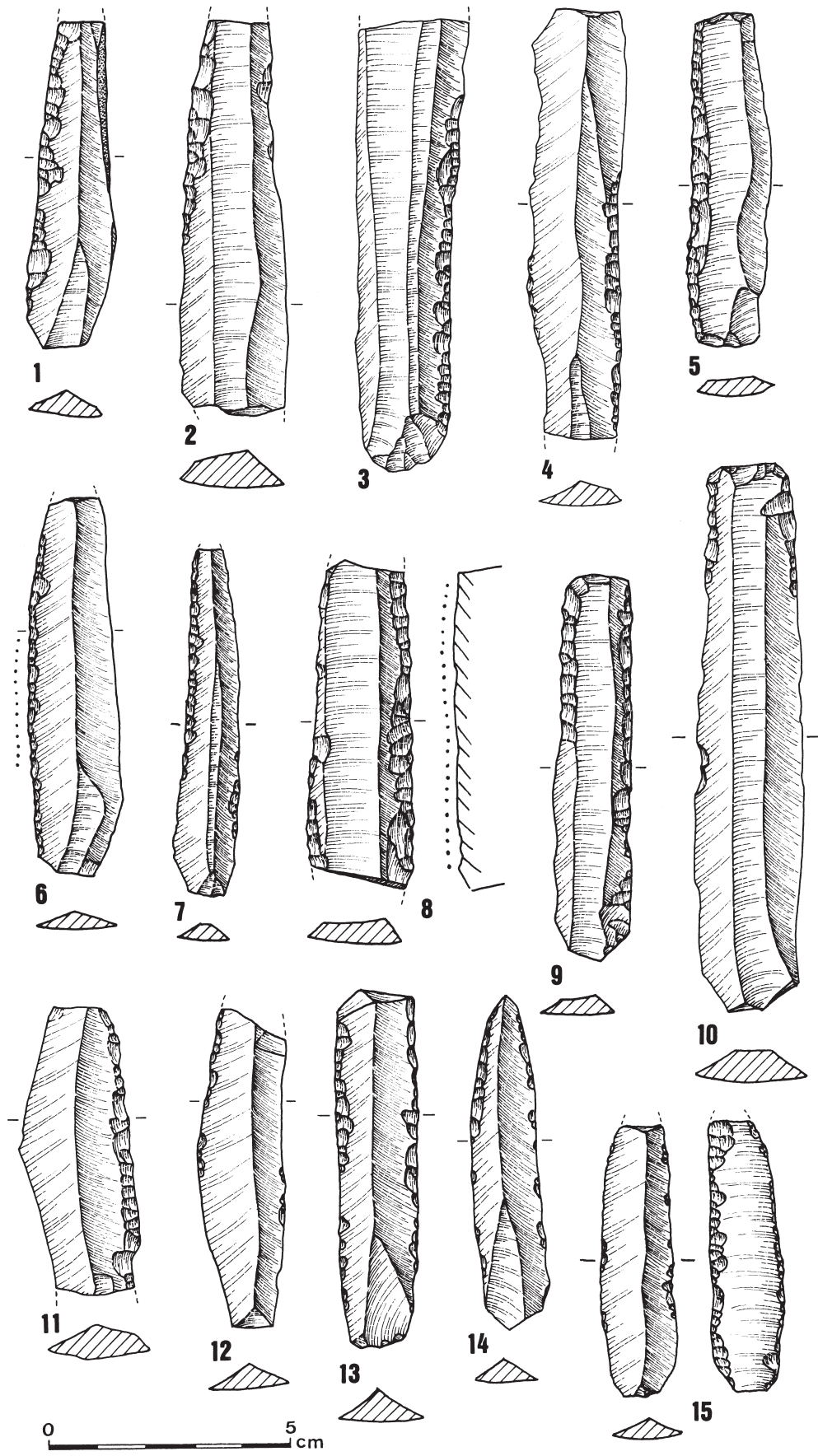


Fig. 15 – Lâminas com retoque parcial, de sílex, da gruta da Casa da Moura.

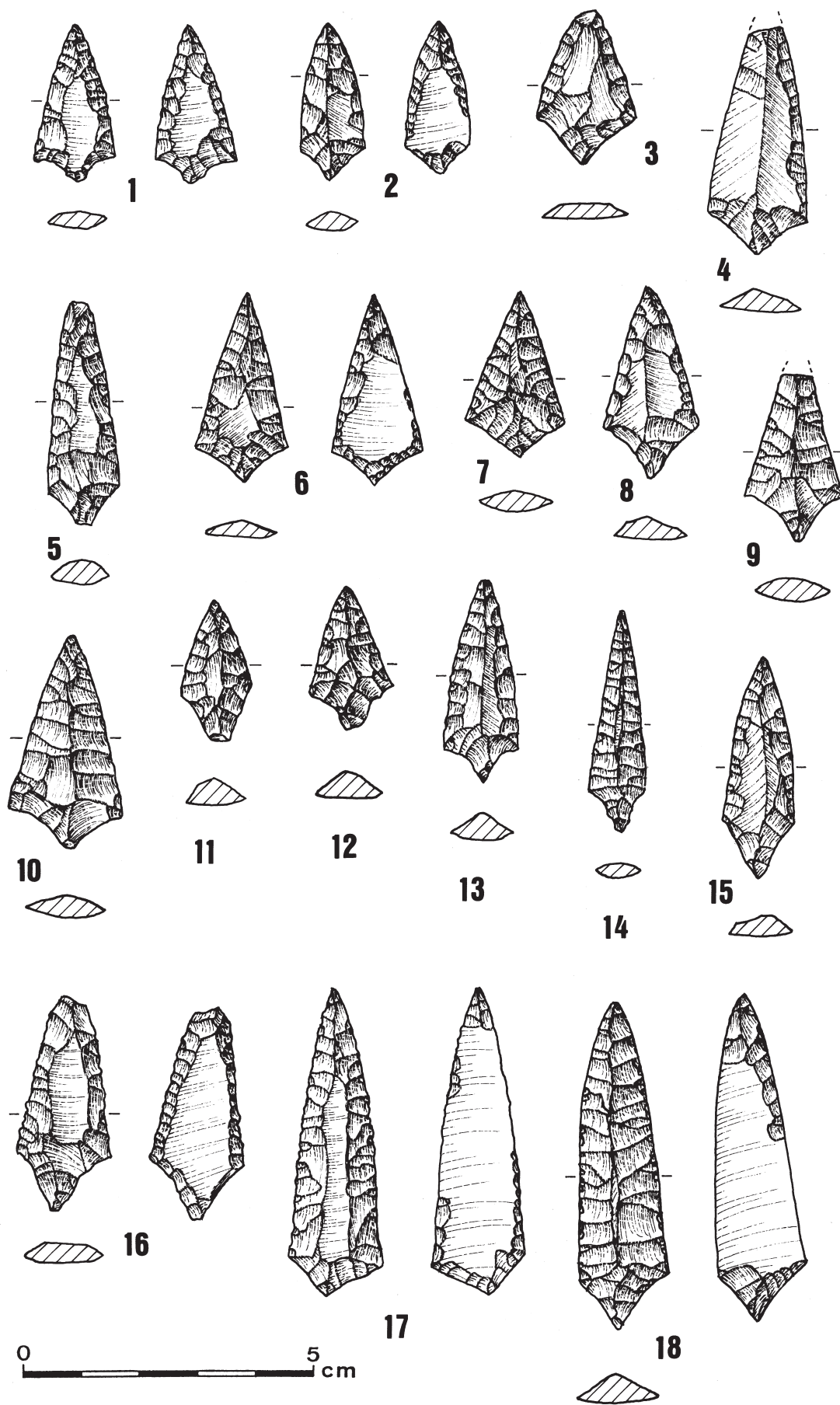


Fig. 16 – Pontas de seta, de sílex, da gruta da Casa da Moura.

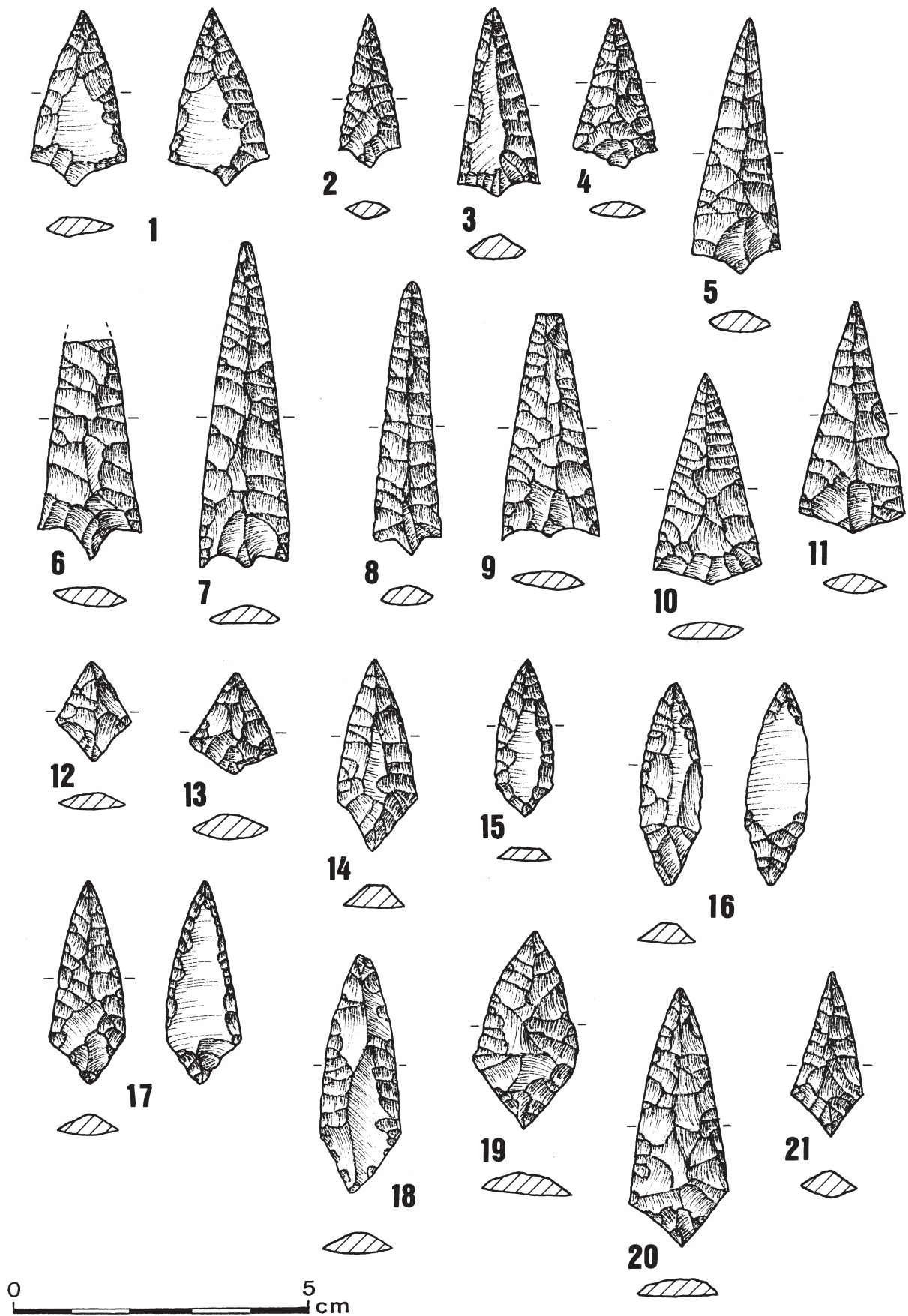


Fig. 17 – Pontas de seta, de sílex, da gruta da Casa da Moura.

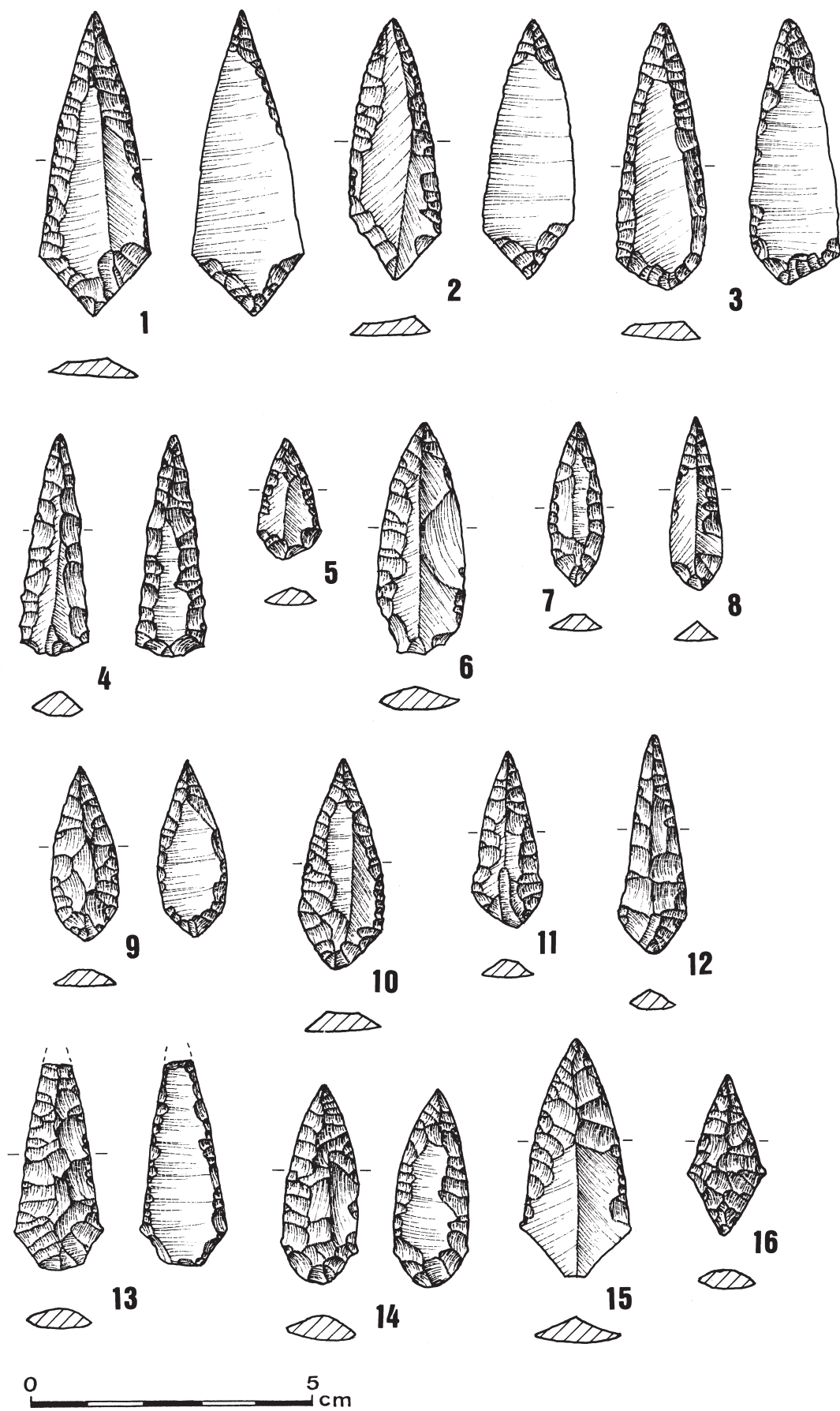


Fig. 18 – Pontas de seta, de sílex, da gruta da Casa da Moura.

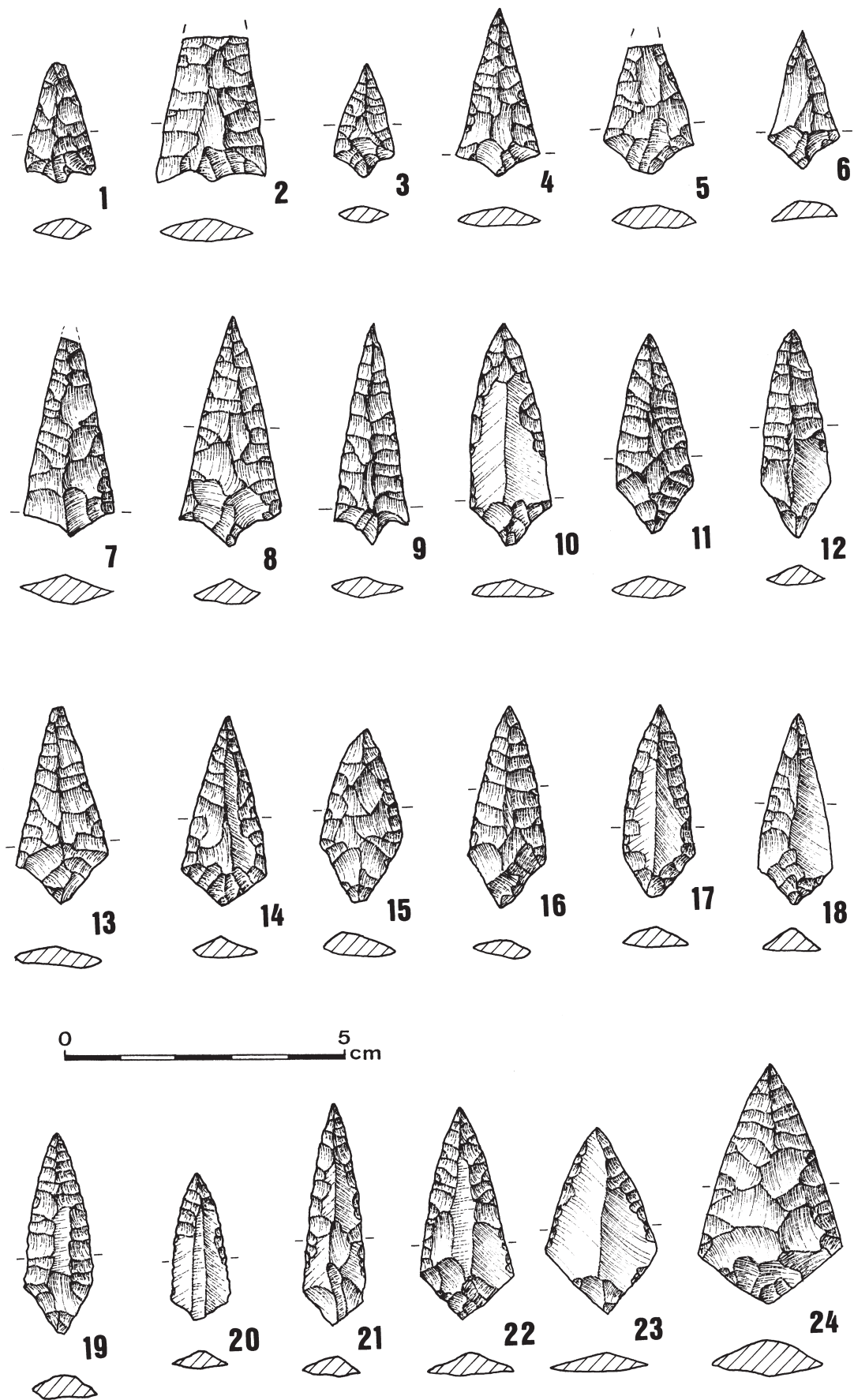


Fig. 19 – Pontas de seta, de sílex, da gruta da Casa da Moura.

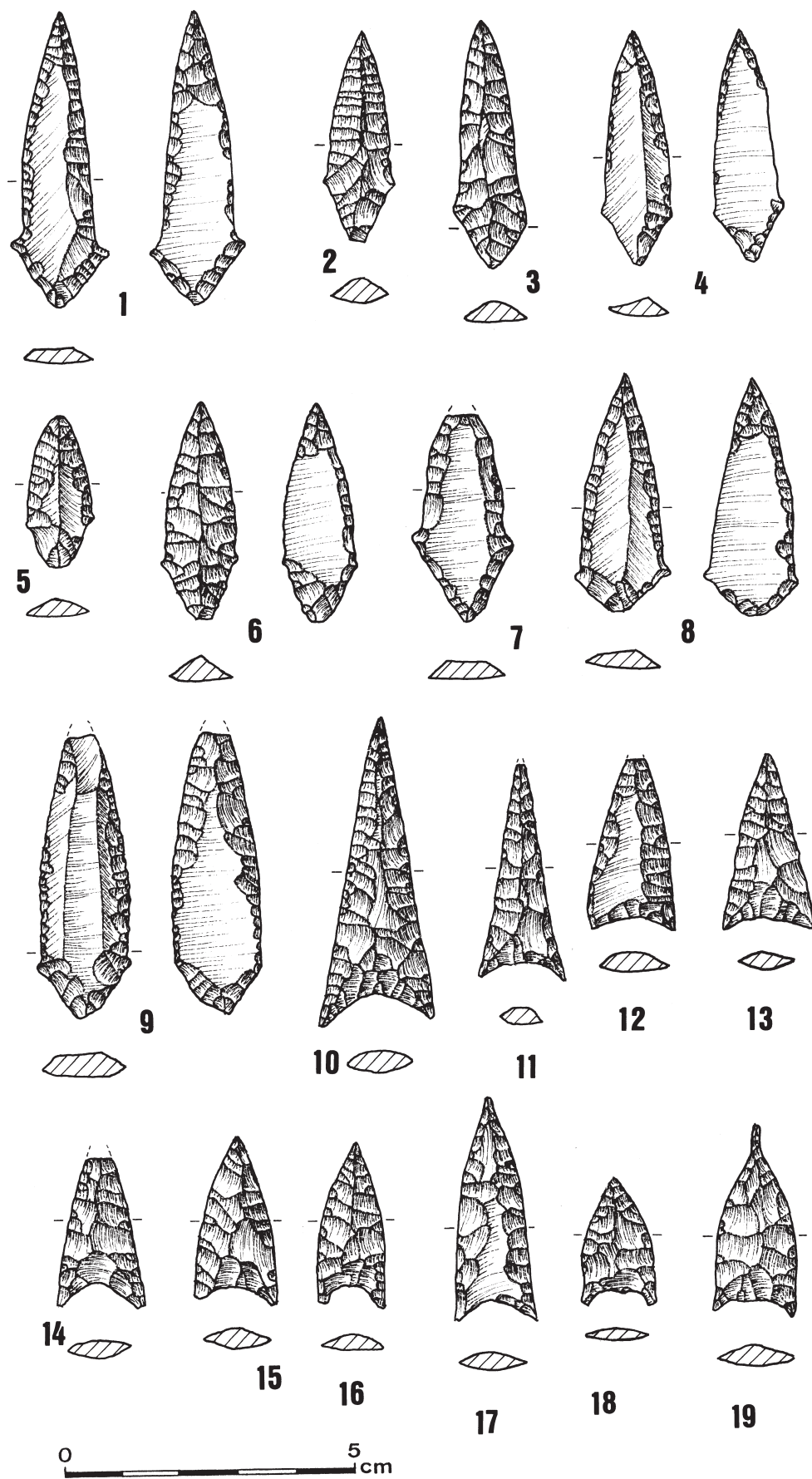


Fig. 20 – Pontas de seta, de sílex, da gruta da Casa da Moura.

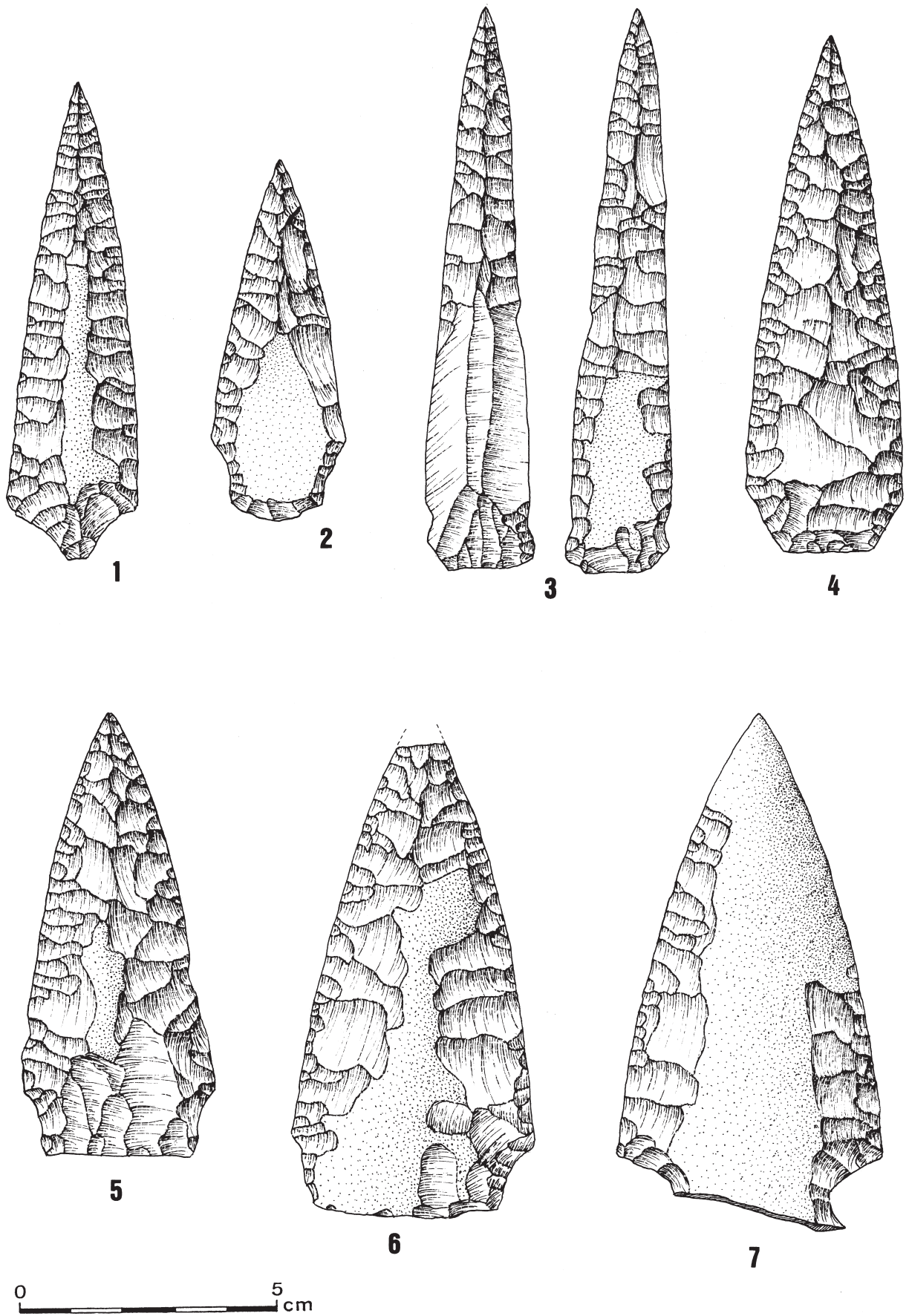


Fig. 21 – Punhais (em cima) e alabardas (em baixo), de sílex, da gruta da Casa da Moura.

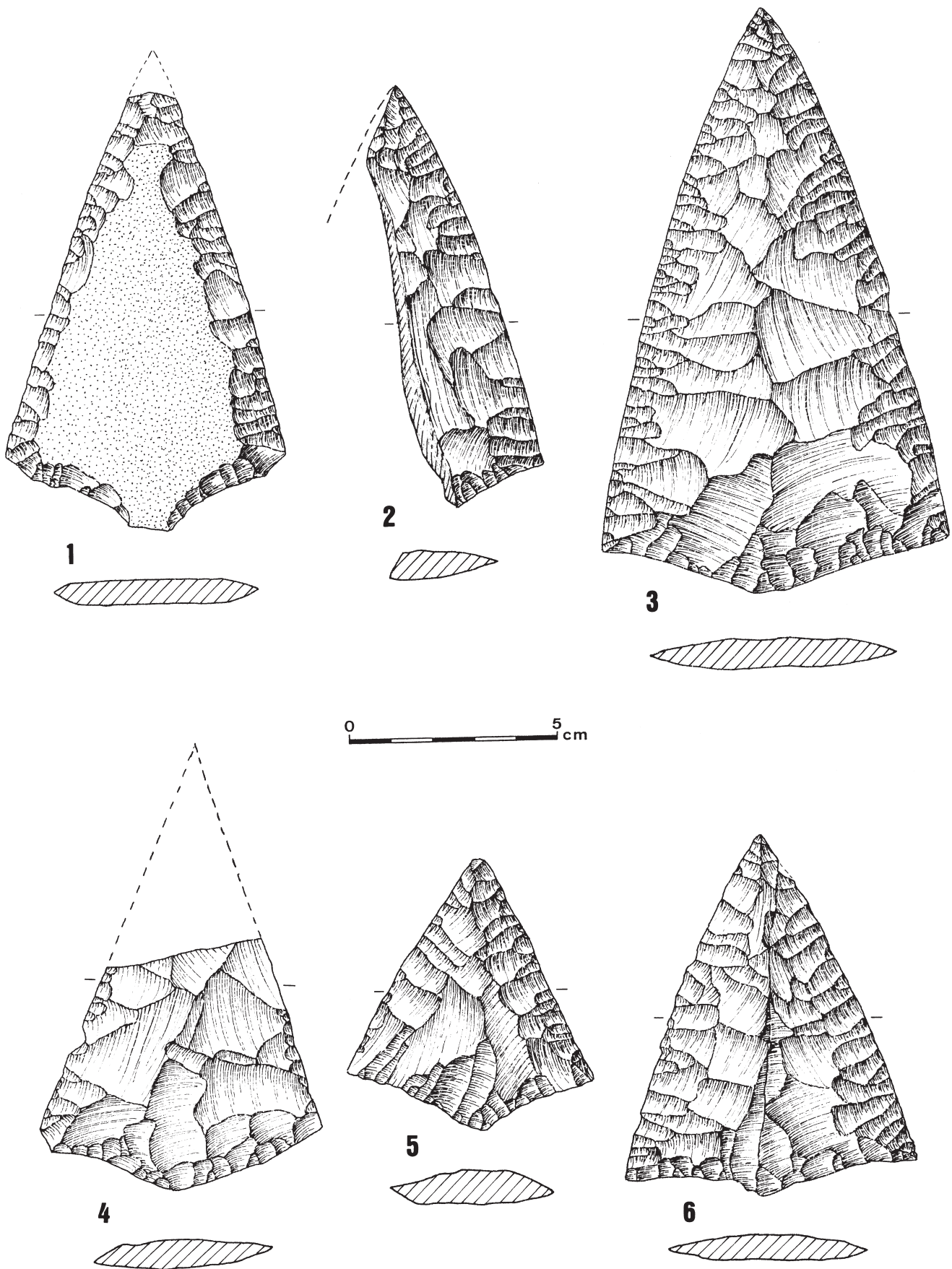


Fig. 22 – Alabardas de sílex da gruta da Casa da Moura.

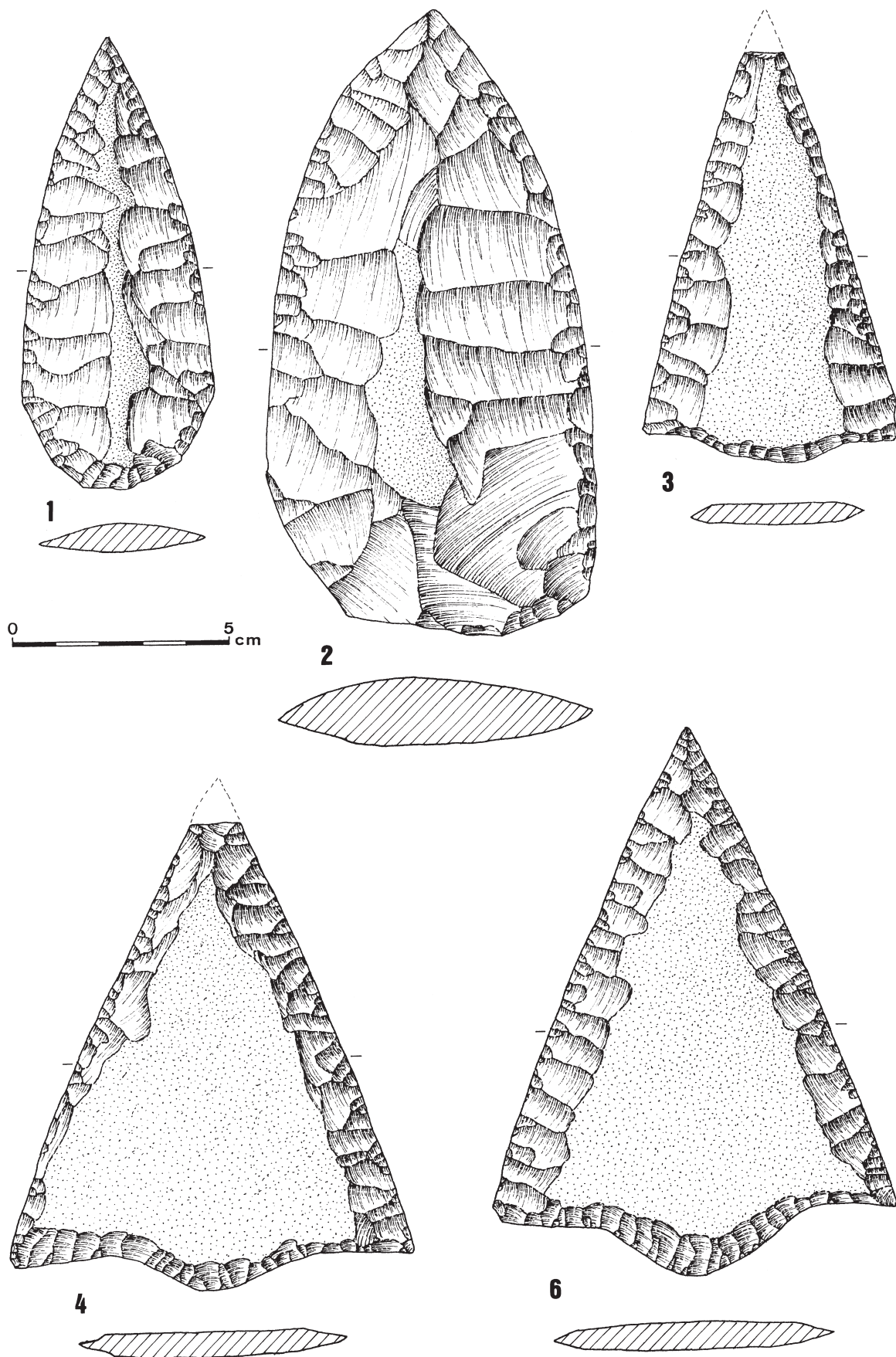


Fig. 23 – Alabardas de sílex, da gruta da Casa da Moura.

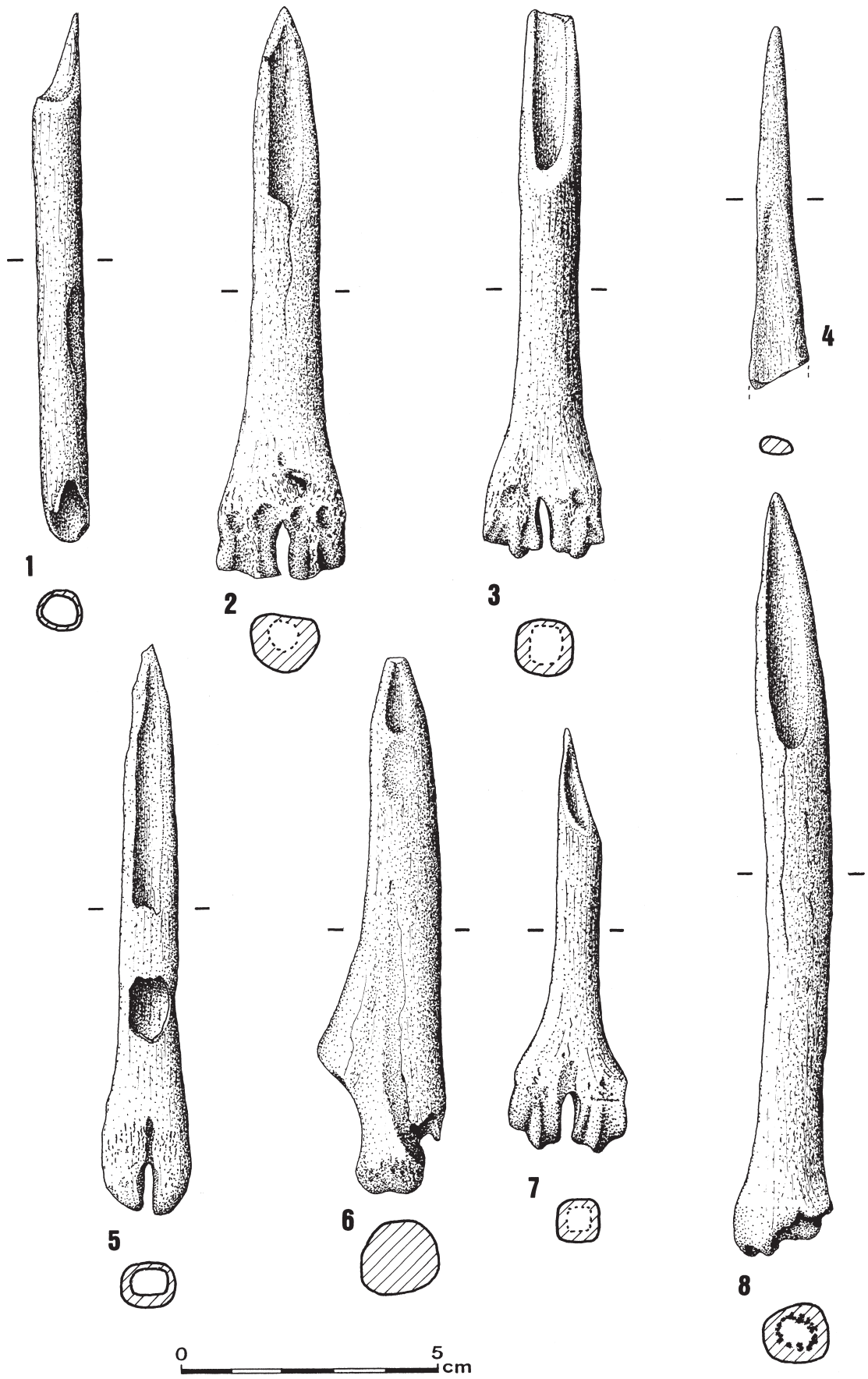


Fig. 24 – Indústria óssea da gruta da Casa da Moura.

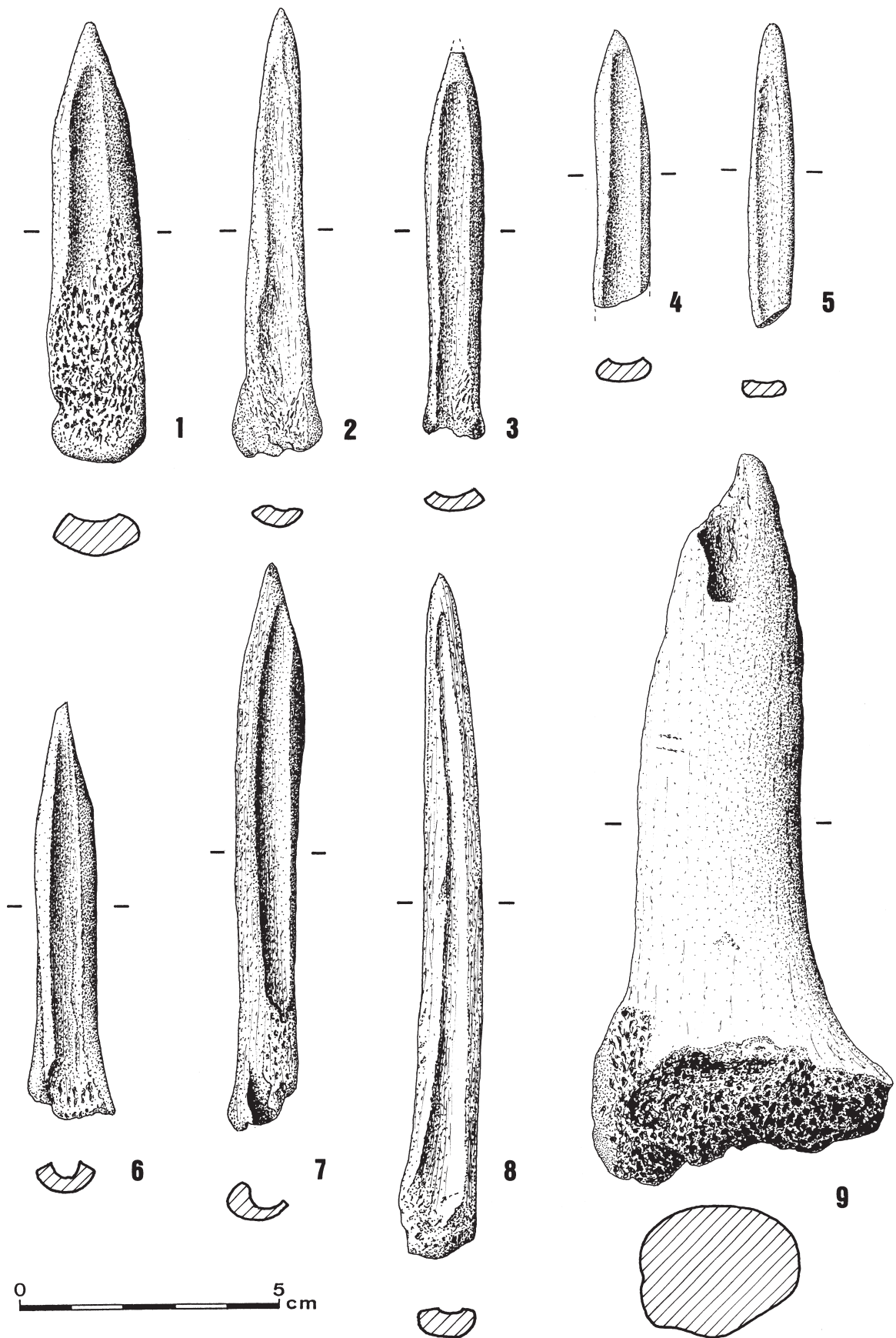


Fig. 25 – Indústria óssea da gruta da Casa da Moura.

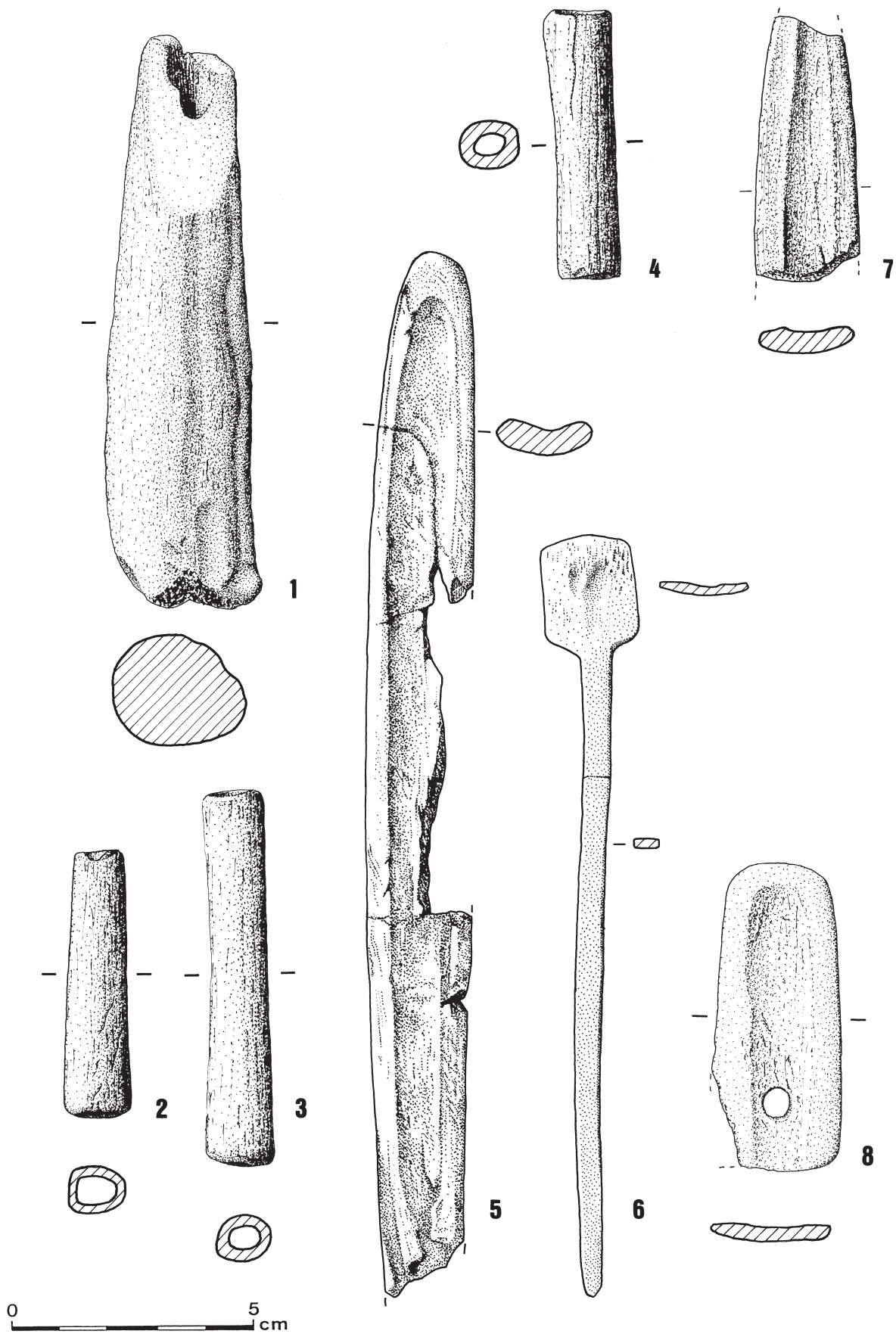


Fig. 26 – Indústria óssea da gruta da Casa da Moura.

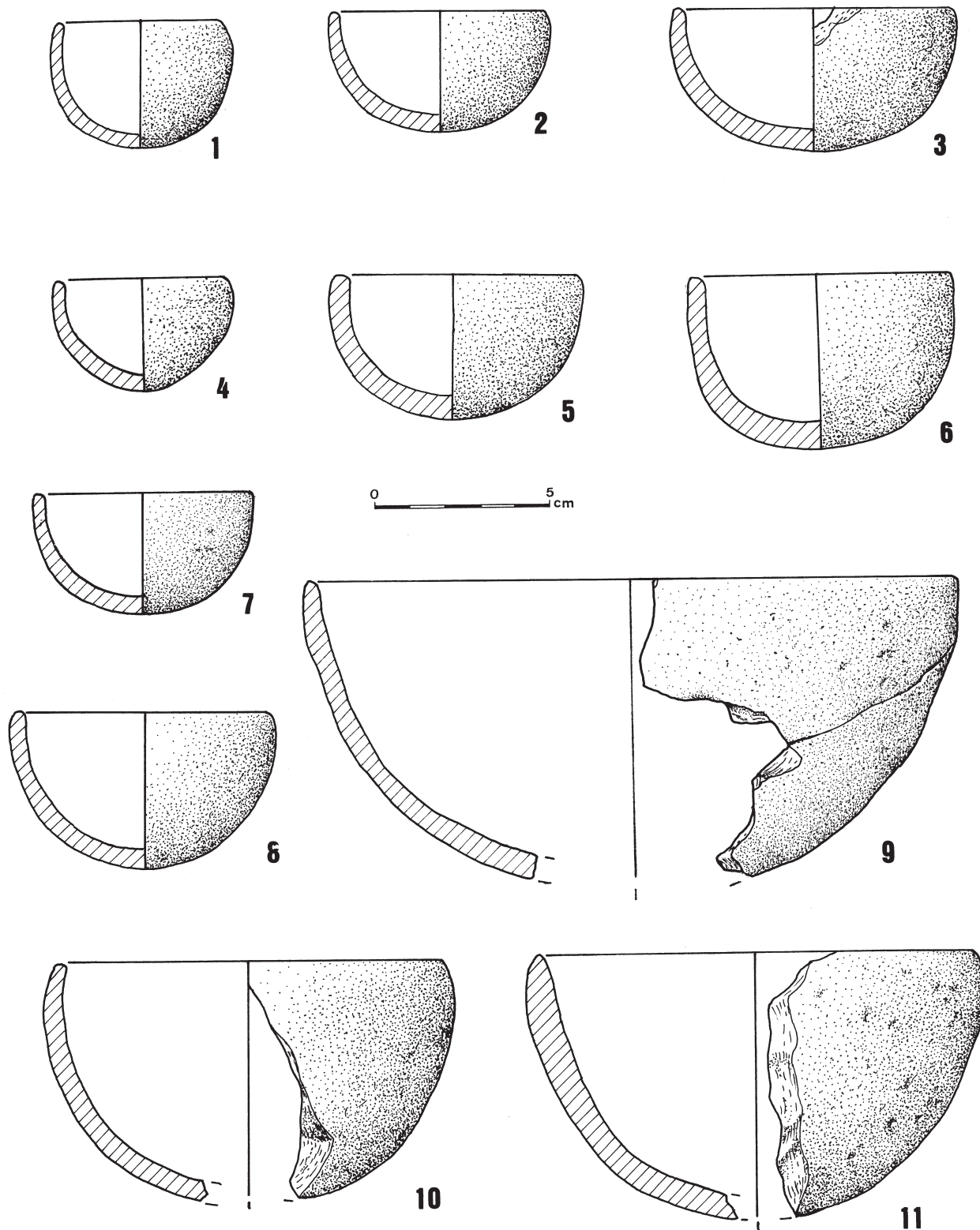


Fig. 27 – Cerâmicas lisas da gruta da Casa da Moura.

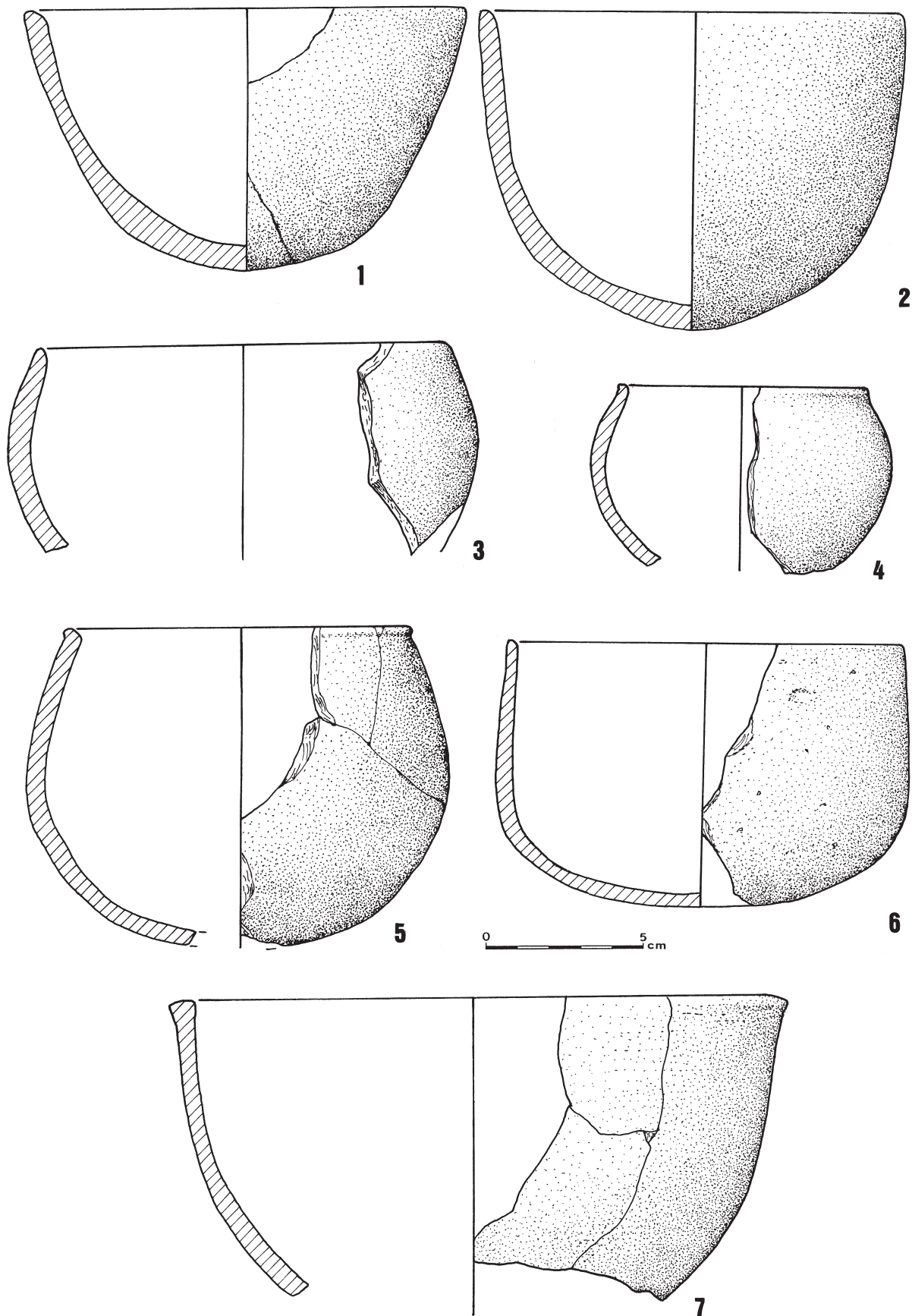


Fig. 28 – Cerâmicas lisas da gruta da Casa da Moura.

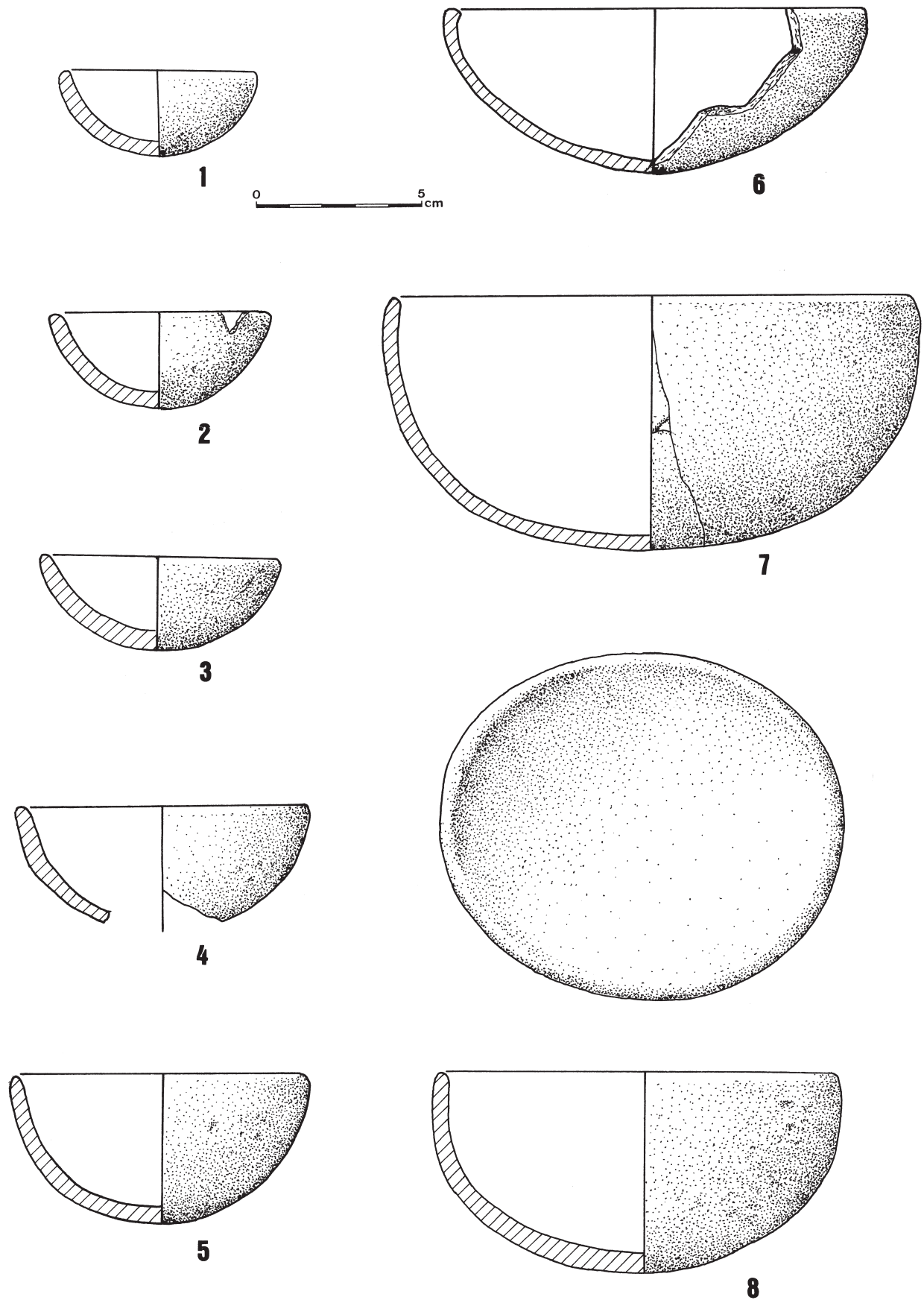


Fig. 29 – Cerâmicas lisas da gruta da Casa da Moura.

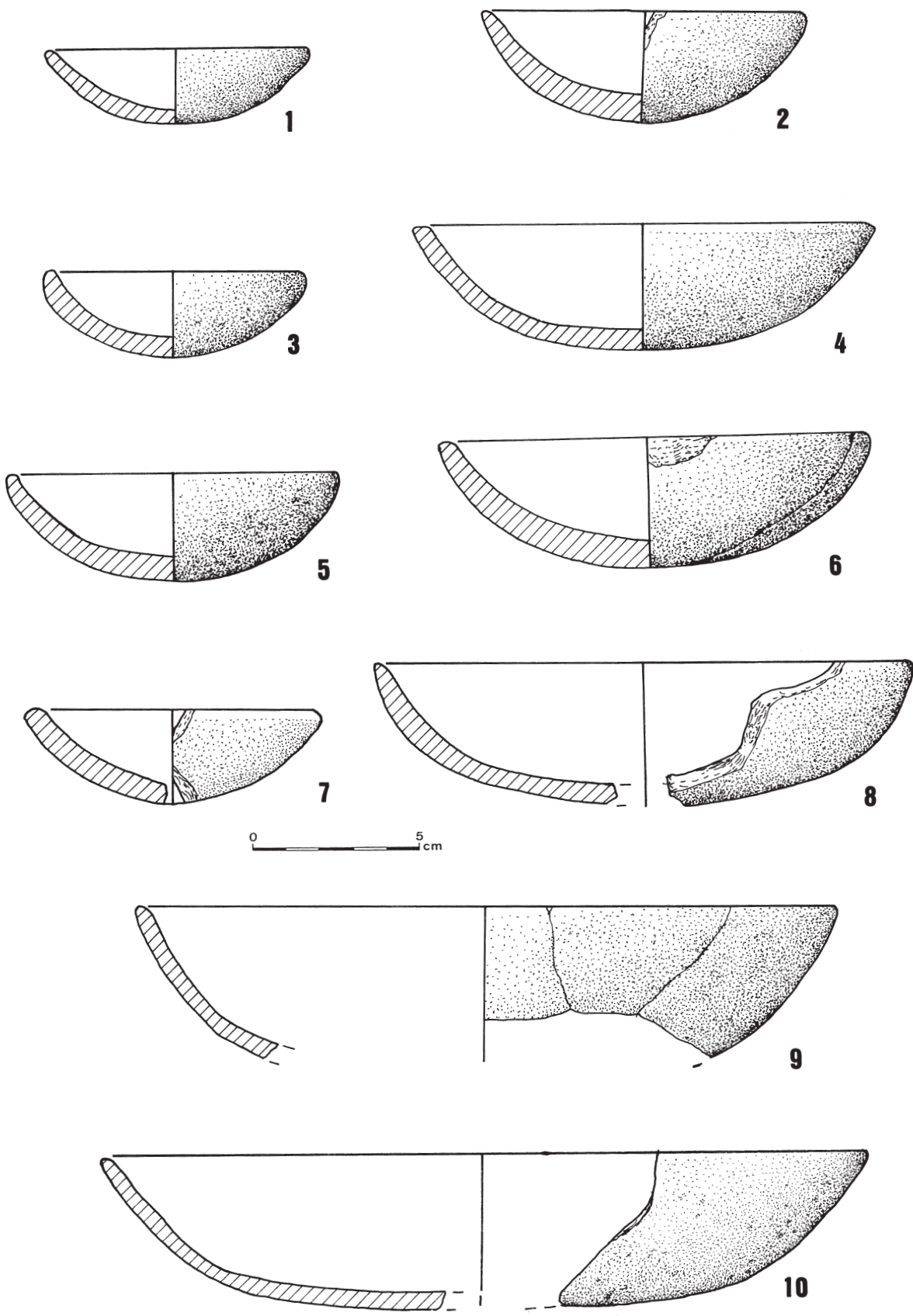


Fig. 30 – Cerâmicas lisas da gruta da Casa da Moura.

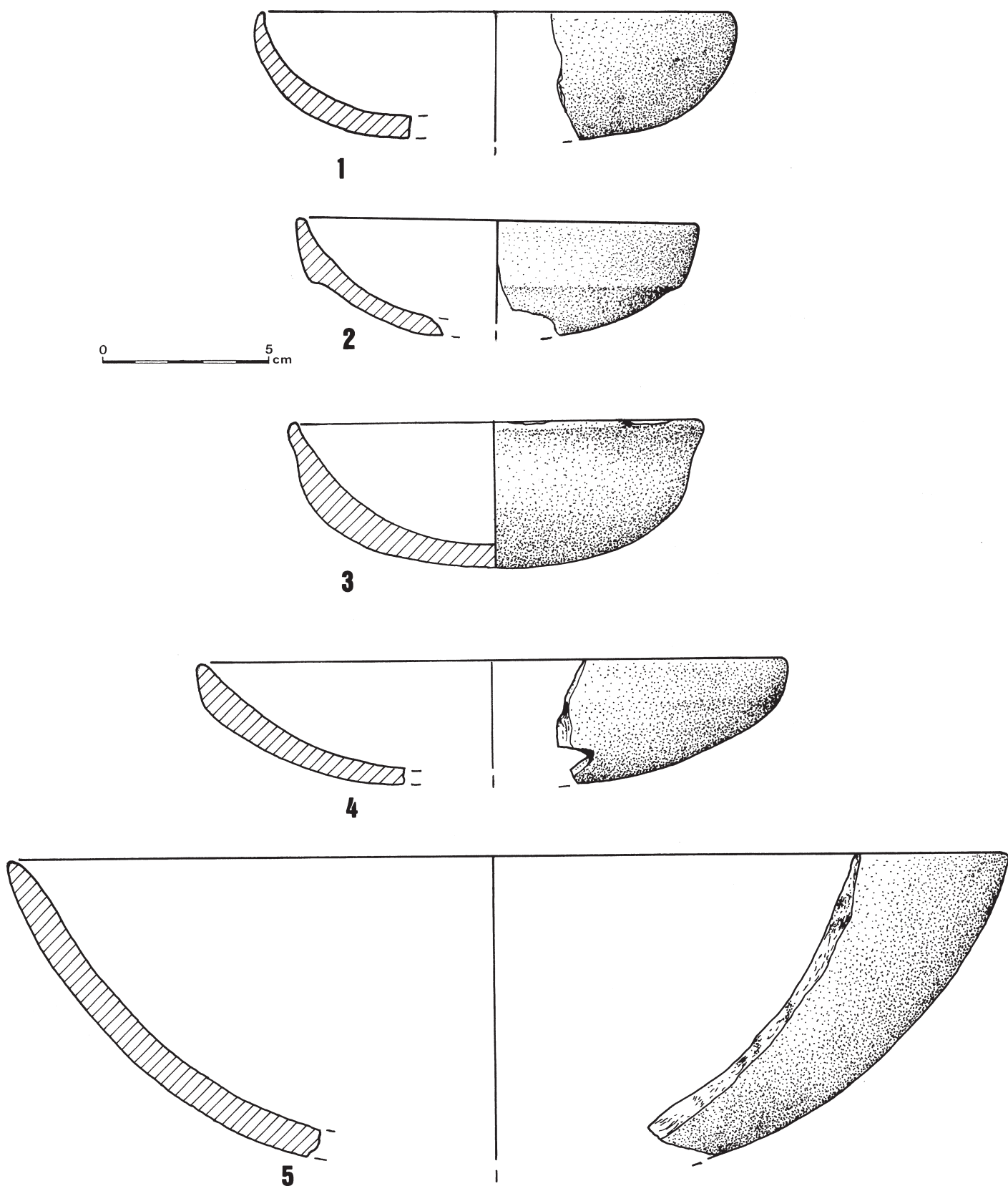


Fig. 31 – Cerâmicas lisas da gruta da Casa da Moura.

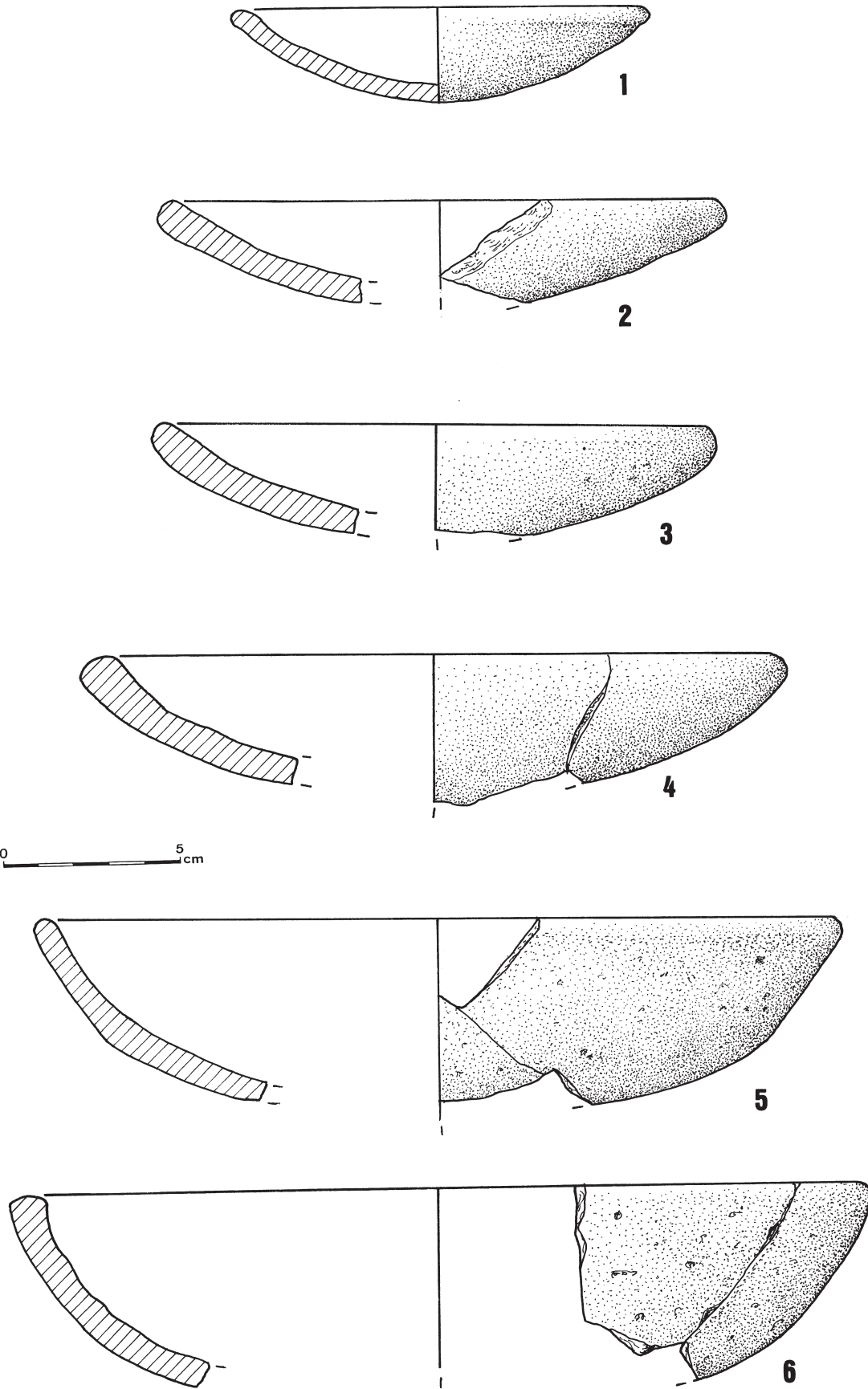


Fig. 32 – Cerâmicas lisas da gruta da Casa da Moura.

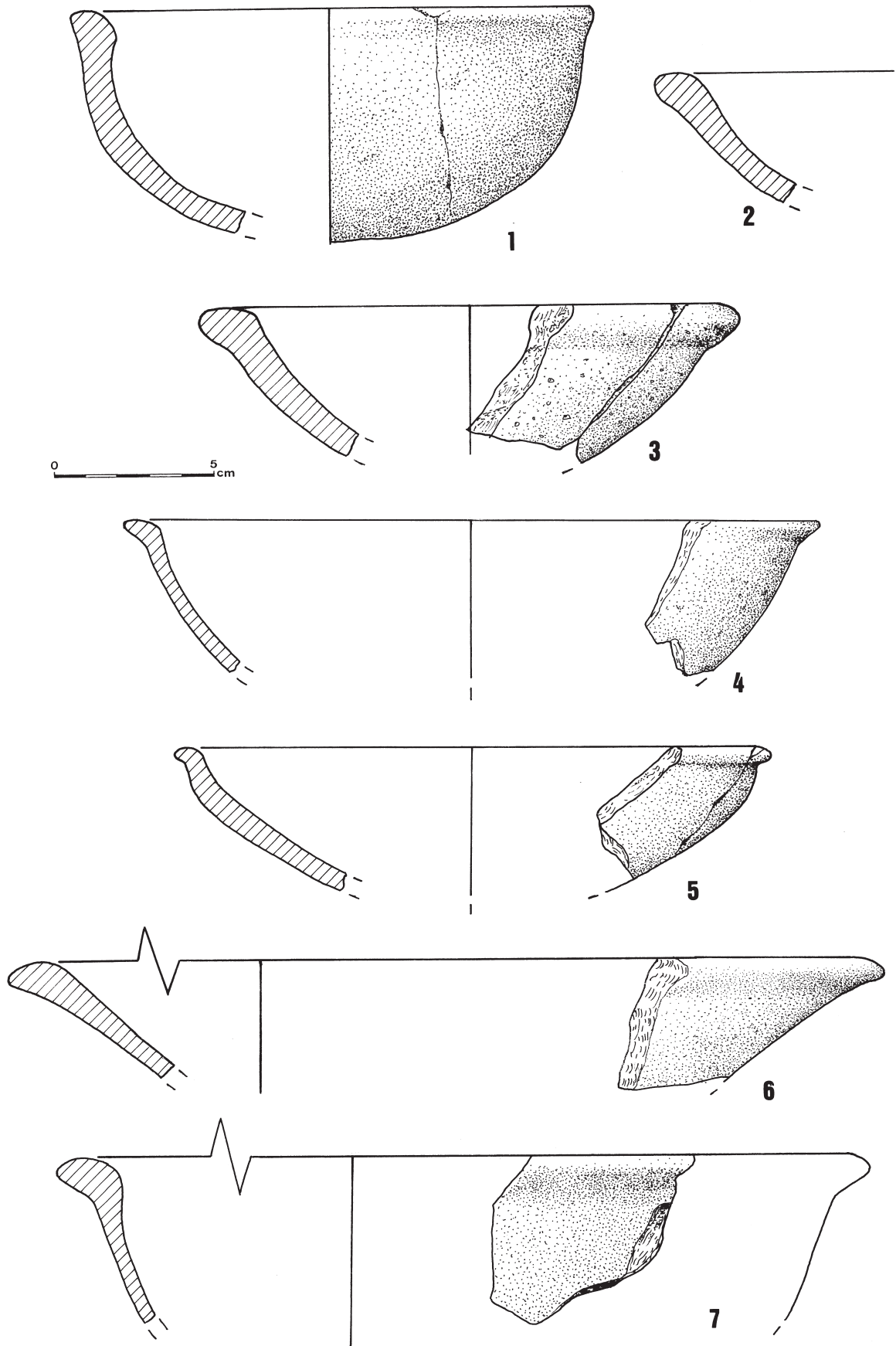


Fig. 33 – Cerâmicas lisas da gruta da Casa da Moura.

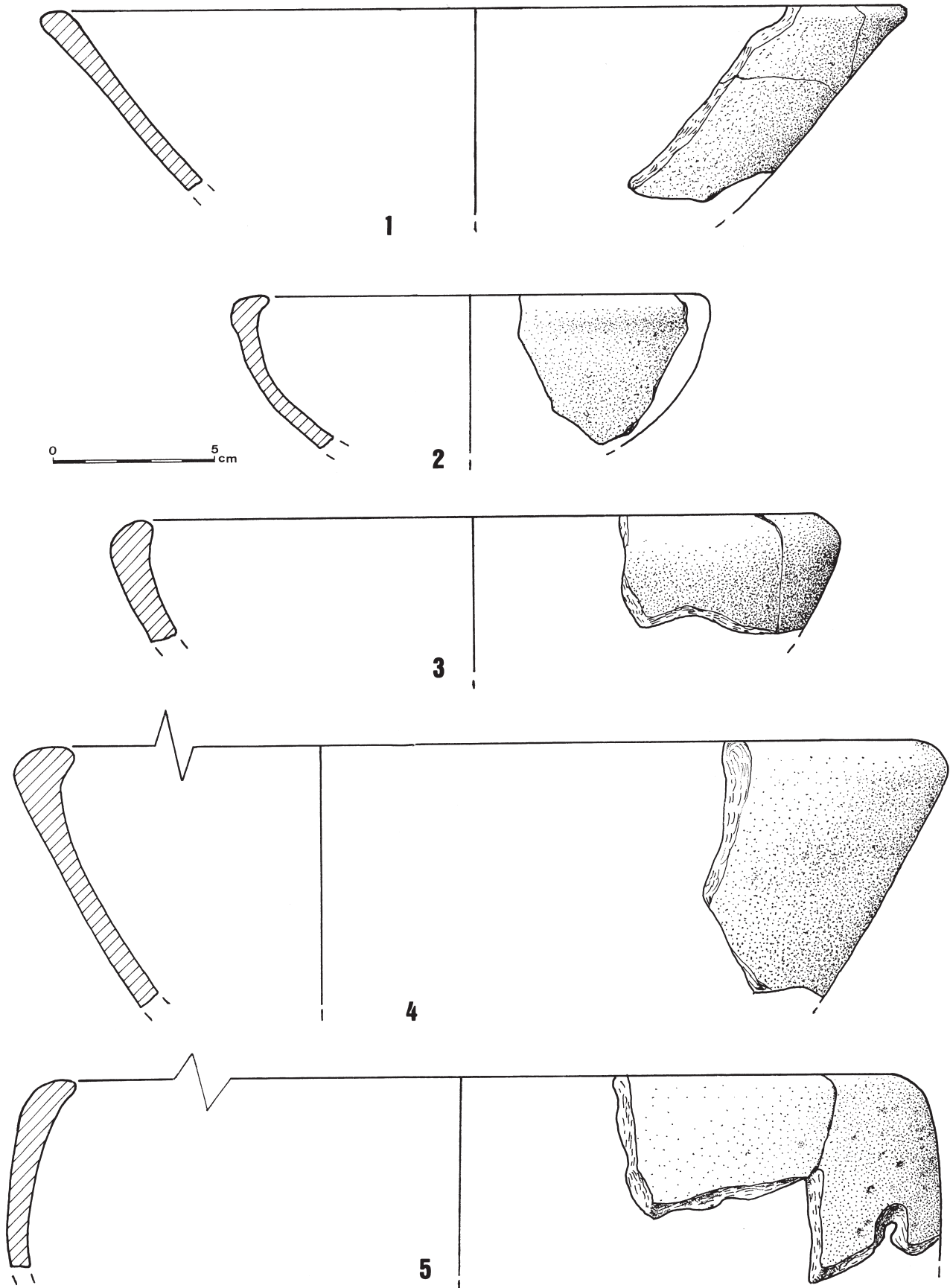


Fig. 34 – Cerâmicas lisas da gruta da Casa da Moura.

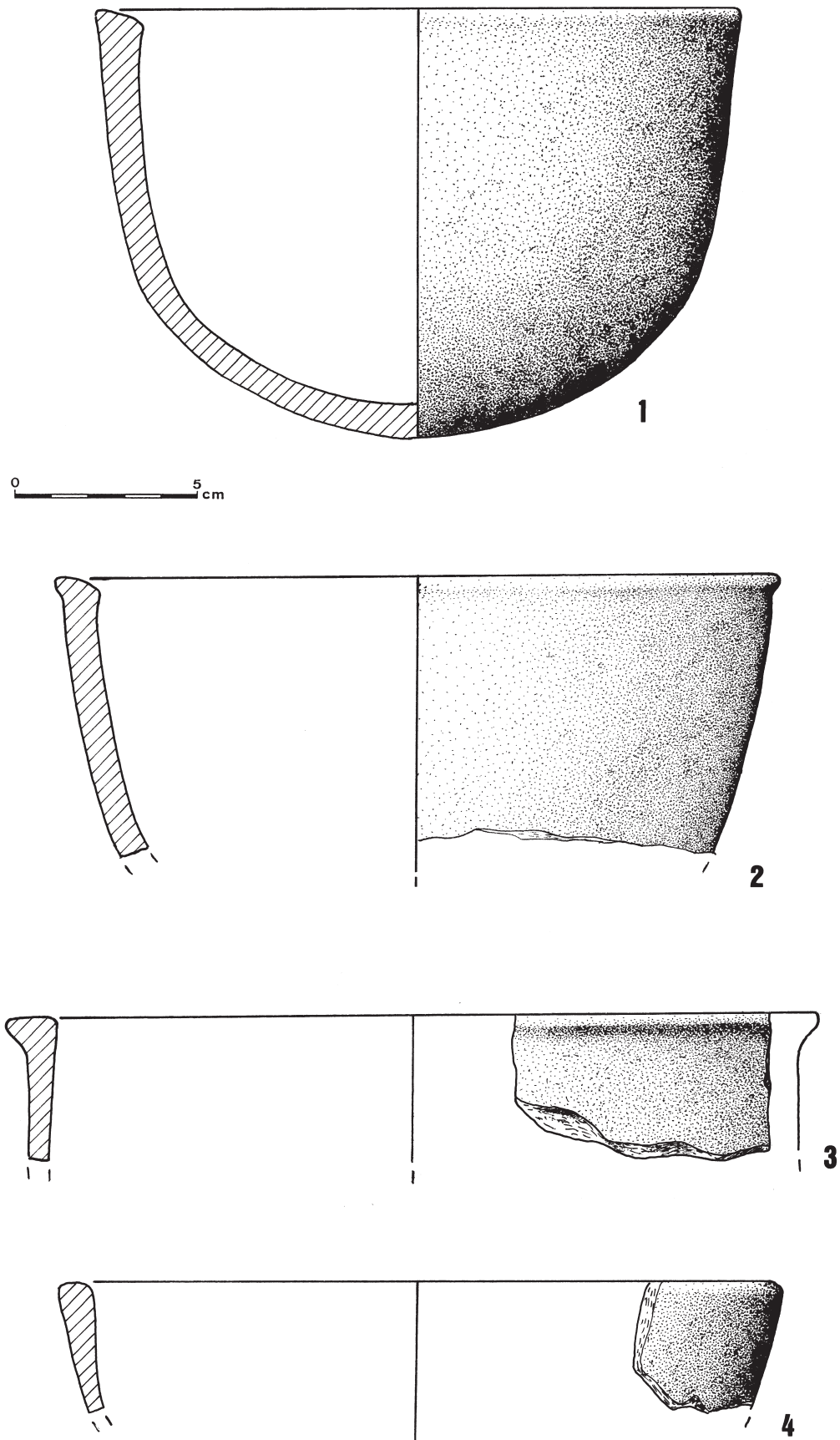


Fig. 35 – Cerâmicas lisas da gruta da Casa da Moura.

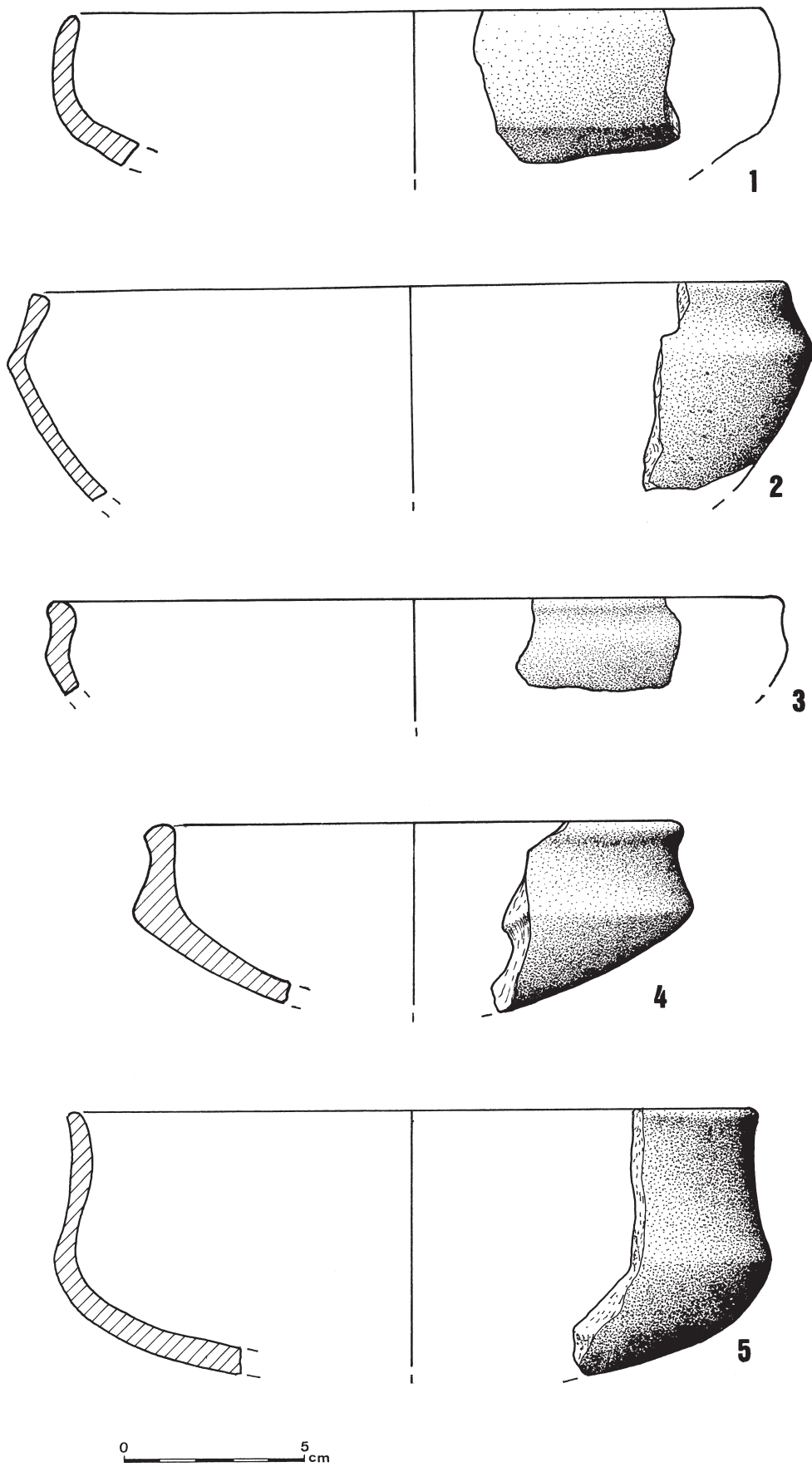


Fig. 36 – Cerâmicas lisas da gruta da Casa da Moura.

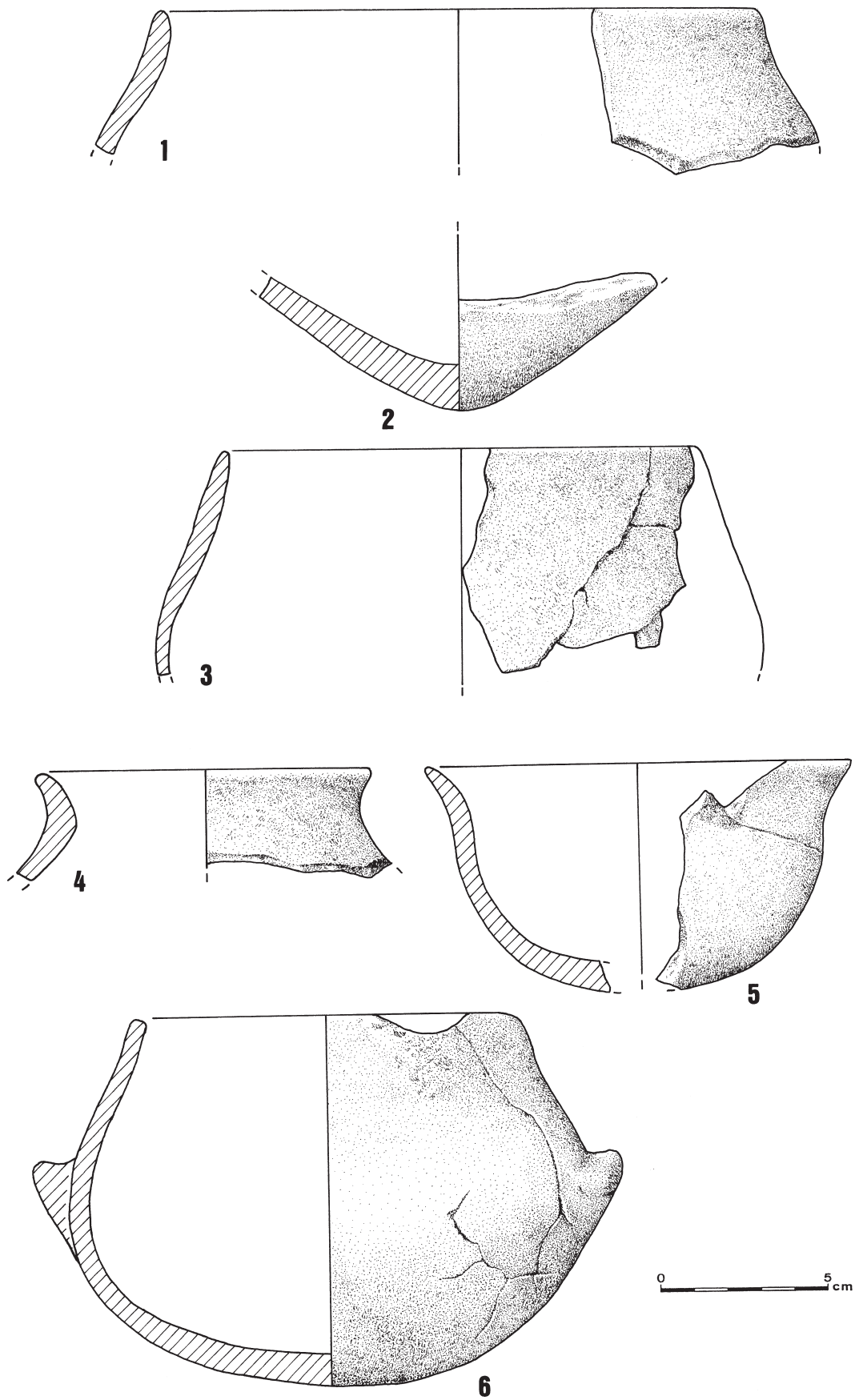
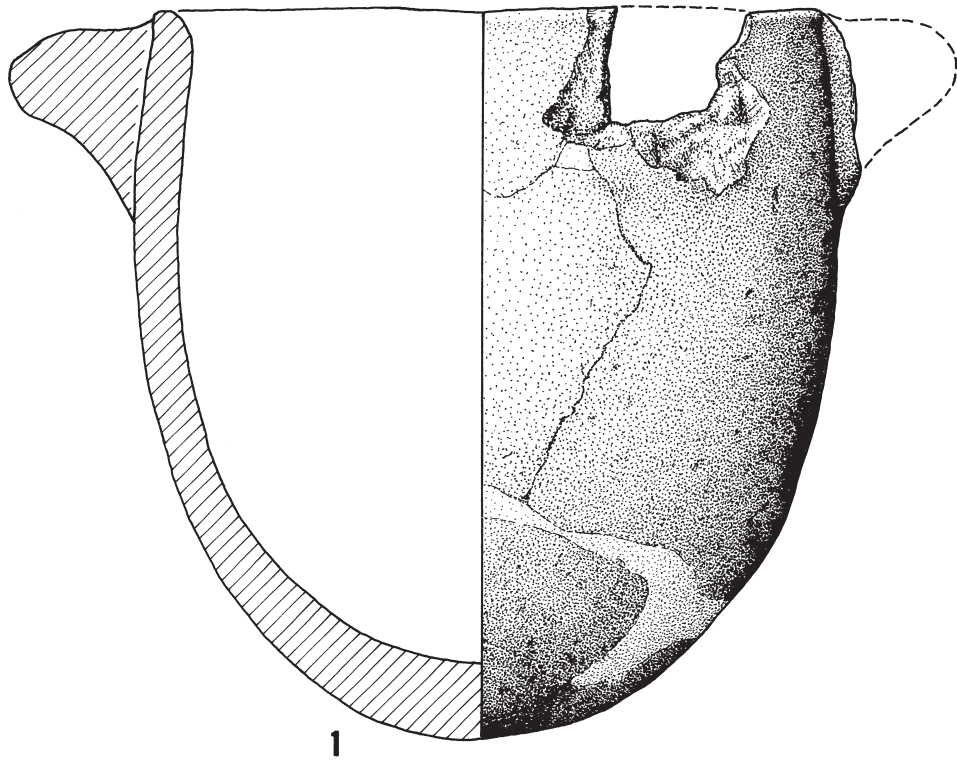
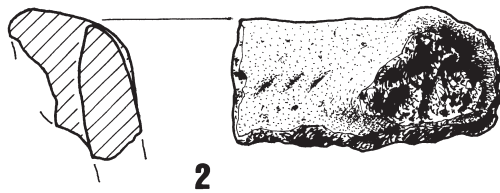


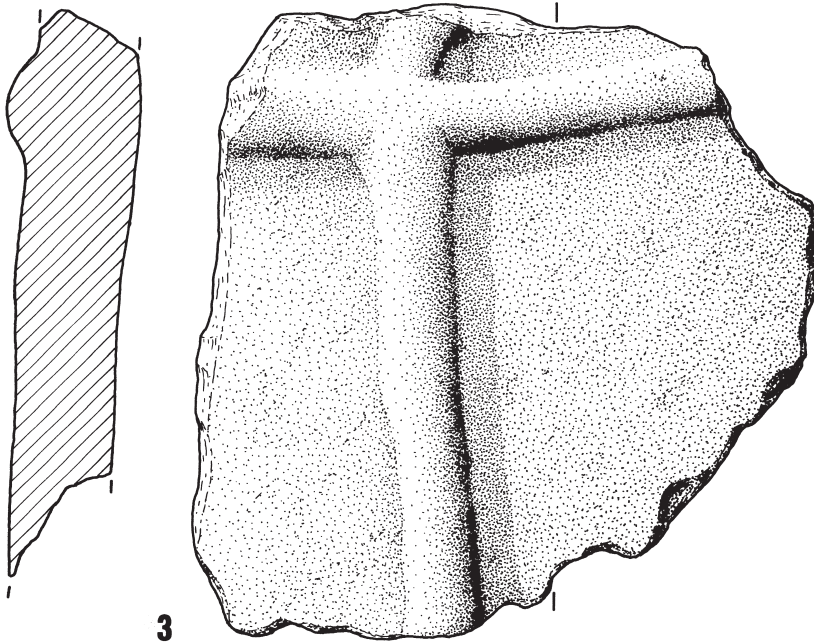
Fig. 37 – Cerâmicas lisas da gruta da Casa da Moura.



1



2



3

Fig. 38 – Cerâmicas lisas e decoradas da gruta da Casa da Moura.

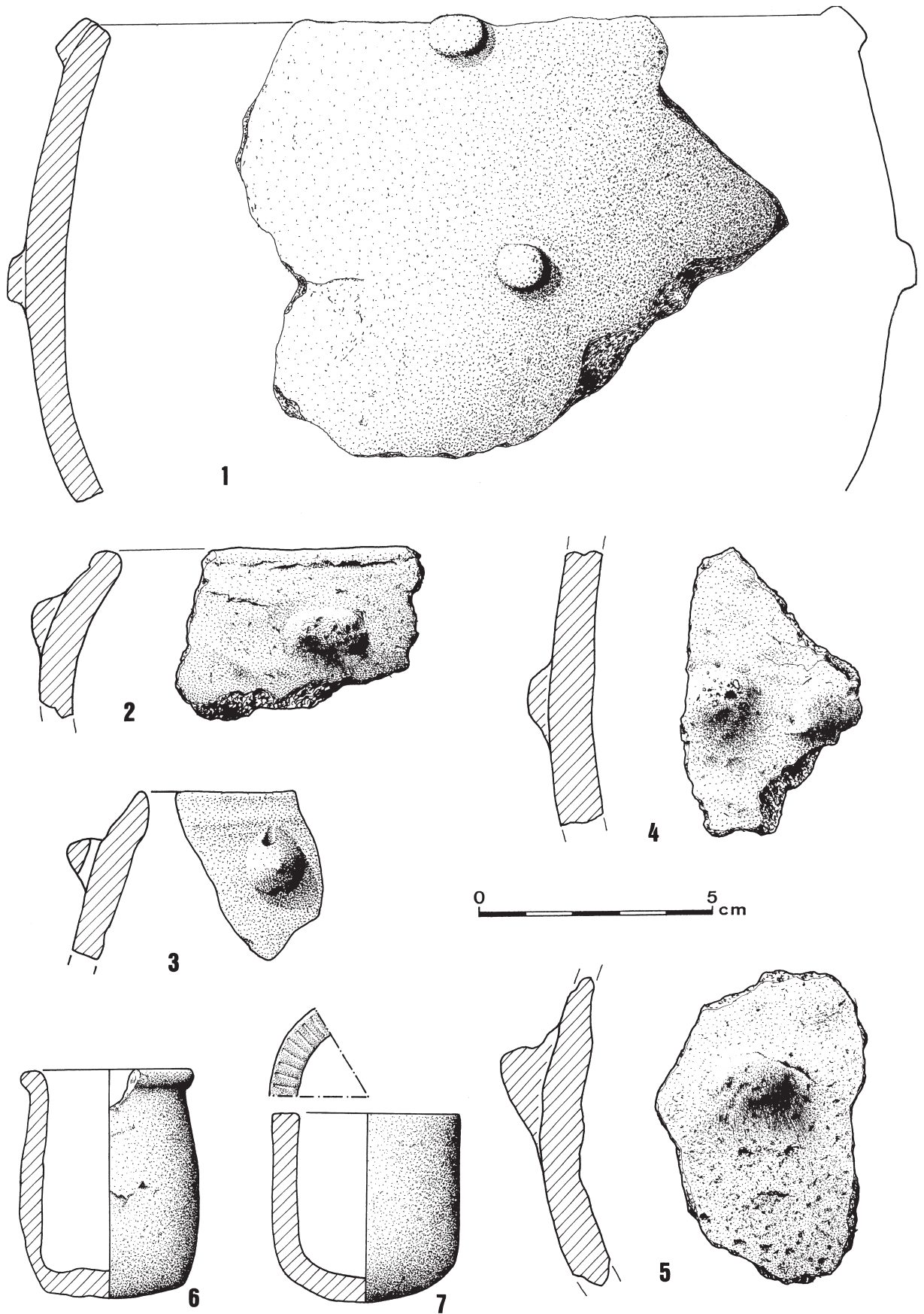


Fig. 39 – Cerâmicas lisas e decoradas da gruta da Casa da Moura.

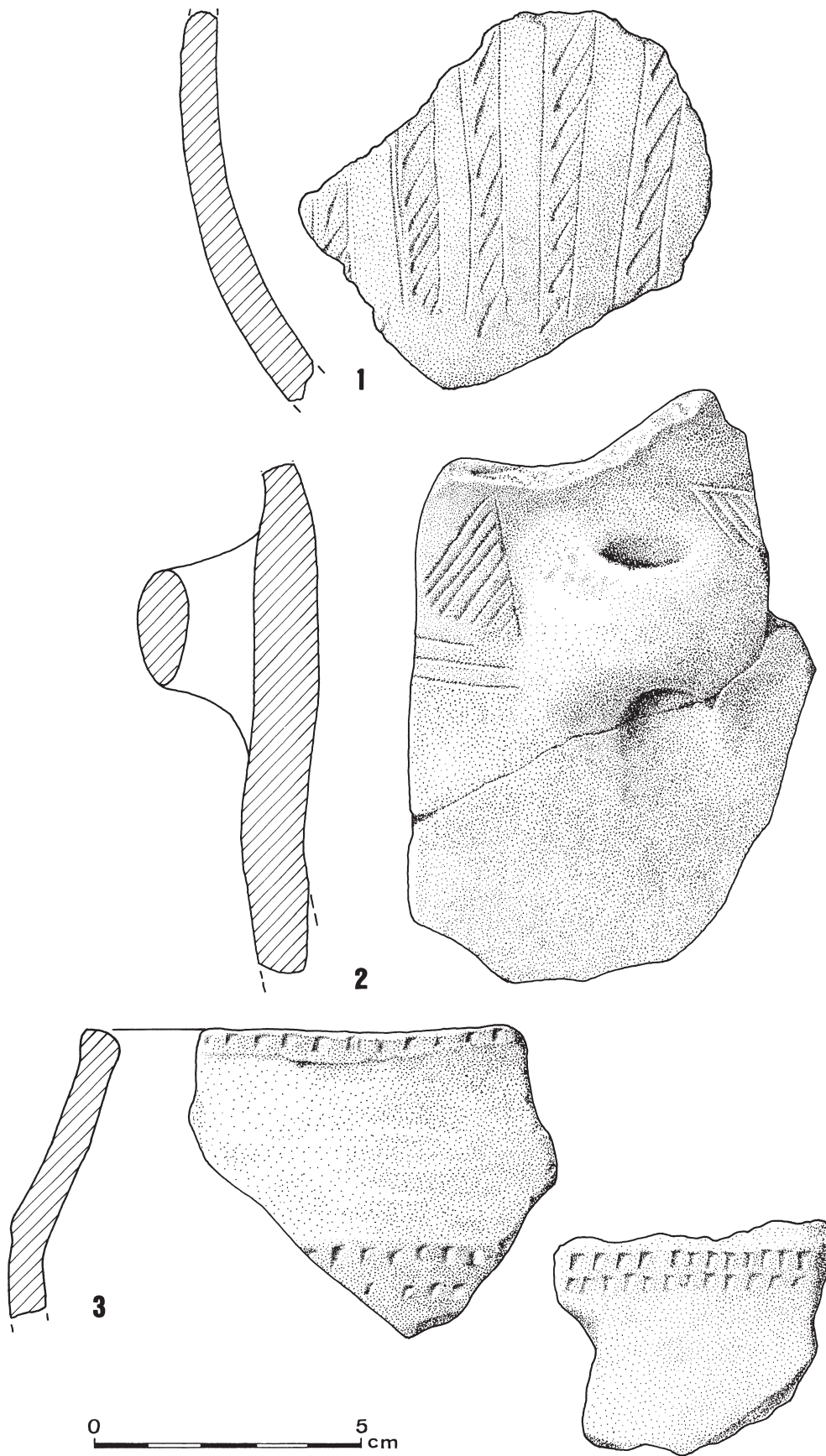


Fig. 40 – Cerâmicas decoradas da gruta da Casa da Moura.

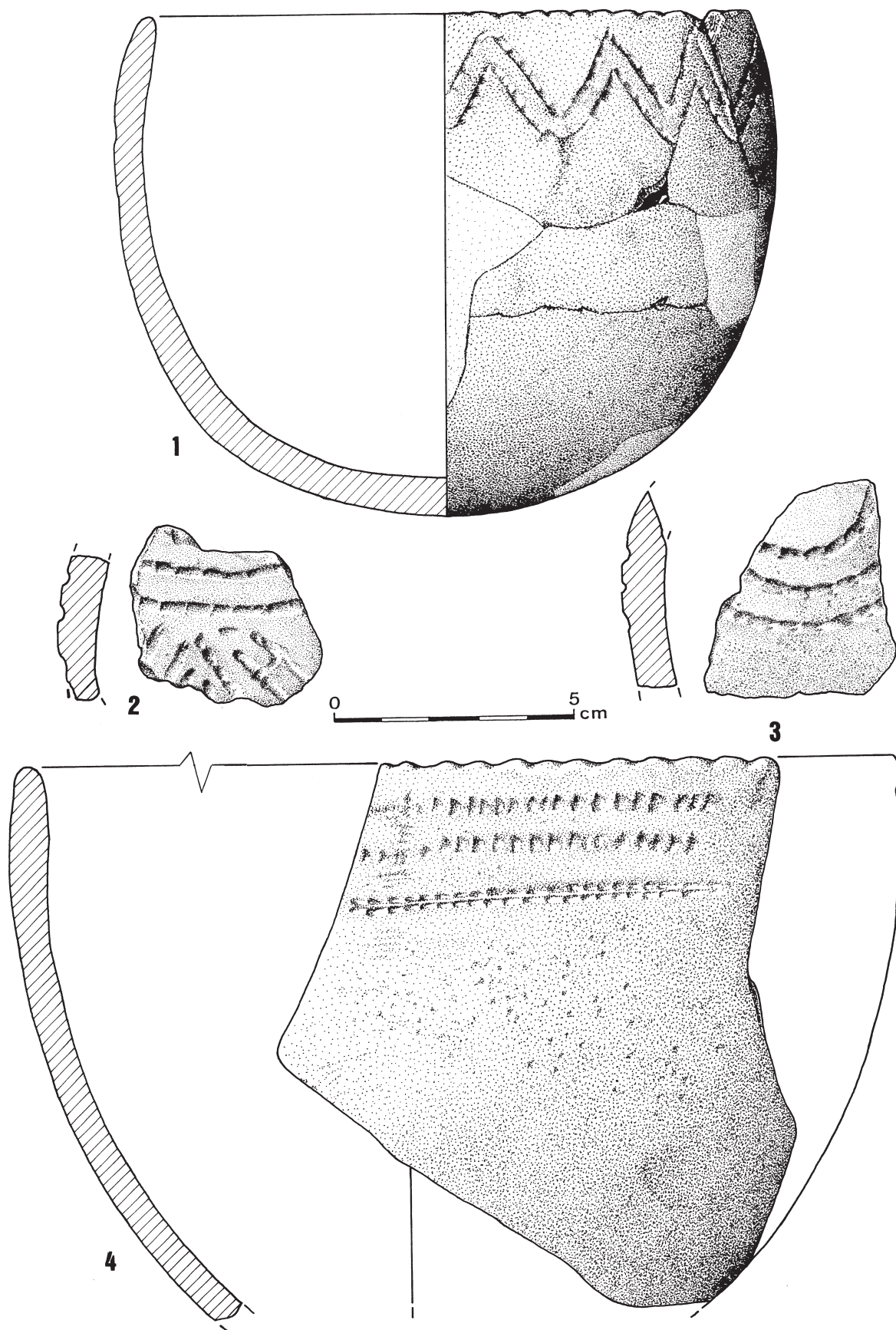


Fig. 41 – Cerâmicas decoradas da gruta da Casa da Moura.

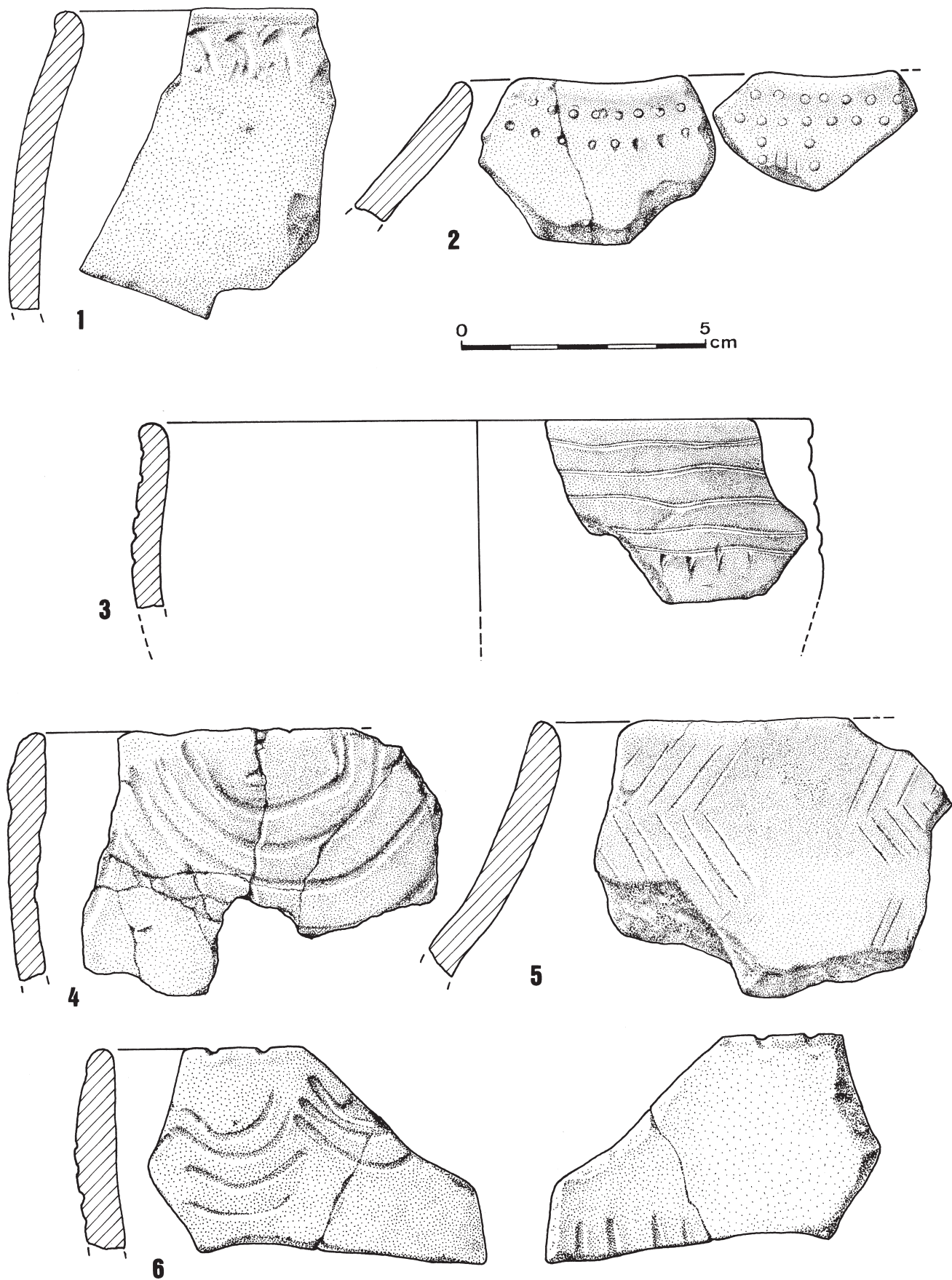


Fig. 42 – Cerâmicas decoradas da gruta da Casa da Moura.

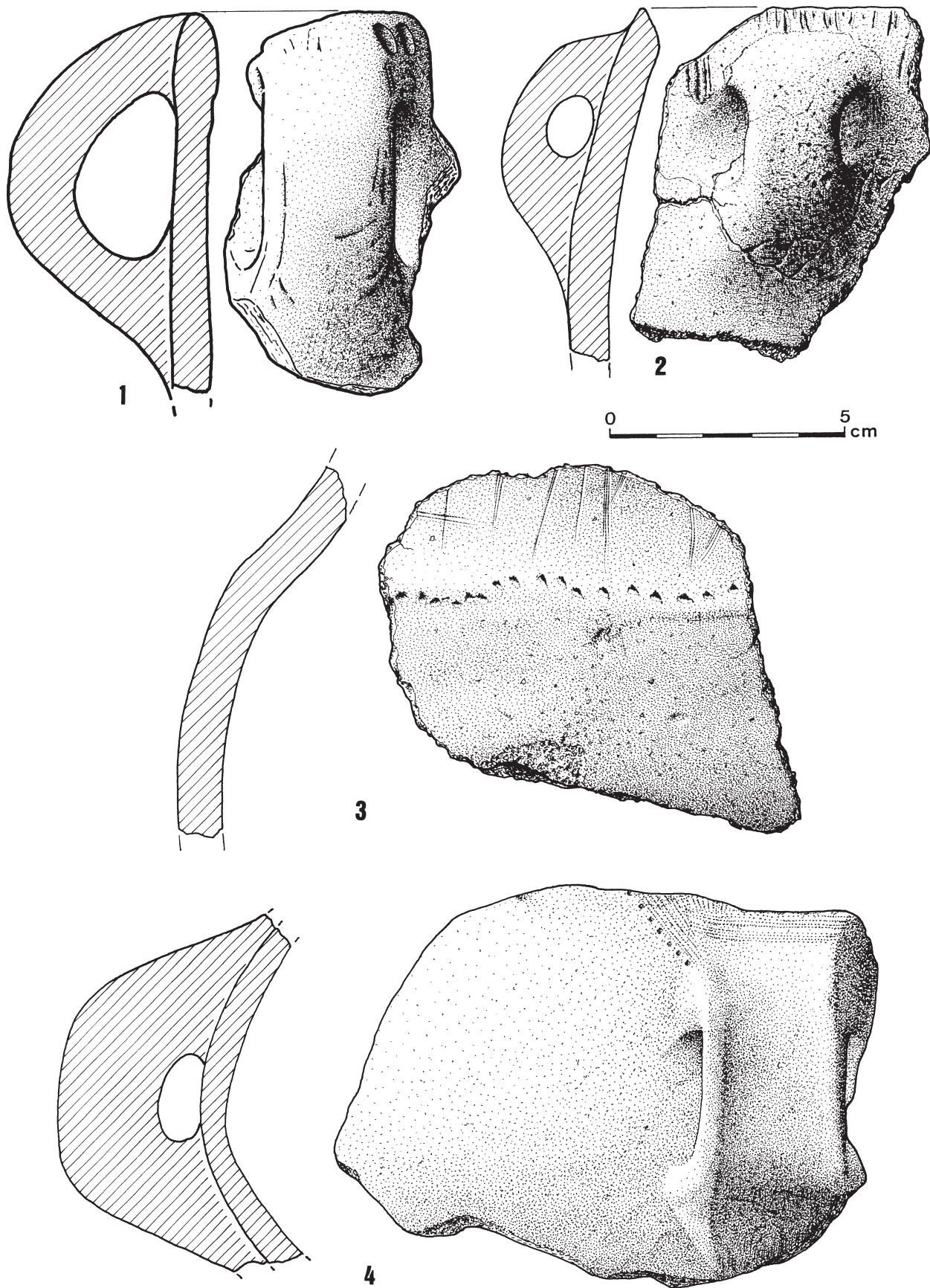


Fig. 43 – Cerâmicas decoradas da gruta da Casa da Moura.

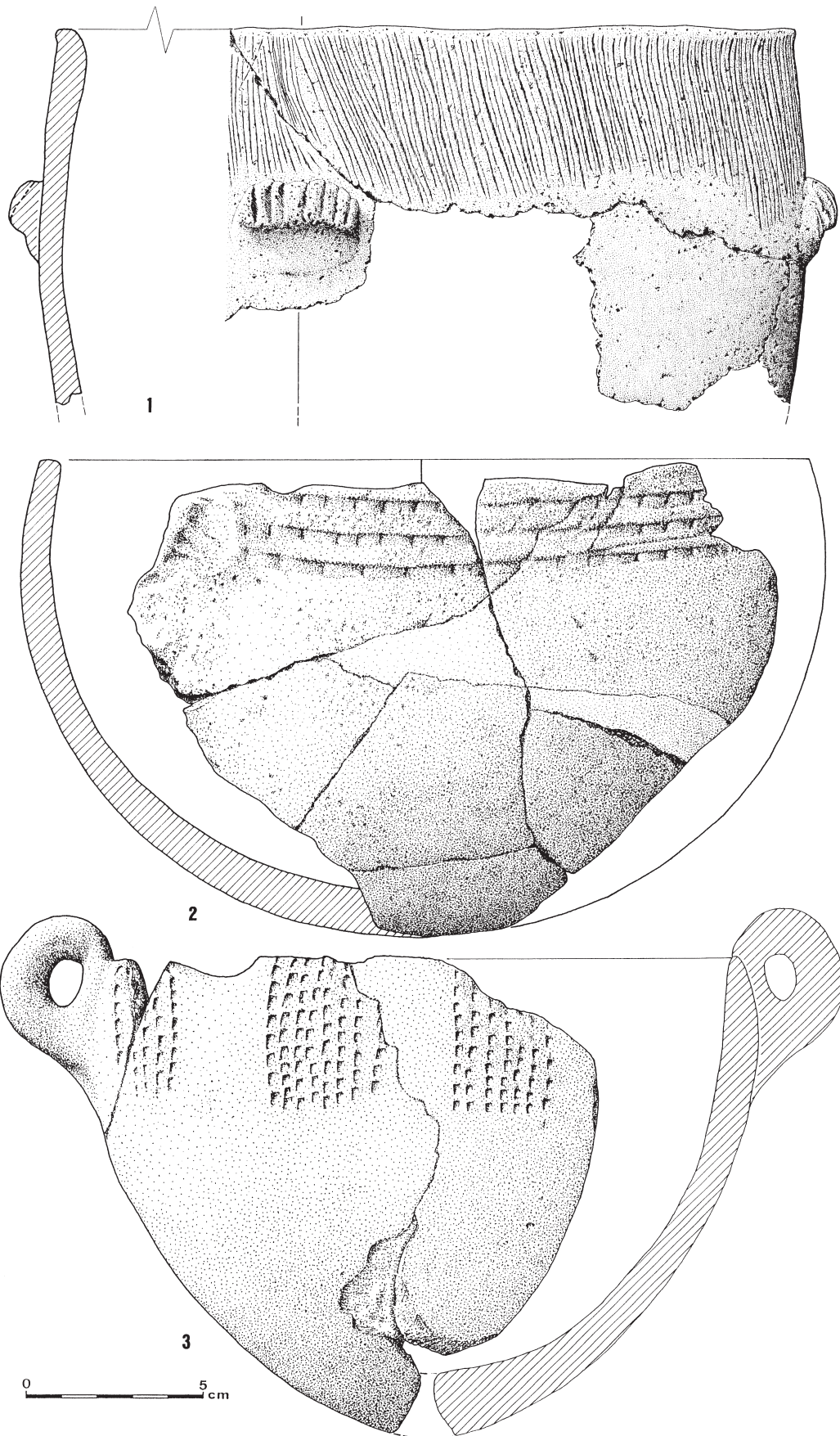


Fig. 44 – Cerâmicas decoradas da gruta da Casa da Moura.

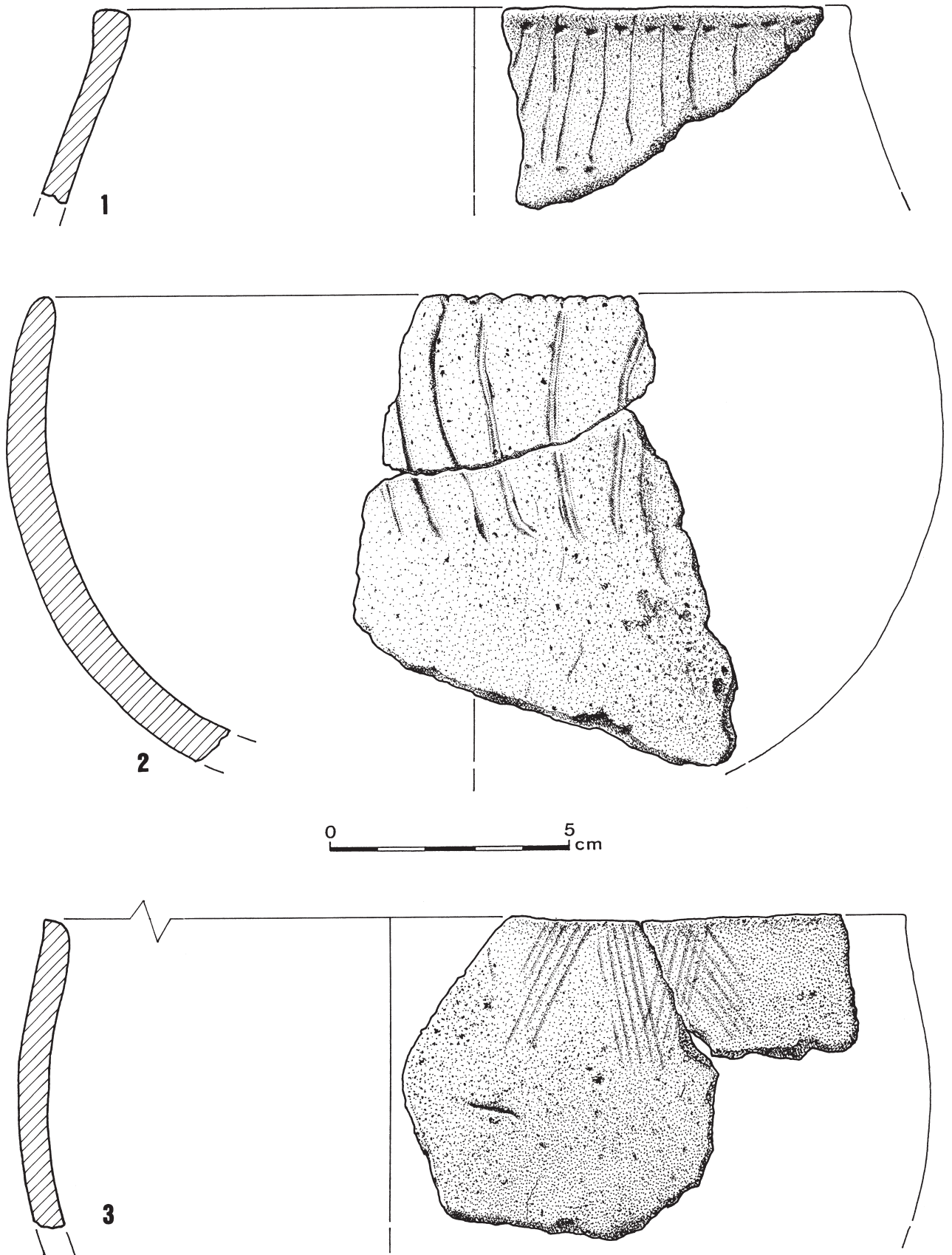


Fig. 45 – Cerâmicas decoradas da gruta da Casa da Moura.

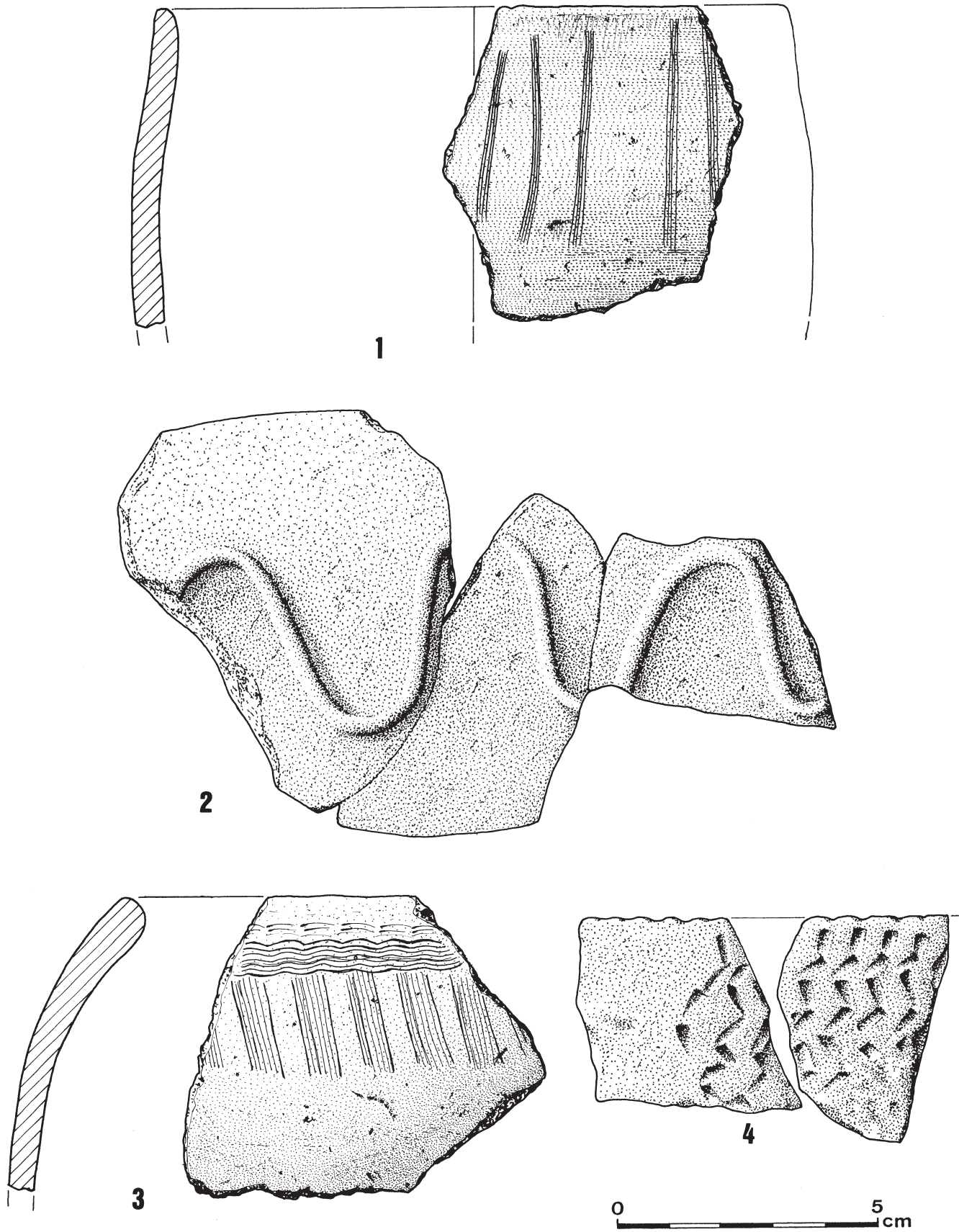


Fig. 46 – Cerâmicas decoradas da gruta da Casa da Moura.

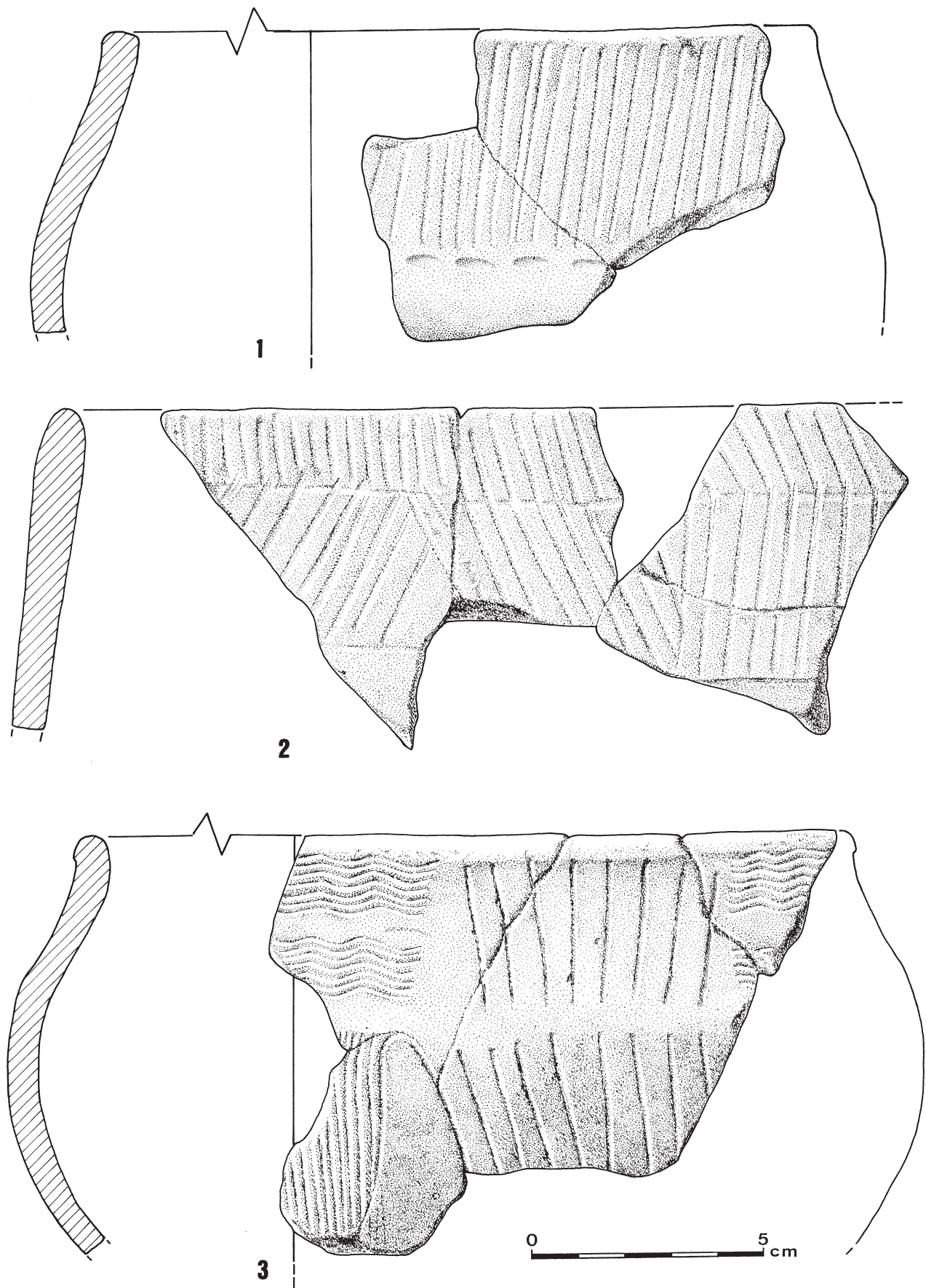


Fig. 47 – Cerâmicas decoradas da gruta da Casa da Moura.

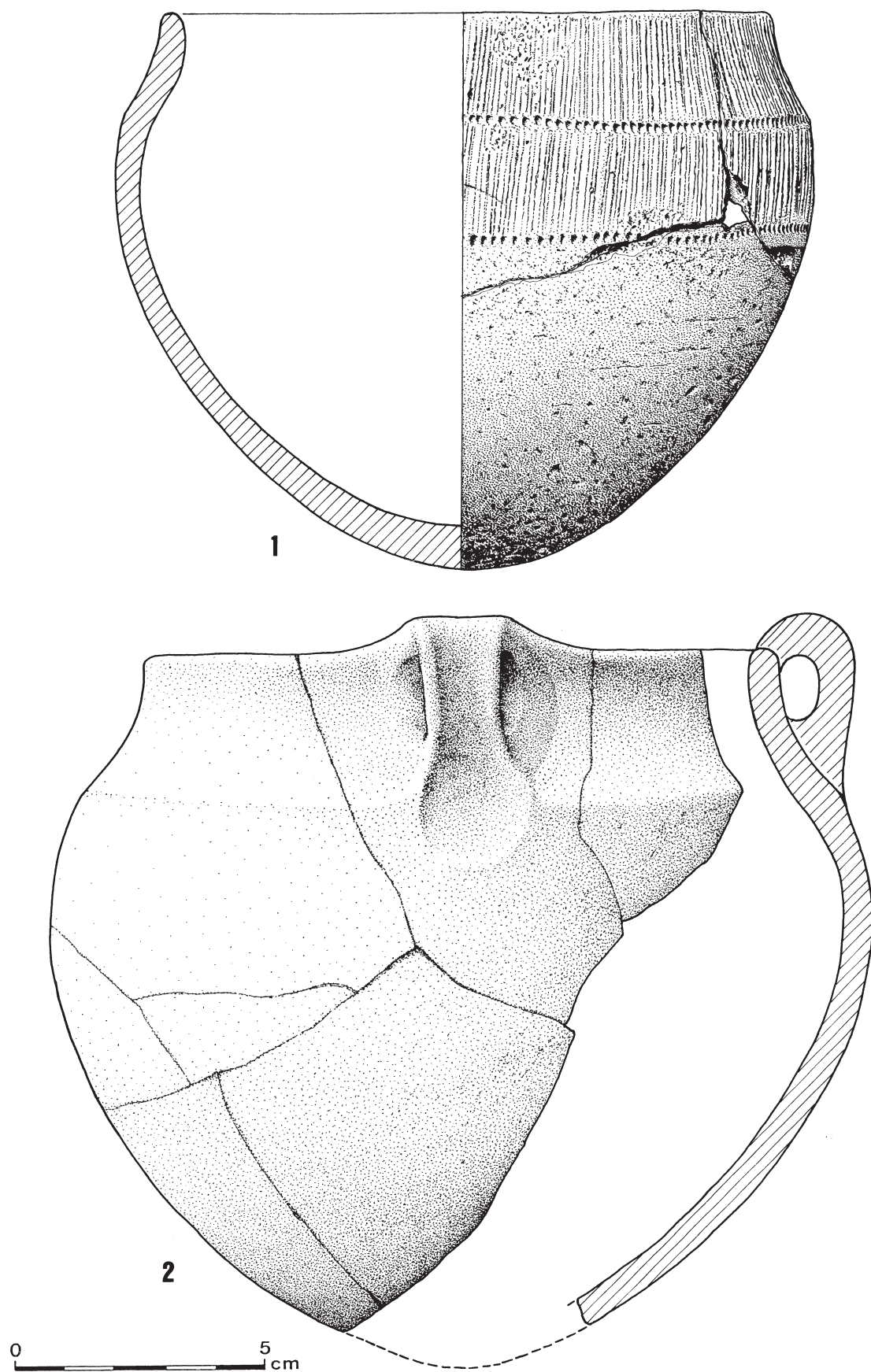


Fig. 48 – Cerâmicas decorada e lisa, com asa em fita, da gruta da Casa da Moura.

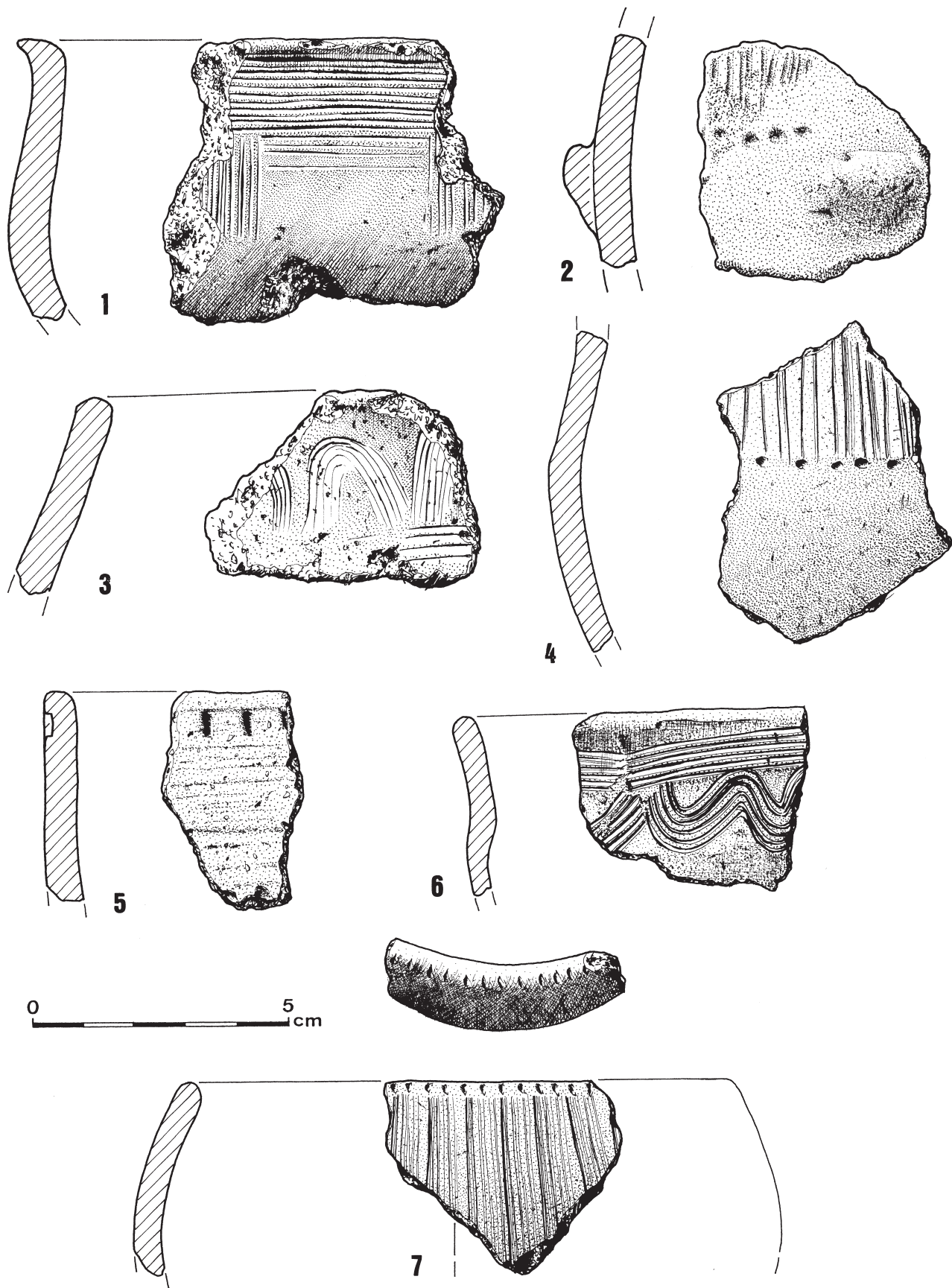


Fig. 49 – Cerâmicas decoradas da gruta da Casa da Moura.

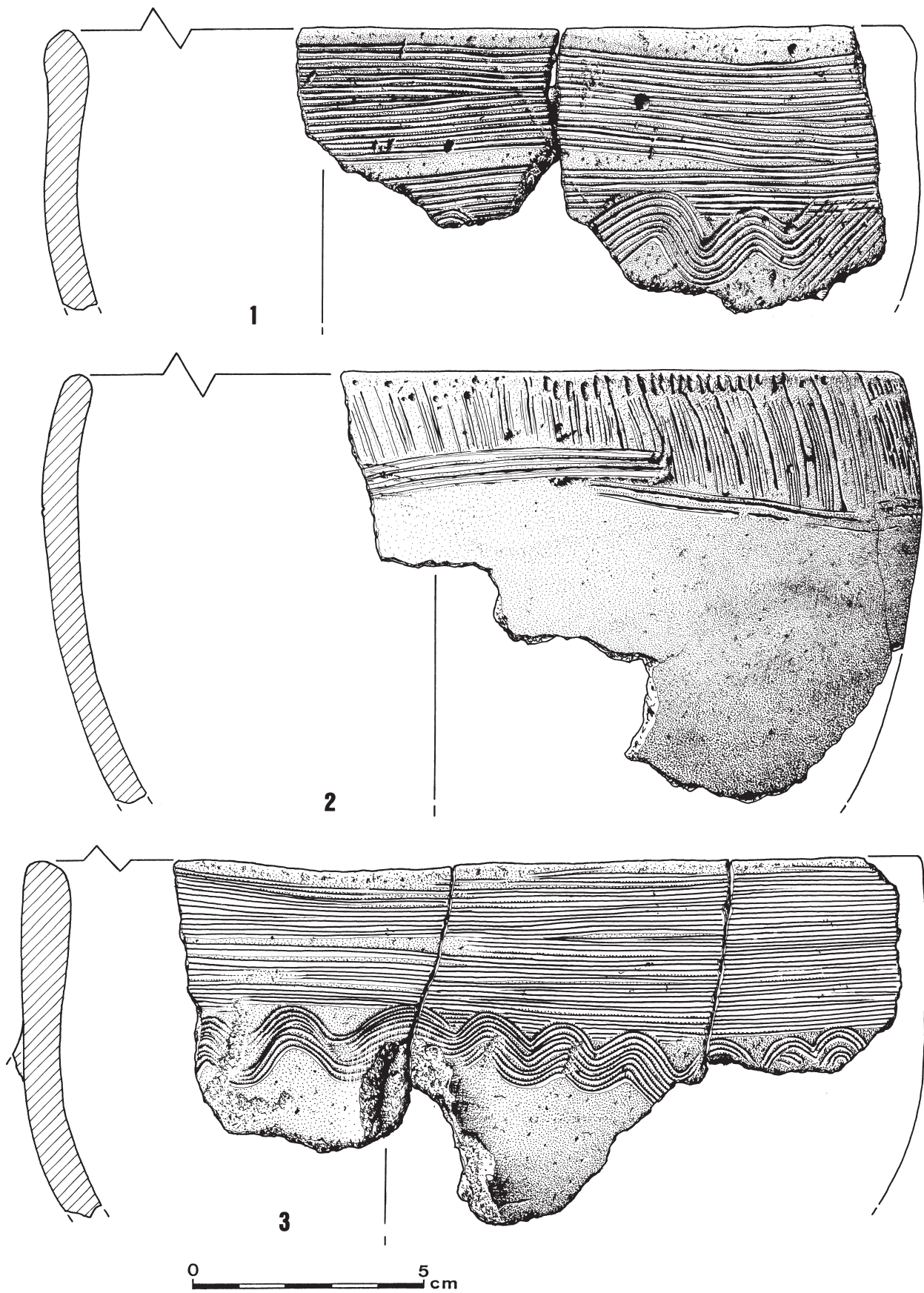


Fig. 50 – Cerâmicas decoradas da gruta da gruta da Casa da Moura.

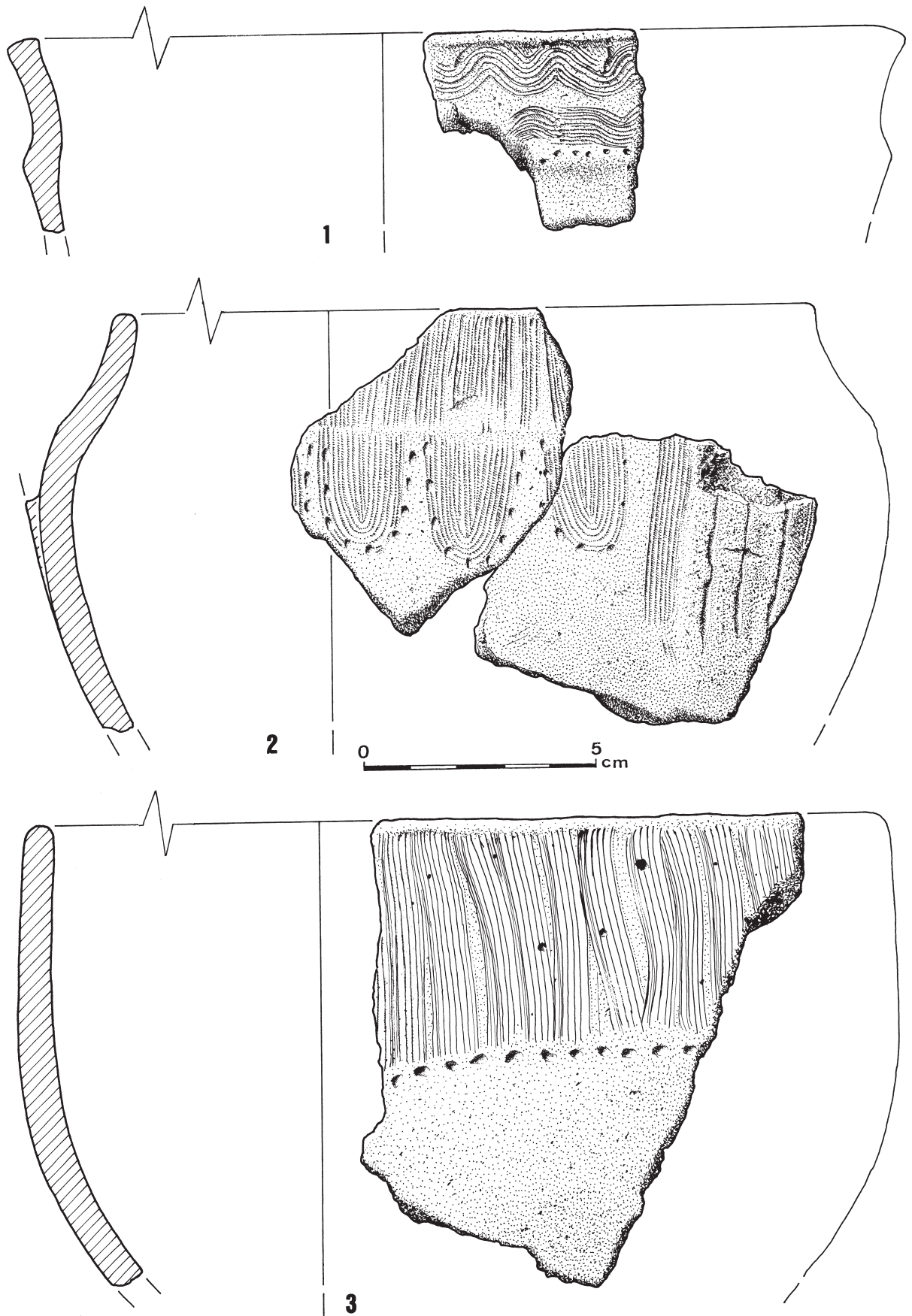


Fig. 51 – Cerâmicas decoradas da gruta da Casa da Moura.

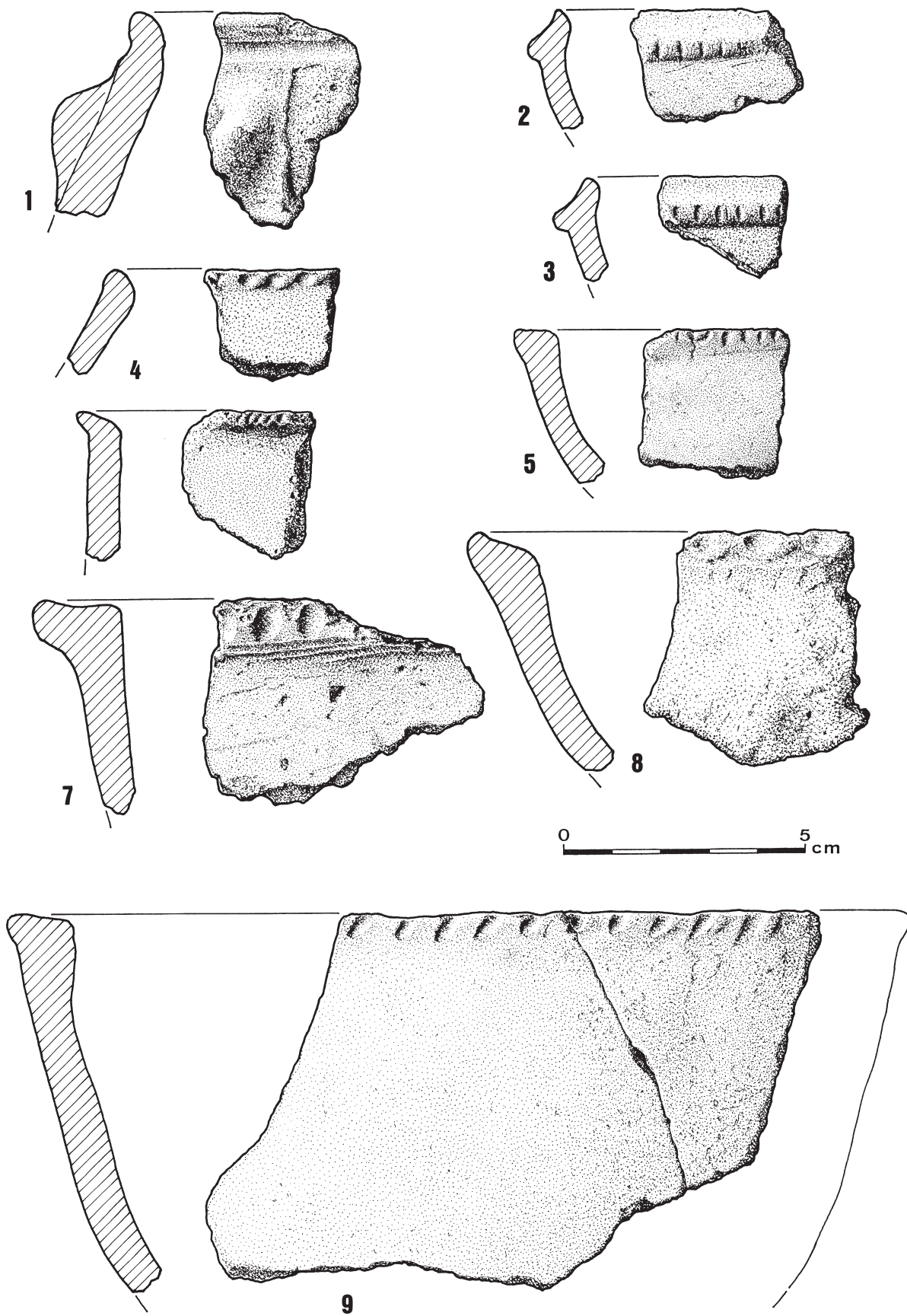


Fig. 52 – Cerâmicas decoradas da gruta da Casa da Moura.

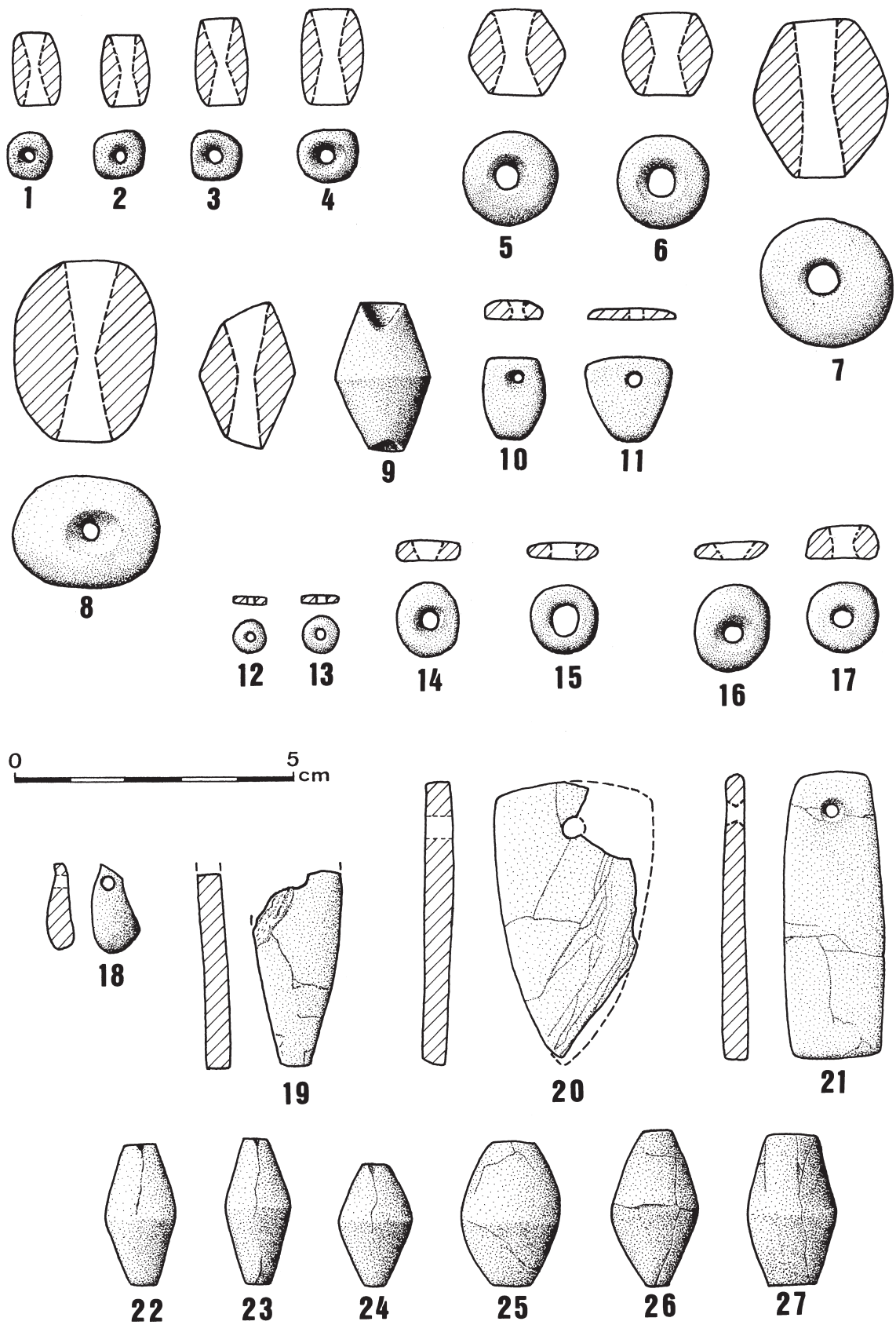


Fig. 53 – Contas e pendentis, de minerais verdes (1 a 4; 8; 10 a 17); de fluorite (7); de pedra negra (5; 6 e 9); de rocha acastanhada (18) e de madeira fóssil, lignito, ou hulha (azeviche) (19 a 27), da gruta da Casa da Moura.

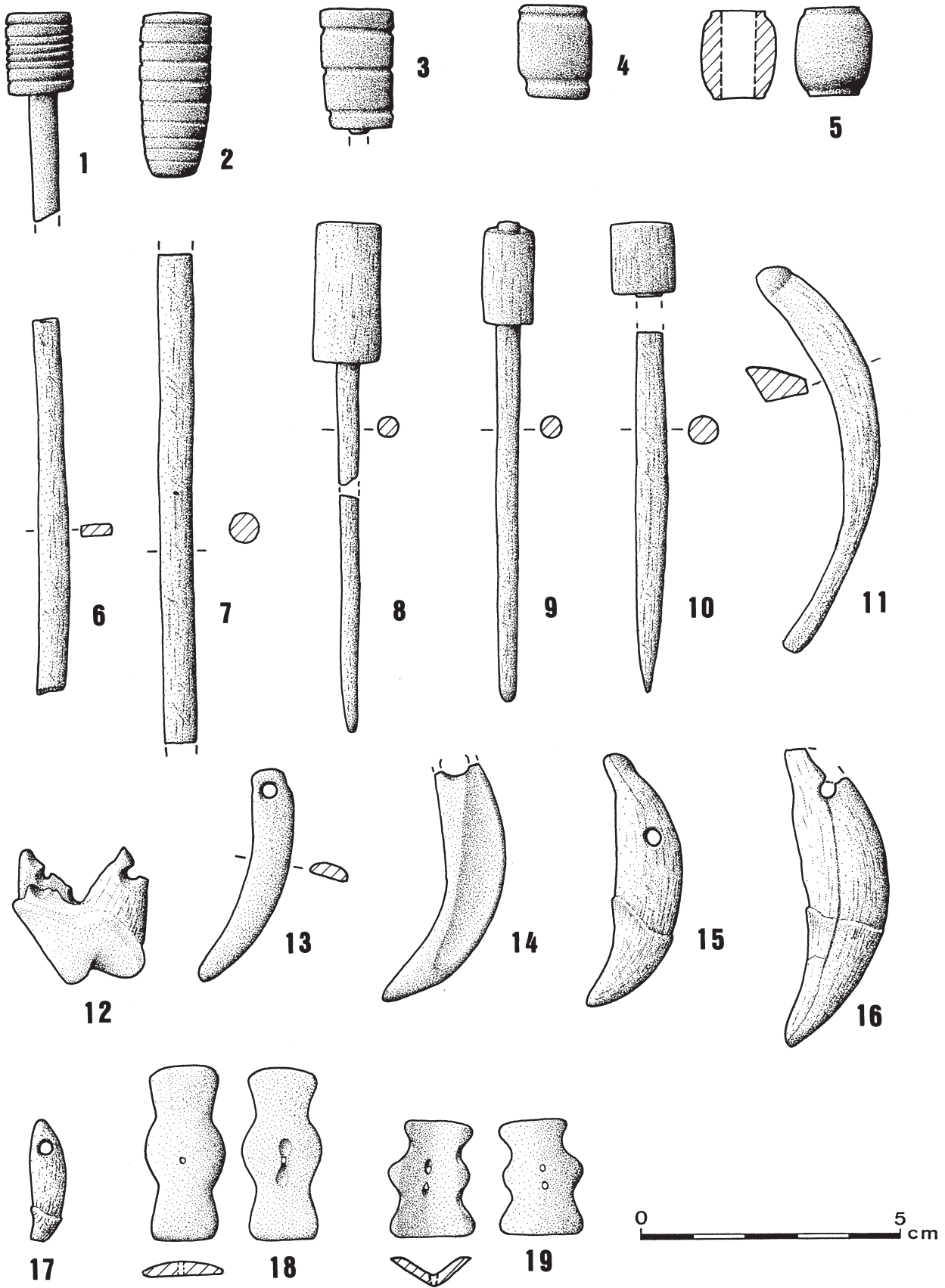


Fig. 54 – Adornos (alfinetes de cabelo e pendentes) e objectos da indumentária (botões de filiação campaniforme), de osso, da gruta da Casa da Moura.

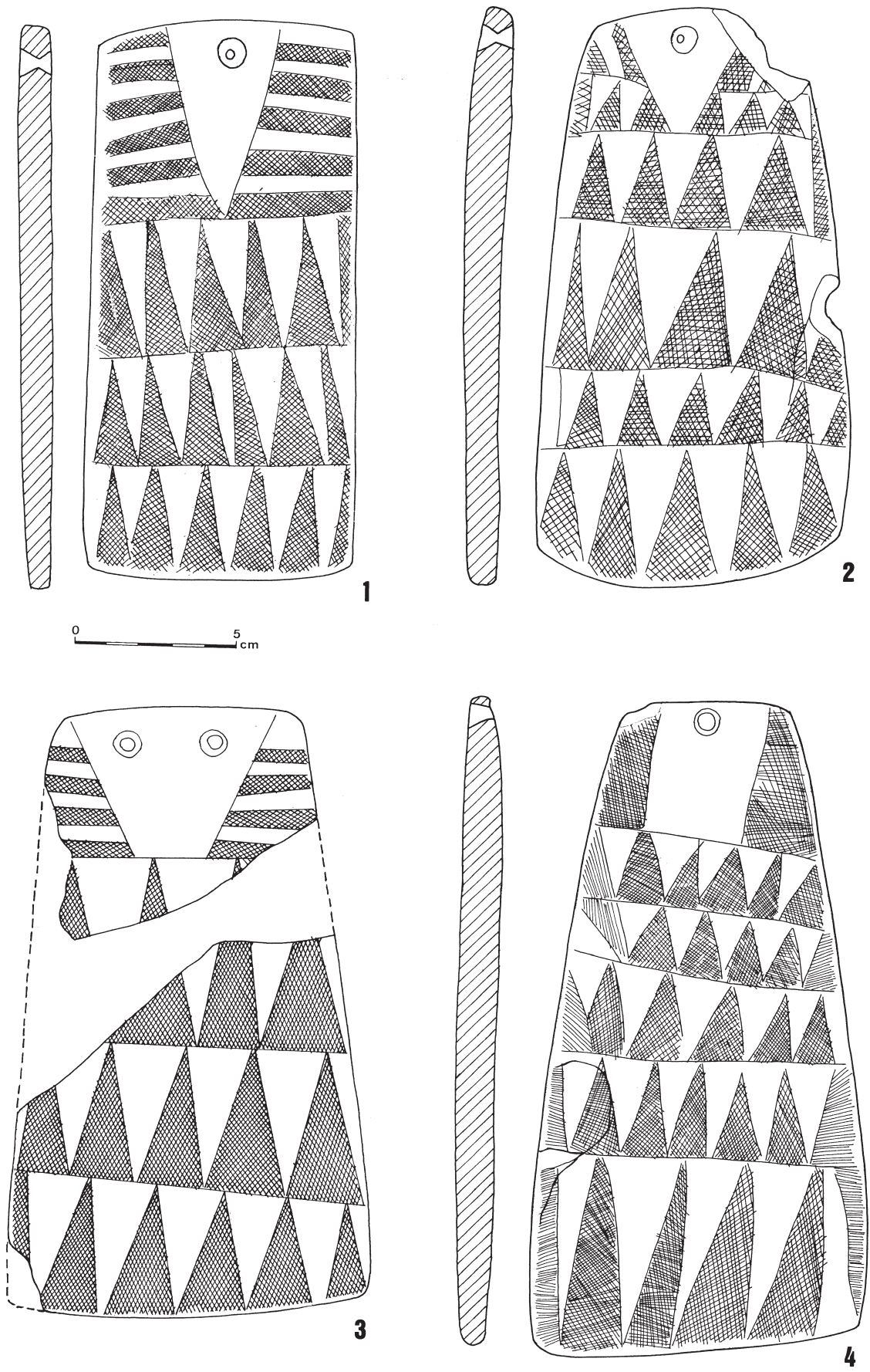


Fig. 55 – Placas de xisto da gruta da Casa da Moura.

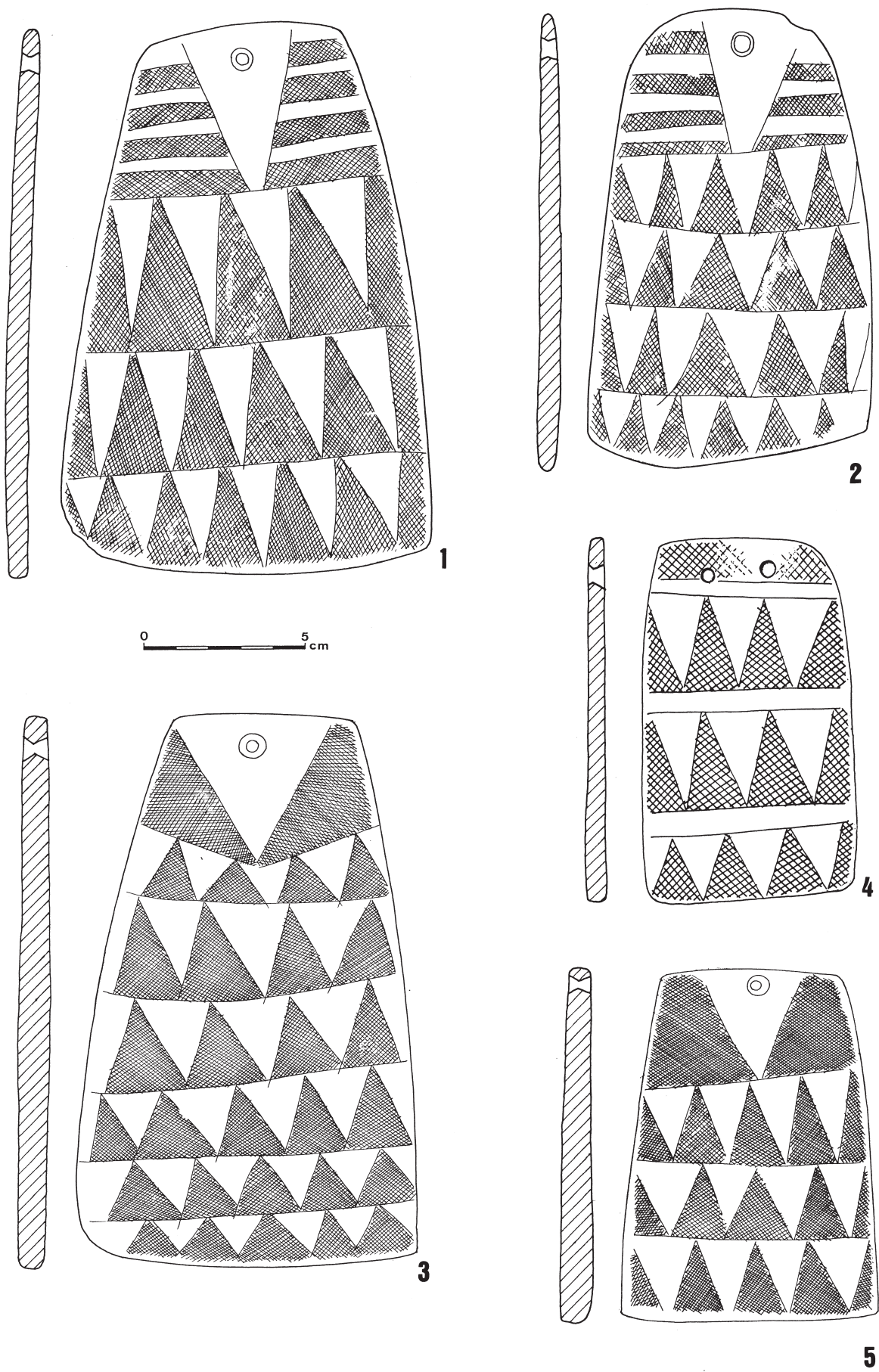


Fig. 56 – Placas de xisto da gruta da Casa da Moura.

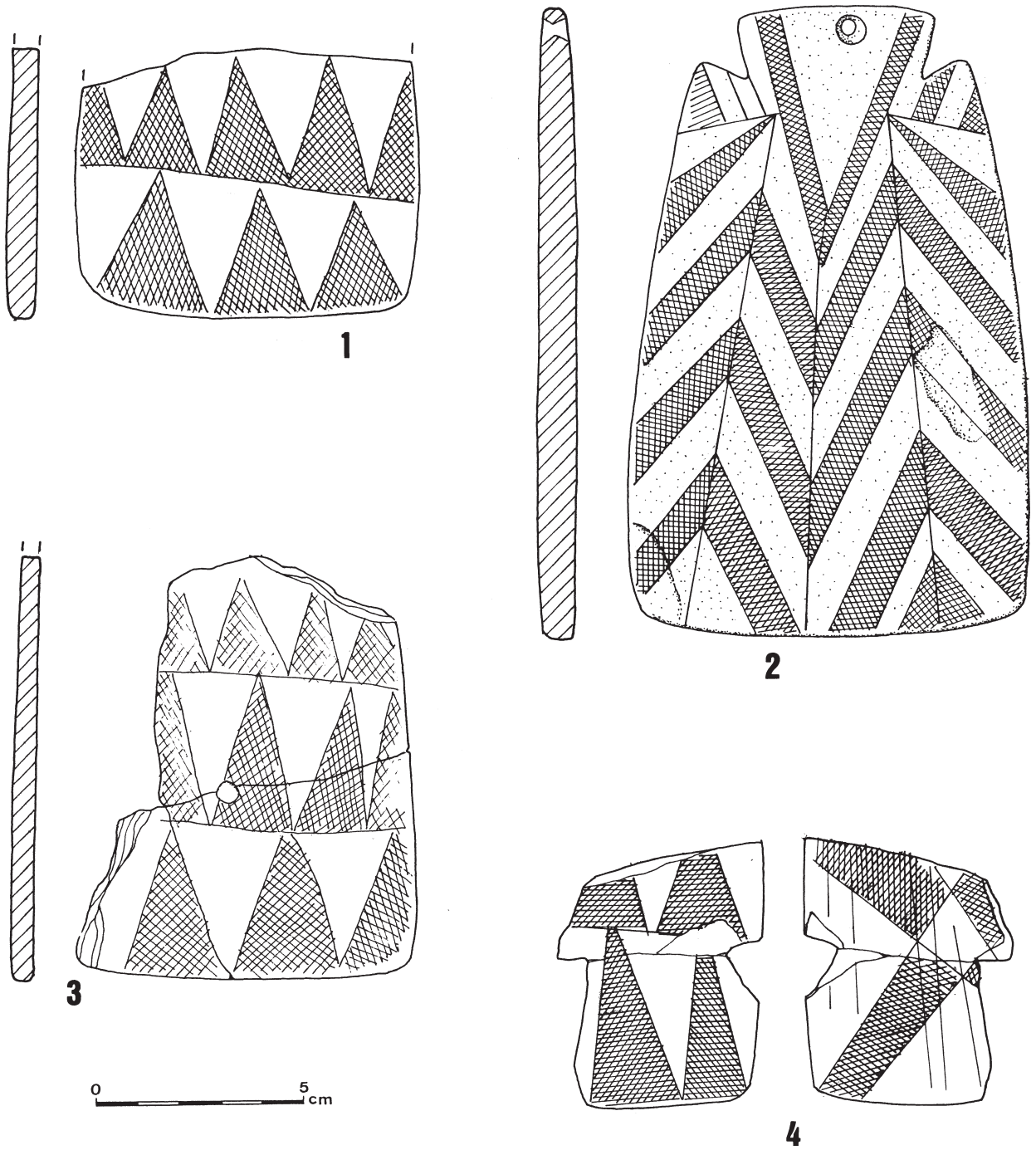


Fig. 57 – Placas de xisto da gruta da Casa da Moura.



Fig. 58 – “Báculo” de xisto decorado em ambas as faces e com uma fiada de perfurações junto à base, da gruta da Casa da Moura.

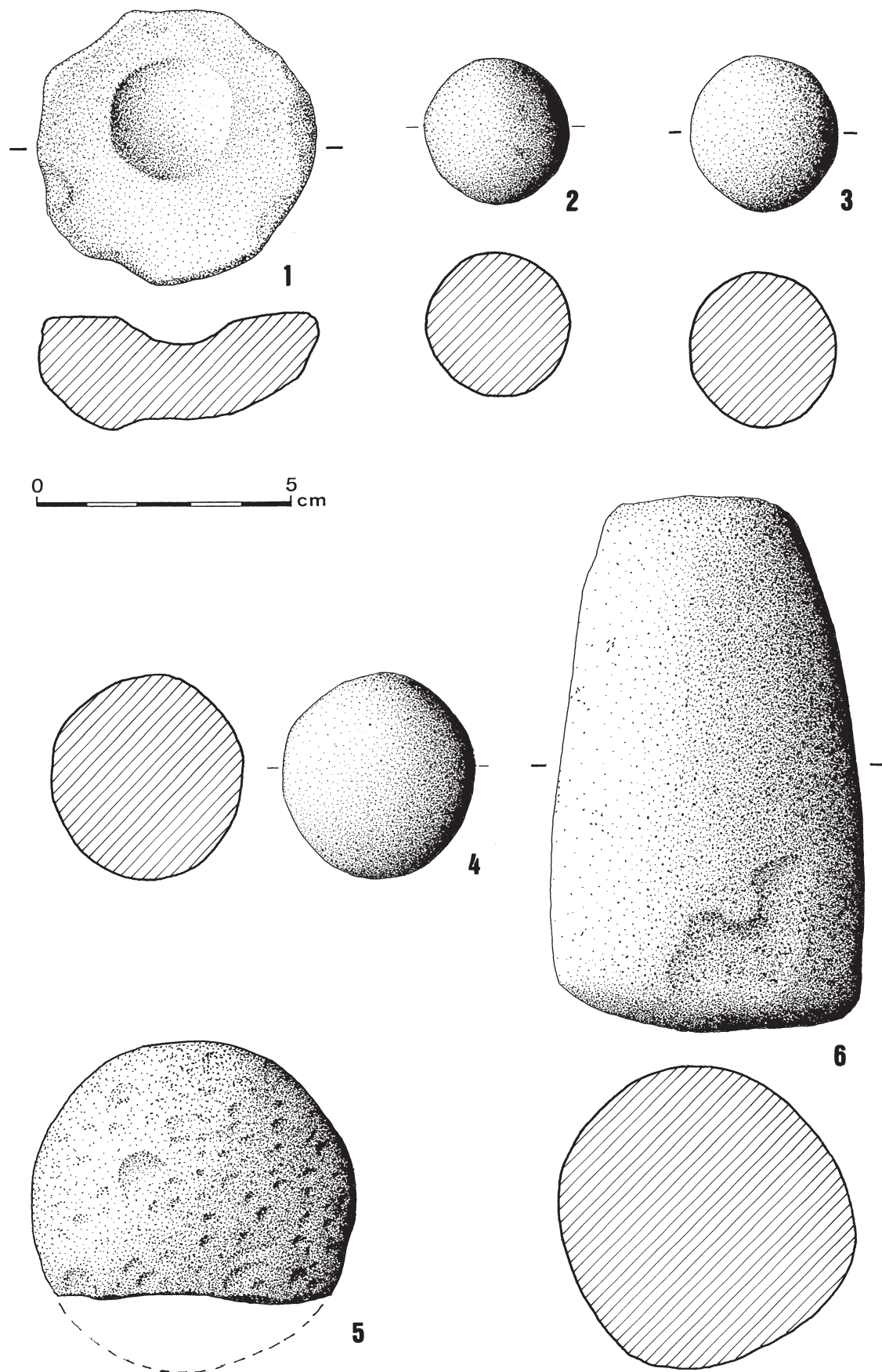


Fig. 59 – Amoladeira, esferóides e bétilo da Casa da Moura.

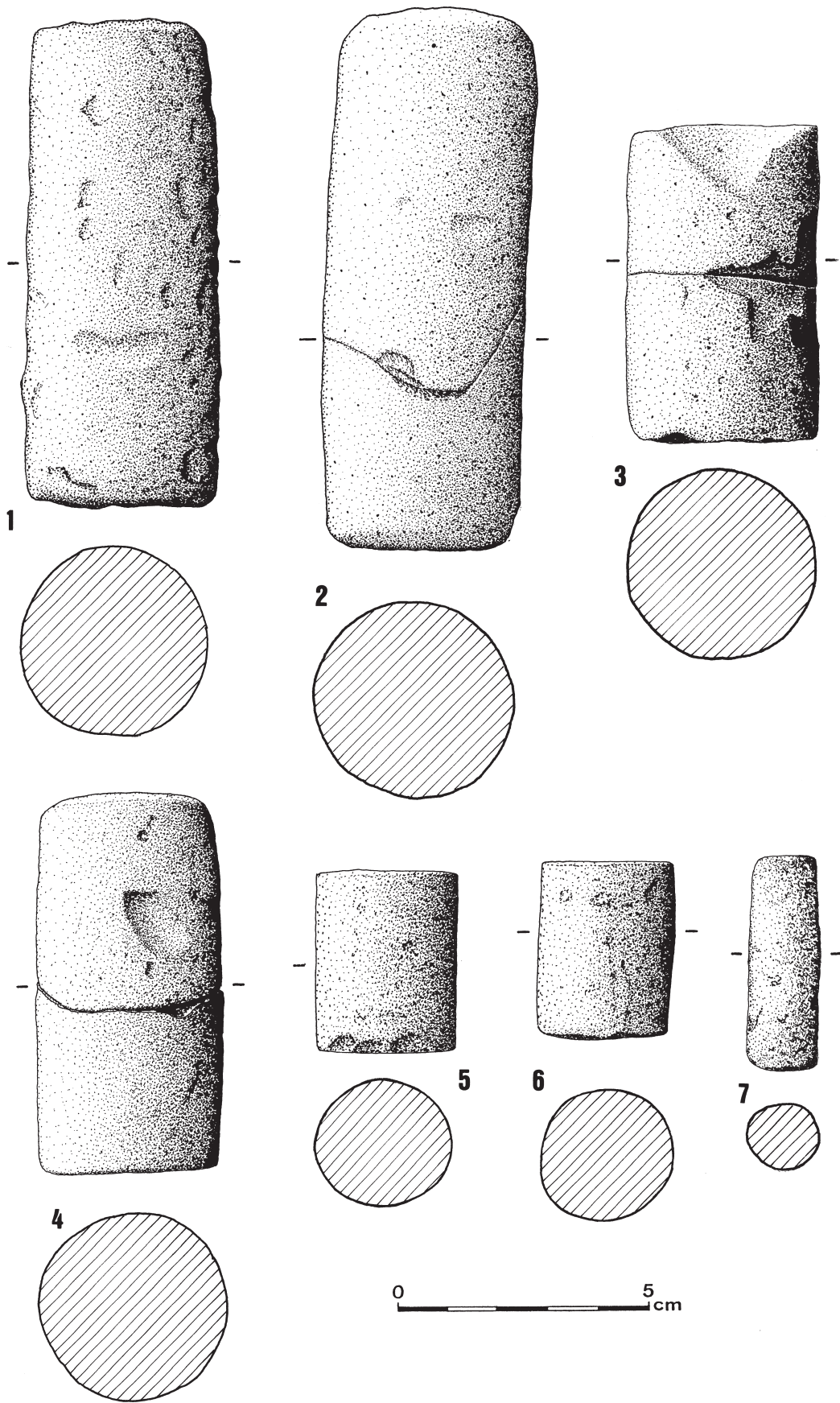


Fig. 60 – Cilindros de calcário lisos da gruta da Casa da Moura.

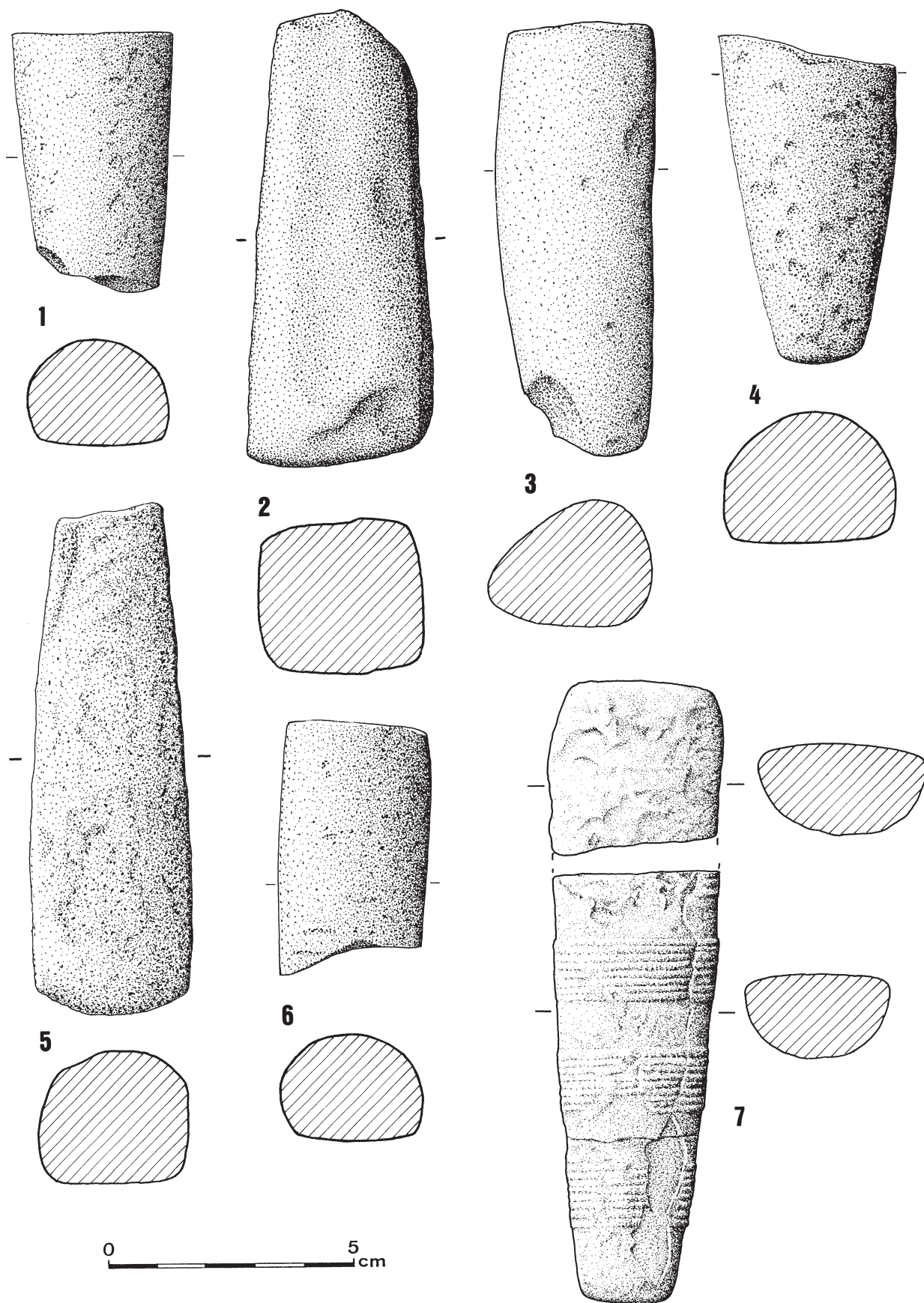


Fig. 61 – Hemicilindros de calcário lisos (incluindo um de secção quadrangular) e decorado da gruta da Casa da Moura.

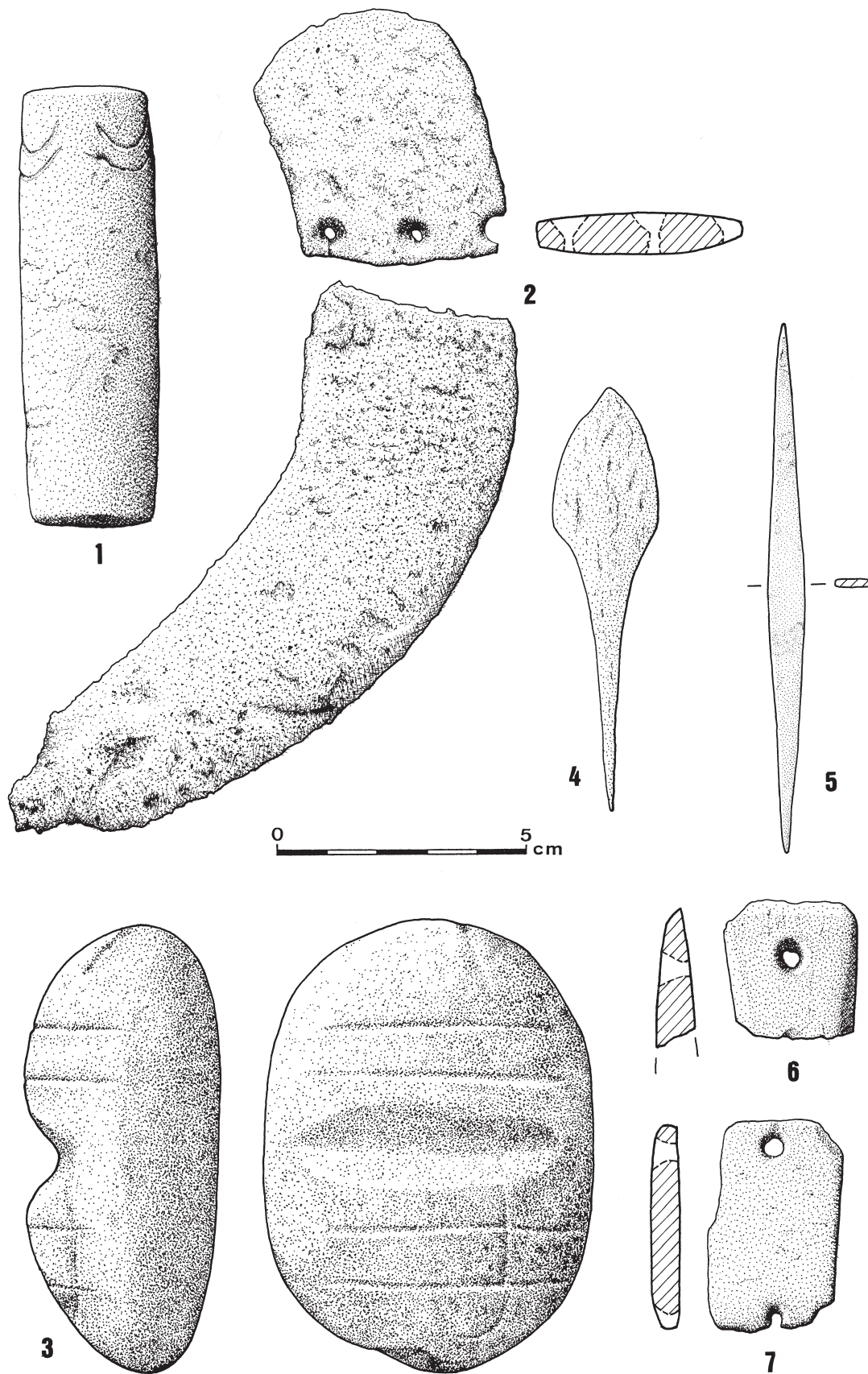


Fig. 62 – Peças de carácter ideotécnico de calcário (1 a 3), ponta Palmela (4), furador losânguic (5) e braçais de arqueiro (6 e 7), da gruta da Casa da Moura.